Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 224 6$00

QUINTA-FEIRA 9 DEZEMBRO 1976

Bombistas impunes voltam a actuar

LISBOA QUASE SEM ÁGUA

. O rebentamento de uma potente carga de plástico (gelamonite) colocada, cerca das duas horas desta madrugada, na parte inferior de um dos três troços do aqueduto Tejo, nas proximidades da Póvoa de Santa Iria, veio afectar gravemente o abastecimento de água à região de Lisboa, que ficou reduzido a 10 por cento.

«Mal ouvi a explosão corri logo para a rua, a tempo de ver três ou quatro indivíduos a fugirem entre as árvores, mesmo junto ao aqueduto, na direcção da estrada que segue para Vila Franca. Mas como a noite estava escura e chuvosa, não fui capaz de lhes ver a cara com precisão», revelou ao «DL» o guarda da noite da empresa Soda Póvoa, José da Silva, cujas instalações ficam situadas no outro lado da estrada, e em que o local da sabotagem é perfeitamente visível durante o dia.

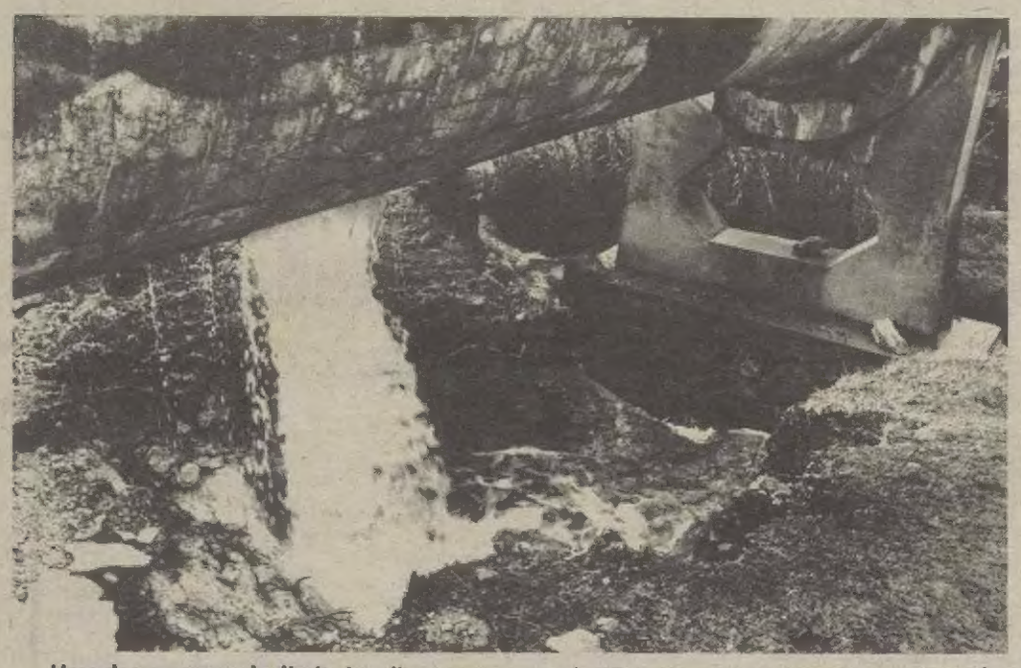
Segundo o engenheiro da E.P.A.L. que, esta manhã, chefiava uma brigada de técnicos e de operários empenhados na reparação do enorme rombo provocado pela explosão, os trabalhos de detonagem deverão estar concluídos até ao fim da tarde de amanhã. «Até lá o abastecimento de água à capital será feita pelo aqueduto de Alviela, de calibre e força de pressão muito menores, o que o torna apto a fornecer apenas cerca de 10 por cento da água necessária para os consumos normais».

Sob o aqueduto danificado, com a extensão visível de 12 metros e cuja data de construção remonta a 1930, encontra-se uma vala que, apesar dos esforços dos operários e da conduta ter sido isolada às cinco horas a partir da central da Póvoa de Santa Iria, estava quase transformada num pequeno riacho, tal a intensidade com que a água saía do enorme rombo, com cerca de dois metros de diâmetro.

«Estes tipos das bombas quando actuam é sempre para prejudicaram as classes trabalhadoras. Foi com os comboios e é agora com a água. Está à vista, que, mesmo que quisessem, não podiam ocultar os interesses que perseguem» comentou um dos populares que, embora mantidos à distância por uma força da G.N.R. vinda expressamente de Vila Franca de Xira, observavam num morro adjacente o resultado do criminoso atentado.

Ao local deslocou-se uma brigada da Secção de Minas e Armadilhas que recolheu partículas de explosivo para análise. Também estiveram presentes elementos da Polícia Judiciária.

Entretanto, a E.P.A.L. tornou público um comunicado em que apela para o civismo da população, «no sentido de utilizar a água da rede de abastecimento só para bever ou para outros fins estritamente indispensáveis». Esta manhã, e em resultado do incidente, já estavam a ser seriamente afectadas as zonas de Olivais, Alvalade, Estrela, Graça e Areeiro.



Uma das ameaças da direita imediatamente antes do 25 de Novembro cumpriu-se esta madrugada: o abastecimento de água a Lisboa ficou severamente reduzido por uma explosão de gelamonite. Nas fotos vê-se a conduta sabotada

A LEI DA BOMBA

A ofensiva terrorista prossegue. Dir-se-á mesmo que vem adquirindo uma sistemática continuidade e que as autoridades, às quais compete velar pela segurança pública, já se conformaram com a sua surpreendente, desmoralizada e desmoralizadora, ineficiência. Os bombistas andam à solta. Gozam da mais perigosa impunidade. Recebem público aplauso, ou públicas demonstrações de compreensão e de apreço. Beneficiam do equívoco político que rodeia o «bombismo».

Há dias um senhor ministro falou displicentemente, de «bombismo de dois bordos». Parece que tinha razão. Efectivamente, Lisboa, a capital do País, a sede do Governo, foi atacada do lado ocidental — o atentado contra as linhas férreas do Estoril e de Sintra; hoje, acaba de ser atacada pelo lado oriental — o atentado contra o principal condutor de água. Quis-se atentar, em ambos os casos, numa acção indiscriminada, odienta e cega, contra as populações.

Este terrorismo será de «dois bordos» no ataque à população de Lisboa e dos arredores; será de «dois bordos» na actuação regular e na localização das suas actividades; mas é de um só bordo político: é «terrorismo da direita», é «terrorismo reaccionário».

Num desafio ao Presidente da República e ao Governo, e procurando, em vésperas de um novo acto eleitoral fazer a demonstração de uma perturbadora falta de segurança pública; provocando, com a insegurança da vida corrente a desestabilização da vida política — os extremistas da «direita» visam criar o clima propício para o «golpe de Estado técnico».

Os inimigos da liberdade e da democracia não hesitam contra os meios que

Continua na pág. 24

Combate ao terrorismo: deficiência nas investigações?

. Enquanto Ramalho Eanes continua bastante interessado no desmantelamento da rede terrorista, nota-se com preocupação, que parece haver pouca correspondência àquele interesse por parte de algumas pessoas ligadas às investigações.

Uma das interrogações que se coloca diz respeito ao atentado contra Lopes Cardoso. Segundo consta, a P. J. de Lisboa disporia já de elementos que poderiam levar à identificação do presumível autor. Diz-se ainda que a P. J. M. conhece também aquele pormenor mas que não dispõe dos elementos resultantes das necessárias investigaçoes que a habilitem a actuar. Recorda-se, a propósito, que a morosidade havida no desenvolvimento de certos processos tem levado a que alguns suspeitos se ponham a salvo, além fronteiras...

As dúvidas que se levantam dizem também respeito à constatação de que os bombistas passaram ultimamente a actuar preferencialmente em Lisboa, e põe-se a questão de se saber se tal facto, não se poderá relacionar com deficiências no controlo das actividades terroristas, que se registam na capital.

GREVE DOS C.T.T. NO DIA 15?

. Hoje e amanhã, por voto secreto, vão os trabalhadores dos CTT pronunciar-se sobre a entrada ou não em greve no próximo dia 15, caso o Governo não venha a aceitar a proposta de salários a incluir no novo Acordo Colectivo de Trabalho da empresa.

Em conferência de Imprensa, os dirigentes sindicais recordaram que 20 mil dos 30 mil trabalhadores dos CTT recebem salários entre os 5 mil e 500 e os 7 mil escudos os mais baixos de todo o sector das telecomunicações e acusaram a administração de tudo fazer para contrariar as reivindicações dos trabalhadores. A contraproposta salarial da administração foi classificada de vergonhosa e de não ter em conta o aumento galopante do custo de vida. Durante a conferência de Imprensa foi relatado o encontro dos dirigentes sindicais com o Primeiro-Ministro, que os recebeu durante cerca de uma hora. Ao que foi dito, «Mário Soares reconheceu a razão que assiste aos trabalhadores». Estes, por seu lado, fizeram ver «que não podem só viver da razão, mas também do que recebem no fim do mês».

Barreto falou, Sindicatos reagem

Numa comunicação, bastante publicitada, e que se esperava entretanto vir a ser feita somente após as eleições, o ministro da Agricultura e Pescas, dr. António Barreto (titular ainda da pasta do Comércio Interno e Turismo) falou ontem na RTP durante cerca de uma hora de questões respeitantes exclusivamente, ao Alentejo.

Sem quaisquer referências a alguns assuntos do seu pelouro, como as pescas e a situação do campesinato do norte e centro do país, o dr. António Barreto acabaria por falar de «tudo o que se fez de mal no seu entender no domínio da Reforma Agrária», adiantando que ela teria de continuar, mas em «moldes profundamente diferentes».

Após um ataque directo ao PCP que, ainda no entender deste ministro, tentou, com «grupos extremistas e civis» a «conquista territorial e de colonização do Alentejo», o substituto de Lopes Cardoso faria considerações sobre a Reforma Agrária produzida na União Soviética após a Revolução de Outubro de 1917. Escamoteando as acções violentas e terroristas desencadeadas pelas forças reaccionárias internas, e o bloqueio imperialista àquele país (e suas consequências de fome) nos primeiros anos da sua Revolução, o ministro António Barreto usou das câmaras da RTP para afirmar que «a colectivização forçada» na U.R.S.S. se cifrara em «mais de 10 milhões de camponeses massacrados» e considerar a nossa Reforma Agrária uma «máquina infernal organizada pela extrema esquerda a fim de instaurar um Estado privado no Alentejo».

Depois de citar o que considerou «irregularidades» relacionadas com as contas das cooperativas e unidades colectivas e crédito agrícola de emergência e as estatísticas, o ministro avançou com o seu programa para a Reforma Agrária que baseou na constituição de novas cooperativas agrícolas. Acentuou que será garantido a todos os grupos de trabalhadores que o desejem a possibilidade de criação das mesmas», com o objectivo aparente, de as tornar dependentes do Governo, criar divisões nas unidades colectivas e enfraquecer os sindicatos.

Continua na pág. 24

24 PÁGINAS

Governo concretiza alterações à lei dos despedimentos

(PÁG. 11)

Política de A a Z

DECLARAÇÕES POLÍTICAS DE JORGE CAMPINOS

Aos jornalistas, numa daquelas entradas para São Bento que vão ficar na história das «originalidades» da nossa vida política, o ministro Jorge Campinos prestou declarações. Deixou-se interrogar demoradamente. Não se limitou, porem, a alfinetar um Sá Carneiro, um Magalhães Mota... Não se limitou à defesa da sua dama... (o Partido Socialista). Não se limitou a denunciar as coligações (discretas, mas concretas; locais, zonais, regionais) do P. P. D./P. S. D. e do C. D. S. Do que aos jornalistas disse o ministro Jorge Campinos cumpre destacar afirmações cujo conteúdo político merece ser considerado por todos os democratas, por todos os antifascistas:

«Nunca foi feito infelizmente o processo do Estado Novo; nunca foi feito o processo da P. I. D. E.; nunca foi feito o processo da Legião Portuguesa. A opinião pública não sabe bem o que foi o Estado Novo, a corrupção, os crimes cometidos, o vandalismo, a utilizaçao da coisa pública. Eu espero, como democrata e como cidadão que isso será feito, embora comece a ser um pouco tarde.»

Declarações de um membro do Governo que é no Partido Socialista um dirigente nacional com influência, não deverão ficar reduzidas a meras palavras de confiança ditas aos jornalistas que, ocasionalmente, o interrogaram. Devemos esperar de Jorge Campinos, como ministro (e nessa qualidade respondia), como democrata (e essa qualidade ele na ocasião invocou), que se empenhe, com todo o seu vigor e toda a sua influência no seio da direcção do P. S., para que tenham lugar os processos do «Estado Novo», da «P. I. D. E.», da «Legião Portuguesa»; para que ao País seja dado o público esclarecimento daquilo que verdadeiramente foi o regime fascista dos Salazar e dos Caetano, dos grandes e dos pequenos, porque os houve de todas as dimensões e para os mais variados usos e abusos, civis e militares, religiosos e profanos, analfabetos brutos e obscurantistas cultos. A escalpelização do «salazarismo», a desmistificação cabal do «caetanismo», estão por fazer. Da sua elementar necessidade política parecem muitos já distraídos. Cabe a democratas como Jorge Campinos, com o poder que detém, não se deixarem converter em passivos comparsas da «grande operação de lexívia»: desculpabilizar, ilibar, absolver, esquecer.

DECLARAÇÕES PARTIDÁRIAS DE JORGE CAMPINOS

Teriam os jornalistas falado ao ministro Jorge Campinos em «esquerda». A resposta de Jorge Campinos foi introduzida pela ênfase de uma pergunta a trair surpresa: «Esquerda? Qual esquerda?» E, por sua vez surpreendidos, os jornalistas escutaram estas palavras seguras, categóricas: «Não há esquerda para nós. Nós somos o único partido de esquerda em Portugal.»

«Nós», leia-se: o Partido Socialista. Segundo o ministro Jorge Campinos, membro da Comissão Nacional do P. S., para o seu partido não existe «esquerda». O P. S. é a «esquerda»; não existe esquerda além do P. S., diferente do P. S., diferenciada do P. S. Os eleitores de Otelo, os eleitores de Octávio Pato, não são «esquerda». A actual F. E. P. U. não é «esquerda»; os G. D. U. P.'s não são «esquerda».

Estamos perante uma estreita visão partidária que não facilita a justa análise da correlação de forças. Pressente-se, aqui, o triunfalismo pré-eleitoral para impressionar a plateia. Mas a realidade é teimosa. A sua expressão aritmética vai reafirmar-se. A sua presença política não poderá ser ignorada. O P. S. não pode confinar-se ao «patriotismo partidário», à ortodoxia maioritária de um congresso atabalhoadamente concluído, às pretensões hegemónicas de uma corrente. A «esquerda» existe no País, nas classes trabalhadoras, nos meios intelectuais, nos meios militares, no próprio Partido Socialista. E é na «esquerda» que os democratas, que os antifascistas, civis e militares, terão que procurar apoio para iniciativas como aquelas de que fala um Jorge Campinos: fazer os processos do «Estado Novo», da «P. I. D. E.», da «Legião Portuguesa». Reconhece o ministro Jorge Campinos que começa a ser um pouco tarde. Damos-lhe razão. Mas depende pessoalmente de Jorge Campinos, também, a abertura do diálogo com a «esquerda» que permita, dentro e fora do P. S., andar mais depressa.

DECLARAÇÕES SOBRE O ORGULHO PRÓPRIO

Se o Partido Socialista fosse na Assembleia da República «censurado» (o que não considera provável), se fosse obrigado a largar as rédeas do Poder (o que lhe parece ser «uma abstracção»), diz-nos o ministro Jorge Campinos: «Sairíamos do Governo com a cabeça bem erguida.» Mas não é disso que se trata. O problema é outro: não se deseja uma queda do «Governo socialista» que abra as portas de São Bento aos partidos do «centro-direita» e da «extrema-direita». Não se deseja que o Partido Socialista saia do «Governo com a cabeça bem erguida», mas que, «com a cabeça bem erguida», governe, os olhos postos no «país real», os olhos postos nos interesses reais das classes trabalhadoras, na defesa da independência nacional, da via socialista, da Constituição.

E deseja-se, também, que o «orgulho partidário», se não converta em «exclusivismo partidário», em «partidatite» e em «partidarização» do Estado. Governar não é monopolizar, quer o espaço governativo, quer os lugares no aparelho-do-Estado.

DECLARAÇÕES SOBRE A TÁCTICA ALHEIA

Na opinião do ministro Jorge Campinos, o dr. Sá Carneiro tem problemas eleitorais: «Está preocupado com o C. D. S., quer recuperar à direita...» A «viragem à direita» do P. P. D./P. S. D. coloca o C. D. S. numa situação difícil porque desse modo o seu espaço político será atingido pelos movimentos convergentes do «partido» de Sá Carneiro e do «movimento» de Kaúlza de Arriaga. Do «centro» para a «direita», atacará o P. P. D./P. S. D., da «extrema-direita» para a «direita» processar-se-á o recrutamento do M. I. R. N. Começa, portanto, a ser insegura a posição do grupo Freitas do Amaral. Insegurança que explica um endurecimento recente de linguagem, o tom ameaçador despropositado de uma campanha para as autarquias locais.

Nacional

CONSELHEIROS DA REVOLUÇÃO NA ROMÉNIA

Hora e meia com Ceausescu

BUCARESTE, 9 (ANOP-DL) — O Presidente da República Socialista da Roménia, Nicolae Ceausescu, recebeu ontem à tarde em audiência os três conselheiros da Revolução portuguesa que se encontram de visita à Roménia: o brigadeiro Franco Charais, o tenente-coronel Ribeiro Cardoso e o comandante Victor Crespo. O encontro teve lugar na sede do Conselho Nacional da Frente de Unidade Socialista (FUS), e a ele estiveram presentes ainda o embaixador de Portugal em Bucareste, Novais Machado, o vice-presidente da FUS, Corneliu Manescu, o secretário do comité central do PC romeno para as relações exteriores, Stefan Andrei, e ainda o general George Gomoiou, vice-ministro romeno da Defesa Nacional. A audiência prolongou-se por cerca de hora e meia. O enviado especial da ANOP assinala o facto, porque, normalmente, as audiências de Ceausescu não vão além de uma hora.

Citando fontes locais, o enviado da agência portuguesa diz que o encontro decorreu em ambiente de cordialidade. Alguns observadores adiantaram que as relações entre Portugal e a Roménia foram naturalmente um dos temas debatidos. Por outro lado, e tendo-se em conta a sabida importância que Ceausescu atribui aos acordos de Helsínquia, fontes ligadas à FUS afirmam que a concretização prática das conclusões da cimeira na Finlândia foi outro dos assuntos focados. Outros temas com fortes probabilidades de terem sido debatidos, segundo o enviado da ANOP, dizem respeito aos aspectos mais salientes das políticas de Portugal e da Roménia, bem como a assuntos de actualidade internacional e de interesse para os dois países. Os observadores declaram que as boas relações dos dois países com o grupo dos não-alinhados constituem um factor de aproximação entre Portugal e a Roménia e um dos contributos mais importantes para os laços de amizade entre os dois povos.

A Imprensa, a rádio e a televisão romenas estão a dar grande relevo à visita dos conselheiros da Revolução portuguesa, e salientaram a importância do encontro com o Presidente Ceausescu. A televisão dedicou mesmo um programa especial à audiência, com imagens da primeira parte das conversações. No entanto, a tónica dos comentários incide principalmente sobre as novas perspectivas de desenvolvimento que se abrem às relações entre Portugal e a Roménia, na sequência do encontro de ontem.

CHARAIS FALOU

Franco Charais, Ribeiro Cardoso, Victor Crespo e os restantes elementos da comitiva (entre os quais o brigadeiro Hugo dos Santos, comandante da RMC e de momento em Bucareste aonde veio ainda na sua qualidade de adido militar nesta capital) foram ontem obsequiados com um jantar na FUS por dirigentes desta Frente. Durante o jantar, falou o vice-presidente desta organização, Corneliu Manescu, que saudou nos conselheiros da Revolução os «homens generosos e honestos» e salientou a importância dos laços culturais e linguísticos que reforçam as relações entre Portugal e Roménia.

Falando pela parte portuguesa, Franco Charais começou por salientar o ambiente que os visitantes foram encontrar em Bucareste, agradeceu o espírito de amizade manifesto pelos dirigentes romenos e referiu-se a Portugal e à actual situação portuguesa. Em Portugal — disse Charais, falando do processo político posterior ao 25 de Abril de 74 — foram já conseguidos três pontos fundamentais do programa do MFA: os que se referem à descolonização, à democratização e à liquidação dos monopólios económicos.

Nota curiosa, assinala o enviado da ANOP: durante o jantar, foi executado, pelo agrupamento musical do hotel, o texto musical da canção portuguesa «Coimbra», mais conhecida por «Abril em Portugal», e conhecida na Roménia pela interpretação de Amália Rodrigues.

A visita dos conselheiros prossegue hoje. Os conselheiros devem regressar amanhã a Lisboa.

Universidade: comissões directivas contestadas

COIMBRA, 9 — Na Assembleia Magna da Academia de Coimbra que teve lugar na passada terça-feira, com a presença de cerca de dois mil estudantes, foi rejeitada uma moção que apontava para greve geral até à próxima sexta-feira (com ocupação da escola) e foi deliberada a realização de plenários em todas as faculdades, para elaboração dos regulamentos internos da escola, que «inviabilizem projecto de gestão antidemocrática». «Nestes plenários serão ainda eleitas «comissões de escola». Durante a assembleia elementos do MRPP foram expulsos da sala por terem insistido em usar da palavra, «quando sabiam perfeitamente — declara o presidente da Mesa da Assembleia Geral — que o não poderiam fazer». Comenta: «Constituiu uma provocação que exaltou os ânimos e conduziu à sua expulsão da sala».

Entretanto, na sequência da demissão colectiva dos Conselhos Directivos entraram já em funcionamento, as comissões directivas provisórias criadas ao abrigo do despacho 348/76 de 30 de Novembro último, sendo presidentes os professores Teixeira Ribeiro, Luís de Albuquerque, Helena Rocha Pereira e Henrique de Oliveira, respectivamente nas Faculdades de Direito, Ciências, Tecnologia, Letras e Medicina.

C.D.'S CONTINUAM

Os Conselhos Directivos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Instituto Superior de Serviço Social, Instituto de Ciências de Biomédicas, Faculdade de Farmácia, de Lisboa, ainda que solidários com a luta da Universidade contra os decretos mais contestados do MEIC, nomeadamente o 781-A/76, decidiram não apresentar o seu pedido de demissão. Consideram os referidos Conselhos Directivos que «nos seus casos concretos a manutenção em funções é, de momento, a forma de luta mais adequada para a defesa da gestão democrática e do funcionamento das escolas».

ECONOMIA: PROFESSORES EXIGEM A REABERTURA

PORTO, 9 — O corpo docente da Faculdade de Economia do Porto, encerrada anteontem por decisão do MEIC, tomou posição sobre os factos ocorridos durante uma reunião em que estiveram presentes 77 professores. Dessa reunião saiu um telegrama para o MEIC aprovado por 67 votos a favor e duas abstenções (estas por insuficiente esclarecimento dos factos ocorridos). No momento da aprovação permaneciam na reunião 69 dos 77 iniciais, tendo a reunião acabado já na madrugada de ontem. No texto do programa os professores daquela Faculdade consideram a «manifesta desproporção entre os factos verificados e a reacção ministerial» tendo deliberado solicitar ao MEIC (um inquérito, imediato sobre os factos ocorridos, o qual deverá ser realizado por pessoa de reconhecida idoneidade e isenção e alheia a esta universidade). Noutro ponto os professores exigem também a imedita reabertura da FEP e a revisão da composição da CDP» (Comissão Directiva Provisória).

Os professores abordam ainda no texto do seu programa ao MEIC a composição da actual Comissão Directiva e o teor do despacho que determinou o seu processo de constituição. Assim, afirmam: «Seria lícito esperar que, conforme o citado despacho, o professor catedrático dr. Armando Castro fosse incumbido pelo Ex.mo sr. reitor interino da Universidade do Porto, prof. doutor Silva Pinto, da constituição daquele órgão transitório». Manifestam a sua estranheza pelo facto de aquele professor catedrático não ter sido contactado «em nenhum momento» pelo reitor e acrescentam que nos termos do despacho do MEIC a Comissão Directiva deveria ser constituída pelas seguintes pessoas: prof. catedrático Armando Castro, prof. extraordinário Conceição Nunes, prof. auxiliar Batista Machado, o assistente mais antigo da Faculdade e ainda, como quinto elemento, o chefe da secção de secretaria da Faculdade. Afirmam por outro lado que a «composição inesperada da CDP suscitou, entre professores, alunos e funcionários, uma compreensível perplexidade que não foi dissipada, até ao momento, pelas contraditórias e pouco convincentes explicações apresentadas, aliás tardiamente, pelo professor Conceição Nunes».

Também a Associação dos Estudantes daquela Faculdade, no comunicado em que repudiava a atitude de um pequeno grupo de alunos que interrompeu na segunda-feira passada a reunião da CDP, manifestava a sua estranheza pelo facto daquela comissão não incluir o nome do professor catedrático Armando Castro.

RIGOROSAMENTE
PROIBIDO A ADULTOS

ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL 87 44 76

ESTREIA NO SÁBADO
ÀS 16 HORAS

«OS OPERÁRIOS DO NATAL»

ESPECTÁCULO INFANTIL PARA TODAS AS IDADES
LOTAÇÃO ESGOTADA NA ESTREIA
DOMINGO: «MATINÉE» ÀS 14.30 HORAS

post-scriptum

13.º Mês: extra para «desempenar» as dívidas

Dê-se como exemplo, o caso de um casal, ambos empregados, sem filhos, e que auferem cada um mais de 7 contos. Assim, na época do 13.º mês, não serão totalmente afectados a não ser na diferença de 7 contos para um maior quantitativo, o que embora não sendo nada de especial, constitui, contudo, um benefício relativo de 14 contos.

No entanto, figuremos um mesmo casal, mas em que um só dos elementos esteja empregado, e que tenham um ou mais filhos, como infeliz ou felizmente é da prática corrente. Esse mesmo casal como 13.º mês recebe o máximo de 7 contos a repartir por muitos mais elementos constitutivos do seu agregado familiar. Já não se discute a justicibilidade ou não deste preceito, mas a evidência de um tal desarmónico e tecnocrático critério, parece ser muito discutível.

Finalmente, que dizer dos que durante o mês recebem ou têm o suficiente para poder dispensar o almejado 13.º mês, o qual na maioria dos casos, constitui um extra para «desempenar» as dívidas ou as privações aglomeradas durante o ano?

J. D. G. V.
LISBOA

O Congresso da Unidade e os sindicatos paralelos

O Congresso de todos os sindicatos avizinha-se. A sua principal divisa será o reforço da unidade dos trabalhadores à volta dos objectivos históricos que os trabalhadores necessariamente terão de realizar e a defesa das conquistas já alcançadas e actualmente tão ameaçadas. Os vaticínios dos divisionistas caíram por terra, como cairá tudo o que se opuser às classes revolucionárias no seu movimento ascensional para o futuro. Porém, é erro pensar que os divisionismos deixaram de existir ou que são susceptíveis de se desenvolverem. Eles existem, de facto, e poderão, mesmo assumir proporções imprevisíveis se não se desmistificar a tempo o falso pluralismo que os alimenta. «Pluralismo» que prometia participação saudável na diversidade (diversidade que não excluía a unidade), mas só criou cisão entre os trabalhadores como era aliás o seu objectivo. A primeira e a mais desejada consequência desse pluralismo, no campo sindical, foi o aparecimento de excrescências execráveis chamadas sindicatos paralelos. «Sindicatos» de raíz reaccionária que acabaram por confundir trabalhadores ingénuos mas honestos e que, por isso, merecem ser esclarecidos e solicitados para a grande causa da unidade, que também é deles.

Tornou-se claro que, tais agremiações são a confirmação disfarçada no espírito e sua convocação, dos ex-sindicatos nacionais corporativos-fascistas. Muitos deles, aliás, até disfarçam muito mal, como é o caso do Sindicato Nacional dos Enfermeiros Diplomados (S. N. E. D.) em que não houve sequer a preocupação de mudar a segunda sigla. Ele é, efectivamente, um verdadeiro «sindicato nacional» na significação sindicalista do termo. Nasceu por incompatibilidade com a revolução. O 25 de Abril possibilitou o controlo da vida sindical pelos trabalhadores. Que fez então a antiga direcção e seus sequazes? Incapazes de se submeterem à ordem democrática, e sentindo os seus privilégios ameaçados, pegaram na trouxa (ninguém os mandou embora, enquanto membros da assembleia geral) e foram fazer o «seu» sindicato para outro lado... Depois deram-lhe um nome pomposo: S. N. E. D. Nome, por sinal, a um tempo, expressivo e falso. Expressivo, porque os seus fundadores nem sequer lhe mudaram a máscara e deram-lhe o único nome que deve ter: sindicato nacional. Apenas elidiram o objectivo corporativo e como não têm coragem de se chamarem a si próprios reaccionários, dizem-se «pluralistas», mas abstraindo alguns trabalhadores incautos, muitos dos seus simpatizantes não passam de meros frustrados que sublimam as suas frustrações alturas. Muitos preferiam mesmo que em vez de S.N.E.D., a agremiação se chamasse Ordem; o nome é falso porque qualquer enfermeiro para ser sócio de um dos quatro sindicatos do País, precisa de ser diplomado e ter o seu diploma homologado no I. N. S. A. e registado na Direcção-Geral de Saúde. Portanto os sindicatos de enfermagem propriamente ditos, nunca poderiam ser uma associação de curiosos como o próprio nome S. N. E. D. sugere.

Por fim o S. N. E. D., para além de reaccionário, falso, paralelo e divisionista, é sobretudo insuficiente, porquanto por força dos seus estatutos (estatutos ilegais face à lei sindical, que foram aprovados por um tal Marcelo, Curto de seu nome) não dá cobertura sindical a cerca de 70 por cento dos profissionais de enfermagem, ao contrário dos outros sindicatos de enfermagem que abrangem todos os profissionais, independentemente do grau académico que possuam. O S. N. E. D. é, em boa verdade, uma caricatura sindical. Quer dizer: arroga-se o direito de equacionar e resolver os grandes problemas do grupo profissional, mas nega, como se disse, a participação dos mesmos de cerca de 70 por cento dos interessados.

O congresso sindical aproxima-se, e aberrações deste quilate não pode lá ter lugar, como é óbvio. Que os enfermeiros honestos que num momento de perplexidade aderiram a este apêndice reaccionário, modifiquem a atitude enquanto é tempo, a menos que queiram perder o comboio da História e serem justamente invectivados pelos outros trabalhadores. E é pena, porque somos cerca de 22 mil profissionais e merecemos o respeito dos outros trabalhadores, quer pelo número quer pela natureza social do nosso trabalho. Se divergências existem e dentro do nosso sindicato, do verdadeiro, devem ser discutidas e tratadas.

Manuel D. Fortunato Lopes
LISBOA

AS NACIONALIZAÇÕES — HERANÇA E PAPEL-MOTOR NO ARRANQUE DA ECONOMIA

A Economia antes dos cravos (I parte)

SOARES BENTO

Conseguir despertar o interesse necessário à identificação dos problemas da economia portuguesa, nos tempos anteriores ao 25 de Abril, já não é fácil, agora, quando tantos se esforçam por lançar sobre os sobressaltos e hesitações políticas do processo então iniciado, a razão desses problemas. Uns, por medo e impotência na ultrapassagem das dificuldades que se apresentam, outros, pela ganância divisionista do poder, como se a tarefa não exigisse a contribuição de todos. Outros, ainda, pela vontade de recuperar privilégios perdidos. De um modo geral, também, pelo cansaço que começa a assaltar todas as pessoas cuja mobilização fora tão fácil na, para sempre, célebre «festa dos cravos». Contudo, conhecer as deficiências do regime deposto, no campo da economia, é condição indispensável para compreender as suas asfixiantes estruturas políticas e culturais e é condição indispensável para compreender a Revolução. De outro modo, tratar-se-ia apenas de mudar os votagonistas a sentar nas cadeiras do Poder.

Foi já mencionado, em diversos documentos, que os grupos monopolistas que dominavam a nossa economia cresceram à custa dos seguintes factores básicos:

— protecção, em regime monopolista ou oligopolista, através das leis do condicionamento e de barreiras alfandegárias, não se instalando capacidade produtiva para satisfazer o consumo nem conquistar mercados externos, permitindo-se manter uma balança comercial fortemente desfavorável e dependente de áreas económicas restritas (EFTA e Mercado Comum)

— políticas de crédito e de preços favorecendo a grande propriedade e os grupos monopolistas

— política de rendimentos sem tributação pesada para as classes mais privilegiadas;

— exploração colonial em que o capitalismo português desempenhava o papel de intermediário entre o capitalismo internacional e a exploração colonialista em África;

— repressão de liberdades e direitos dos cidadãos que permitia a exploração da mão-de-obra e a contenção da actividade sindical e outros direitos dos trabalhadores;

— existência de consideráveis remessas de emigrantes e também na última década de soldos dos militares em África, que permitiram à Banca oligopolista a sua utilização em actividades especulativas e comerciais não produtivas;

— acesso à educação a nível médio e superior, apenas para uma minoria, enquanto se mantêm elevados níveis de analfabetismo.

Muitas análises já foram feitas, muitas considerações foram produzidas sobre o sistema económico que herdámos do fascismo. Por mais argumentos que se alinhem, por mais razões que se apontem para explicar a actual situação de crise que atravessamos, infalivelmente, pertinazmente, a direita, os saudosistas dos «bons-velhos-tempos» do salazar-caetanismo lá vêm com o estafado chavão de que «agora há défice da balança de pagamentos e prejuízos nas empresas nacionalizadas»..., esquecendo-se (coitados! — têm a memória curta) que a crise tem as raízes mergulhadas, por inteiro, nas estruturas produtivas que durante 48 anos (comparados com os 2 anos e meio passados sobre o 25 de Abril) é bastante tempo a mais, não é?! laboriosamente, pausadamente, mediocremente, arquitectaram.

Demonstrar tudo o que se disse não é fácil (e já foi feito inúmeras vezes), mas talvez seja mais oportuno, e eficaz, fazer essa demonstração através das análises, das considerações, das afirmações dos responsáveis do tempo do fascismo.

Tentaremos citar algumas que se espera possam ser considerados imparciais.

— Relatórios preliminares do IV Plano de Fomento, Abril de 1972:

«... Quanto à agricultura... existem efectivamente possibilidades de crescimento acelerado do sector (da ordem dos 3 por cento) mas exigem reconversões muito profundas nas estruturas de exploração e na composição da produção agrícola. Requerem, ainda, para além de decisiva intervenção do Estado, vultuosos investimentos e ousada iniciativa privada, cujo revigoramento, a prolongada crise do sector não estimula; acrescem as dificuldades decorrentes do pronunciado envelhecimento da população activa agrícola e o desencorajamento induzido pela diminuição da disponibilidade de mão-de-obra a baixos custos. **Com as estruturas de exploração existentes e a permanência do predomínio das culturas tradicionais é, todavia, seguro que as possibilidades de expansão se encontram fortemente cerceadas.**

Na ausência de reconversões necessárias, o problema dos «deficits» de oferta de certos produtos da agricultura terá de ser resolvido mediante o recurso mais intenso às importações — sem que daí resultem, de resto, problemas graves de pagamentos externos. Mas, já não poderá esperar-se que o aumento de rendimento por activo, em termos de atenuar a diferença entre o sector agrícola e os restantes sectores da economia, **resulte apenas da continuação do chamado êxodo rural e da emigração,** pois exigirá aumentos reais de produtividade mediante alteração nas condições técnicas de exploração».

Parece que os técnicos do tempo de Caetano já «anunciavam» a inevitabilidade da mudança da relação de propriedade, primeiro passo da futura Reforma Agrária!

Do mesmo documento: «... A indústria nacional está hoje colocada perante situações novas, que conferem à problemática da industrialização, na próxima década, características muito particulares. O fim de uma fase caracterizada pela substituição de importações e a viragem para os mercados europeus, com acrescidas exigências de competitividade, requerem a reorientação de produções e tecnologias, buscando aumentos de produtividade que a necessária melhoria dos salários industriais apenas torna mais prementes. Uma boa parte da estrutura industrial portuguesa não é viável nas novas condições de concorrência internacional, que estão surgindo. Se não houver a capacidade de iniciativa e de inovação susceptível de criar e desenvolver grandes empresas, quando as condições de concorrência assim o impuserem e de **reconverter e modernizar uma vasta gama de pequenas unidades existentes, poderão esperar-se situações de ruptura e de crise, com graves reflexos no desenvolvimento geral...**

... Em suma, **terá o Estado de assegurar a criação de condições gerais favoráveis ao dinamismo da indústria, não podendo esperar-se que a mera actuação espontânea dos agentes económicos, ou os puros mecanismos de mercado, sejam factores bastantes para o progresso industrial desejado.**

«... Um dos aspectos fundamentais da política económica durante o IV Plano terá de residir na adopção de importantes e muito eficazes medidas tendentes ao aumento da produtividade, à escala nacional, o que aliás se apresenta também como essencial, se se atentar na necessidade de proporcionar melhores níveis de salários à população trabalhadora e de preparar os diferentes sectores da economia para uma situação de maior concorrência internacional...».

Que fraca memória tem a CIP!...

Do mesmo documento é ainda a caracterização da «necessária viragem estrutural do desenvolvimento»:

«— impossibilidade de continuar a raciocinar, economicamente, em termos de disponibilidade de mão-de-obra abundante a baixos níveis salariais;

— bloqueamento de padrão de industrialização fundado, essencialmente, na substituição de importações mais fáceis de produzir internamente, e consequente necessidade de uma estratégia mais voltada aos mercados externos — com acrescidas exigências de competitividade;

— irreversível inserção em espaços económicos mais desenvolvidos, o que ocasiona, mesmo internamente, situações de mais acentuada concorrência, com fortes tensões sobre os níveis de produtividade;

— necessidade de incrementar, sobretudo na indústria, a intensidade capitalística dos processos produtivos, incorporando progresso técnico, como resultado, quer dos pontos anteriores, quer da expansão requerer, nesta fase, alterações na estrutura da indústria;

— a intensificação do esforço de formação de capital, exige, assim, criteriosa preparação e selecção dos projectos a empreender, o que, conjugado com os restantes aspectos, **vem tornar mais crítica a insuficiência de dinamismo da iniciativa privada, implicando o incremento da função supletiva do Estado.**

Como é possível, agora que o Estado tem possibilidade de reorientar e lançar novas metas para o nosso desenvolvimento, que a mediocridade continue a impedi-lo?

— Outros comentários não oficiais — outra informação relativa à situação da economia no ano de 1973 — Economic ReView-OCDE:

«De acordo com os números publicados pela OCDE em meados de Fevereiro (de 1974) Portugal teve o 3.º nível de inflação (apos a Grécia e a Islândia) na área da OCDE, em 1973.

No período de 12 meses, os preços do consumidor em Portugal subiram 20 por cento o que foi exactamente o dobro do aumento no total da área e se compara com um aumento de 8 por cento na área do Mercado Comum alargado. O aspecto mais sério da inflação, contudo, é a aceleração no último trimestre do ano, durante o qual o índice de preços subiu 6,9 por cento (comparado com a média da OCDE de 2,8 por cento, e a média do Mercado Comum de 2,8 por cento). Numa média composta, significa que o índice dos preços em Portugal está agora superior a uma média de 30 por cento por ano, (valor superior a qualquer período pós-25 de Abril).

Os dados estatísticos disponíveis não são tais que se possa estimar com precisão os factores componentes desta inflação, mas a emigração criou escassez de mão de obra especializada e semiespecializada e os salários médios acredita-se que tenham subido qualquer coisa da ordem dos 15 por cento ao ano. Os aumentos de receitas de turismo, em adição às remessas dos emigrantes, não só causaram uma subida nas reservas oficiais — uma subida de 23,5 por cento, durante um ano, no fim de Novembro, no valor de 531 milhões de dólares — mas, também, ajudaram a absorver o aumento de dinheiro em circulação que cresceu relativamente ao ano anterior a um ritmo anual de 27,5 por cento».

Relatório da conjuntura, da SERTE, Fevereiro de 1974:

«A subida dos preços continua a ser, quanto a nós, a área mais preocupante, mostrando os últimos números conhecidos uma nítida aceleração de ritmo. Toda uma série de produtos viram legalizados os seus aumentos, como mais adiante se dá conta. E outros parecem estar na forja, a avaliar pelas informações mais recentes».

Idem, Março de 1974: «Algumas das causas (da inflação) devem assumir este ano valores mais favoráveis — remessas de emigrantes e receitas turísticas — mas forças de sinal contrário deverão sentir com intensidade, nomeadamente pela via de importação; por seu turno a psicose altista não parece ter abrandado em ambas as faces do mercado interno».

Idem, Abril de 1974, «O tema da persistente e quantiosa alta de preços permanece constan-

Continua na pág. 4

Nacional

PUB.

EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE VÁLVULAS, TUBAGENS E EQUIPAMENTO

Faz-se público que no dia 11 de Janeiro de 1977 pelas 15 horas na sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, até às 17 horas do dia 10 de Janeiro de 1977.

Caução provisória: 375000$00

Alvarás exigidas aos concorrentes:

5.ª sub-categoria da II categoria e/ou

8.ª sub-categoria da VI categoria e classe correspondente ao valor da proposta

O Processo do concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Sede da Empresa, onde poderá ser examinado e obtida cópia.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1976

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização

João Bau

TEATRO VASCO SANTANA

(Tel. 76 86 09)

AMANHÃ — ESTREIA às 21.30 horas

O ESCRITÓRIO

De VÁCLAV HAVEL

Estreia em Portugal deste autor tchecoslovaco

Trad.: VALENTINA TRIGO DE SOUSA

ENTRADA GRATUITA

para esta estreia — 13.º aniversário da estreia da Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa — cada espectador poderá requisitar 2 bilhetes, 6.ª feira, a partir das 14 h. na bilheteira do teatro

ELENCO (por ordem de entrada): MÁRIO PEREIRA CARLOS DUARTE ● SUZANA PRADO ● CREMILDA GIL ● FERNANDA COIMBRA ● HELENA FÉLIX ● VÍTOR HUGO ● FERNANDA MONTEMOR ● DINIZ CASTELO ● JOSÉ BRÁS ■ AUGUSTO LEAL ● MANUELA CASSOLA

DIRECÇÃO: LUZIA MARIA MARTINS

CENÁRIO: LUÍS SUAREZ

M/13 ANOS

AVISO

A Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Pinhal Novo, comunica a todos os feirantes e mais interessados que, por motivos do acto eleitoral para as autarquias locais se realizar no próximo dia 12 de Dezembro, o mercado mensal será antecipado para dia 11 (sábado) do mesmo mês.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca e Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançalha

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

A ECÓNOMIA ANTES DOS CRAVOS

Continuação da pág. 3

te no interesse dos analistas da conjuntura económica nacional. Na verdade, a pressão inflacionista que tem afectado a economia mundial e, de modo mais sensível a economia portuguesa, está longe de ter abrandado. No curto espaço de tempo que medeia entre a elaboração de dois números sucessivos da presente análise fácil é apercebermo-nos e mesmo sem ser necessário contactar directamente com o mercado das subidas de preços dos mais variados bens e serviços: cimento, pescada congelada, transportes ferroviários, comunicações postais e telefónicas, etc.»

. Boletim da conjuntura do GEEF do Banco Português do Atlântico, de Janeiro de 1974: «Abrandamento da conjuntura expansionista com normalização do ritmo de crescimento. Probabilidade de estagnação mantendo-se todavia a impetuosidade do processo inflacionista. Não há indícios fundamentados de recessão».

Idem, Março de 1974: «É relativamente elevado o grau de indeterminação quanto aos próximos meses. Provavelmente, serão assumidas medidas políticas de carácter anticonjuntural: sobre o investimento, sobre o crédito, sobre o consumo e sobre os stocks».

Os técnicos que preparavam os relatórios preliminares do IV Plano não podiam prever que o aumento dos preços de petróleo e outras matérias-primas, apanhando as economias capitalistas numa fase adiantada do ciclo expansionista, iria desiquilibrá-las numa crise tremenda e de extensão nova, afectando de modo mais acentuado as economias dependentes e periféricas, como a nossa. Também não podiam prever que os dirigentes políticos fariam tábua-rasa das suas recomendações e que a «intensificação capitalista» necessária só se fez em alguns casos, quando à custa do movimento especulativo da Bolsa e com a conivência dos governantes, foram atraídos milhares de pequenos investidores para as armadilhas do grande capital.

É este clima que o capital volta a querer recuperar, pois outra coisa não sugere a ausência de quaisquer propostas e projectos concretos e sérios!

. As empresas não só não se equiparam para a «situação nova» conforme a recomendação dos técnicos, como não estavam preparados, na maioria, para aguentar uma situação inflacionista que, ao nível internacional, se manifesta pelos seguintes factores para o período de meados de 1972 a meados de 1974: «Aumentos na percentagem de vários produtos»: petróleo 370 por cento; trigo 150 por cento; cobre 148 por cento; algodão 78 por cento; soja 55 por cento; «aumentos de preço no consumidor» — Japão 36 por cento; Grã-Bretanha 25 por cento; França 22 por cento; «Aumentos de salários»: Japão 37 por cento; Grã-Bretanha 22 por cento; França 23 por cento; «Aumentos de preços das importações» — Grã-Bretanha 98 por cento; Japão 97 por cento; França 62 por cento; «Aumentos dos preços de exportação» — Grã-Bretanha 44 por cento; Japão 47 por cento; França 38 por cento. Estas variações deram origem a uma inevitável recessão que teve a sua pior expressão ao longo de 1975. Seria inevitável que o nosso país, dependendo, quer nas exportações, quer nas importações da área da OCDE em 80 e 60 por cento, respectivamente tivesse graves problemas económicos, com ou sem 25 de Abril.

As pequenas e médias empresas, muito importantes pelo volume de emprego que absorvem e pela estrutura que conferem à indústria, não estavam preparadas para uma situação de crise, conforme já se citou no relatório preliminar do IV Plano e se confirma através do «Economic Review» da Câmara de Comércio Luso-Britânico (Agosto/Setembro de 1974).

«... Sabia-se, desde há muito, que as empresas de modesto dimensionamento ocupam na economia portuguesa um lugar preponderante. Nunca o problema foi considerado, no entanto, à luz de realidades que se tornaram cada vez mais imperiosas. Só com a preparação do IV Plano de Fomento, em especial, graças aos estudos sectoriais promovidos para esse efeito pelo INII e pela antiga Direcção-Geral dos Serviços Industriais — coincindo, aliás com o avanço dos prazos para a execução do acordo com o Mercado Comum — se evidenciou mais agudamente a questão».

Num trabalho elaborado pelo Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra que foi utilizado para os referidos estudos demonstrou-se que em cerca de 33.000 empresas referenciadas no País, se incluem 97 por cento com ocupação de menos de 100 pessoas. Entre estas últimas apenas 19 por cento ocupam entre dez a cem trabalhadores.

No volume dos «Estudos Sectoriais» publicado por aqueles organismos (antes do 25 de Abril) afirmou-se, com franca nitidez, em face daqueles e outros números estatísticos reunidos, que «a política económica seguida em Portugal tem sido determinante da pulverização empresarial e dos fracos índices de modernização que caracterizam o nosso parque industrial». E ainda: «A política de substituição das importações por via das protecções pautais, condicionamento industrial e contenção de salários em níveis muito baixos, prolongou-se de tal modo que criou condições gerais à iniciativa privada que se revelaram pouco selectivas». A proliferação de pequenas empresas antieconómicas foi assim alimentada durante longos anos.

Os baixos índices de produtividade do sistema económico português tiveram nesses factores a sua razão de ser primacial. O predomínio exorbitante das empresas sem dimensionamento e sem condições de progressividade constitui-se, desse modo, em factor básico e negativo da economia do País».

Depois — até os interessados — de todos os elementos indicados, cita-se ainda mais um, que esperamos que seja considerado ainda mais insuspeito, o do grupo de empresários que constituiu o MDES (Agosto de 1974):

. — «Todos os componentes do MDES estão plenamente conscientes da gravidade da situação económica que o País atravessa e pensam que ninguém, isoladamente, poderá encontrar os caminhos para uma solução necessária.

A crise não é de agora nem começou com o movimento do 25 de Abril. Pelo contrário, é consequência de erros acumulados que muitos dos componentes do MDES (que eram, no entanto, os principais responsáveis e os maiores beneficiários de toda a situação anterior) não deixaram de referir em devida altura, embora sem qualquer êxito.

O regime anterior, com os seus incorrectos proteccionismos, com a definição de preços políticos que não se poderiam manter e com a recusa permanente de um livre desenvolvimento económico, colocou a economia e os empresários portugueses numa grave situação de que, só com muito trabalho e com uma colaboração efectiva de todas as forças, poderemos sair».

Parece que os números, a análise das estruturas e a unanimidade dos comentários deixam bem claro que a sociedade pós-25 de Abril herdou uma pesada herança.

Alguma riqueza recebida foi dissipada? Vejamos: as despesas militares que tinham crescido extraordinariamente com as guerras coloniais reduziram-se; não se fizeram gastos sumptuosos ou monumentais (não se inauguraram palácios da Justiça ou sequer se «cortaram fitas») nem se fizeram até gastos de carácter colectivo que seriam desejáveis; os responsáveis políticos aumentaram em número, mas, em contrapartida, desapareceram os «sacos azuis» e despesas confidenciais.

— Diminuiram sim, as receitas externas (remessas dos emigrantes, turismo, investimentos e empréstimos estrangeiros) mas quem vive do dinheiro que outros lhe enviam, das dádivas generosas dos nossos ricos vizinhos (e há quem se prepare para reeditar esta receita) corre sempre o risco de, na primeira dificuldade, deixar de receber a «mesada».

Aumentaram, sim, os salários. Alteraram-se as estruturas das empresas. Ambos com justiça no geral e algumas injustiças e erros em casos específicos. Dizia-se que estávamos numa revolução e a partir de certa altura os seus mentores chamaram-lhe até socialista, como se o socialismo se implantasse por decreto-lei. Se há empresas nacionalizadas que dão prejuízo e são bastantes, quais, as razões? Certamente que devido a maiores salários e maiores encargos de juros consequentes do aumento de empréstimos e em muitos casos devido à crise económica internacional.

Tivemos, porventura, de fazer importações de produtos, habitualmente produzidos pelas empresas nacionalizadas e que não foram agora suficientes, devido à negligência dos trabalhadores? Deixámos de exportar produtos por não os termos produzidos (vinho, tomate, celulose, têxteis, barcos, etc.)? A Banca apresentou prejuízos porque trabalhou menos? Ou porque deixou de fazer as negociatas especulativas de agiotagem com «luvas por fora» para alguns senhores? Há deficiência de serviços, mas essa tem razões mais vastas! É necessário esclarecer todos estes aspectos quando se emitem opiniões saudosistas. As «carpideiras» que por aí existem, de todas as cores políticas, invocando as grandes reservas de ouro e de divisas do passado, têm objectivo de recuperar a opinião pública para um passado que lhes interessa e não analisar objectivamente as questões. Esquecem de referir, no entanto, que essas reservas custaram muito sangue, suor e lágrimas aos trabalhadores portugueses.

Que as empresas e actividades económicas que agora o Estado controla continuam sem orientação e sem desempenhar o papel que lhes compete, estamos de acordo. Que é preciso lançar com urgência um projecto político nacional de reconstrução da economia, e colocar ao serviço de todos, pois que por este caminho nos aproximamos de um desastre sociopolítico, parece evidente. Que a crise está sendo disfarçada para fins eleitoralistas, gastando-se nisso as reservas, mas que acabará por desabar de uma só vez, também é claro. Que os dirigentes «políticos» não se mostram interessados em resolver os problemas do País, mas, antes em competições para conquistas efémeras do poder, também começa a ser a opinião generalizada. Que o ambiente de paranóia colectiva e de divisionismo se assemelha ao da I República e poderá conduzir a um novo período dramático da nossa História, também é possível. Que a definição feita por um senhor francês, que se intitula comunista, de um «socialismo com as cores da França», a existência das grandes máquinas político-burocráticas e de políticas externas dúbias nos países ditos socialistas, a demonstração, agora em Portugal, de que o socialismo não é implantável por Forças Armadas regulares e que a definição de «classe» e as características da concentração capitalista internacional, nos obrigam a repensar as fontes teóricas do materialismo histórico do século passado, sem que haja uma resposta actual para o estabelecimento de formas sociais justas e estáveis, é, parece-nos, outra realidade.

Temos uma pesada herança material e espiritual cujo «imposto sucessório» está por pagar, por todos, de uma só vez. Não desde o 25 de Abril. Talvez desde 1926, ou 1933, ou..., ou qualquer outra data, já remota...

Trabalhadores formam lista unitária em Lourosa

LOUROSA, 9 — Um grupo de cidadãos «interessados no desenvolvimento de uma acção consciente que contribua para a criação de condições que levem à participação no poder político os mais pobres e explorados» vai participar nas eleições para a Assembleia de Freguesia de Lourosa.

Assim, constituiram a «LUNS» — Lourosenses Unidos para Nova Sociedade, — que se propõem «defender os interesses do povo de Lourosa, especialmente no que se refere à habitação, saneamento e higiene e protecção às crianças, vários melhoramentos locais, saúde e ensino. Em comunicado dirigido à população os candidatos da lista proposta pela «LUNS» afirmam que a candidatura deve ser entendida como: uma proposta de alternativa, um apelo a que todos participem nas eleições, que procurem saber quem faz parte das listas e a votar naqueles que mereçam mais confiança.

A lista da «LUNS» é encabeçada por Alfredo Fernandes da Rocha, funcionário sindical e dela fazem parte 6 operários corticeiros, 2 metalúrgicos, 1 motorista, 1 ceramista e outro funcionário sindical.

Nacional

Previsões da produção agrícola

O Instituto Nacional de Estatística divulgou as previsões de produção, relativas à actual campanha, de várias produtos agrícolas salientando, no entanto, como as condições climatéricas influenciam adversamente a agricultura. Por exemplo, no caso do arroz, a produção deverá rondar umas 84 mil toneladas, o que representa um decréscimo na ordem de 37 a 46 por cento relativamente à produção do ano anterior. Por outro lado as chuvas, o granizo, as trovoadas que aconteceram no mês de Outubro prejudicaram as sementeiras.

Uma primeira estimativa prevê para o milho uma produção de 384 mil toneladas, ou seja, menos 17 e 28 por cento que a produção de 1975 e a média do decénio. Quanto à **azeitona** o INE estima quebras de produção de 14 a 16 por cento, relativamente ao ano anterior e à média do último decénio. A produção da **batata** calcula-se em 817 mil toneladas, o que significa menos 13 e 26 por cento, em relação ao ano transacto e à média do último decénio. Em matéria de **vinho** prevê-se uma produção de 8214 milhares de hectolitros, o que equivale a um decréscimo de 9 e 18 por cento, relativamente ao ano anterior e à média do último decénio. O INE calcula a produção do *feijão* em 26 mil toneladas, o que representa uma quebra de 26 e 47 por cento relativamente à produção do último ano e do último decénio.

Em contrapartida o INE prevê produções superiores às do ano passado para a **maçã** (mais 12 por cento)), **girassol** (mais 10 por cento) e *pêra* (mais 2 por cento).

Nota Oficiosa

Encerramento de Economia

Do M.E.I.C. recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Tendo-se verificado o impedimento do exercício de funções dos membros da Comissão Directiva provisória da Faculdade de Economia do Porto, constituída nos termos do despacho n.º 9/I/76, de 30 de Novembro do ministro da Educação e Investigação Científica, proferido ao abrigo do Decreto-Lei n.º 781-A/76 (gestão dos estabelecimentos de Ensino Superior), foi determinado o encerramento daquele estabelecimento de ensino até que seja possível assegurar, em condições de responsabilidade, o funcionamento do mesmo.»

COOPERAÇÃO LUSO-SUECA

Comissão Mista realizou quarta sessão

Realizou-se em Estocolmo de 6 a 8 do corrente a quarta sessão de trabalho da comissão mista luso-sueca para cooperação económica e social. A delegação portuguesa foi chefiada pelo embaixador João Pequito, director-geral dos Negócios Económicos do M. N. E. Chefiou a delegação sueca Thord Palmlund, adjunto do secretário de Estado do Departamento de Cooperação Internacional do Ministério dos Estrangeiros da Suécia.

No final da reunião, foi emitido um comunicado conjunto, dando conta do teor das trocas havidas e do estado em que actualmente se encontram as relações no âmbito em que a reunião se inscreveu.

«A cooperação para o desenvolvimento bilateral directo entre a Suécia e Portugal foi concentrada principalmente nos campos da Habitação e da Educação» — diz o texto. — «Na Habitação, a atenção focou-se nos esforços para o desenvolvimento de um movimento de cooperação em Portugal e na assistência aos estudos de construção civil e informação técnica. Relativamente à Educação, as principais áreas de cooperação são a orientação profissional, avaliação profissional, documentação científica e assistência na produção de materiais de ensino audio-visual. Também se aperfeiçoaram planos para a cooperação no campo das cooperativas e da Saúde. A ajuda sueca poderá alargar-se a novas áreas, como sejam o turismo e o fomento de exportação».

«O quantitativo total disponível no actual ano fiscal sueco para o desenvolvimento da cooperação com Portugal é de 40 milhões de coroas suecas» — diz ainda o comunicado final.

Segundo este, ainda, simultaneamente com o encontro da Comissão Mista Luso-Sueca, a delegação portuguesa também contactou com ministérios e autoridades suecas com vista a incrementar a cooperação entre as indústrias portuguesas e sueca, a exportação de têxteis portugueses para a Suécia e numa tentativa de acordo para evitar a dupla tributação».

O próximo encontro da Comissão Mista realiza-se em Lisboa no ano que vem.

Portugal e União Indiana vão cooperar

«Embora os dois países tenham relações diplomáticas desde o 25 de Abril só agora foi possível estabelecer os suportes necessários às relações comerciais» palavras do secretário de Estado do Comércio Externo à sua chegada ao aeroporto, após uma breve estadia na União Indiana onde assinou com o seu homólogo indiano dois acordos bilaterais, um comercial e outro sobre cooperação económica e técnica.

Os acordos assinados estabelecem a venda a Portugal de açúcar, café e outros produtos enquanto o nosso país cederá à União Indiana pasta de papel, produtos químicos, etc. De assinalar igualmente o que se refere à reparação e à construção de navios, aspectos nos quais Portugal se prepara para, através da Setenave, dar um impulso à Marinha Mercante indiana.

Vítor Louro e José Soeiro falaram na sessão do M.U.T.I.

A Reforma Agrária foi tema da Assembleia do Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais (M. U. T. I.) realizada na segunda-feira passada no Teatro Maria Matos.

Os dois convidados para esta sessão foram Vítor Louro, ex-secretário de Estado da Reestruturação Agrária, e José Soeiro, dirigente do Sindicato dos Operários Agrícolas de Beja. Foi também convidado o deputado do P. S., Rico Calado, o qual se recusou, alegando afazeres.

Depois de acentuar que «o interesse pela Reforma Agrária atingiu todo o País» e a solidariedade de todos os trabalhadores pelo que se passa no Alentejo, Vítor Louro afirmou, referindo-se à presença da G. N. R. nalgumas cooperativas:

«A G. N. R. já não tem as formas repressivas de antigamente. Já não tem coragem de assassinar Catarinas. A G. N. R. também mudou de actuação. E o Governo sabe-o. Por isso, veio a seguir outra forma de pressão: a suspensão do crédito agrícola.»

Por seu turno, José Soeiro salientou o aumento da produção. E revelou: «Convidámos já algumas vezes membros do Governo a ir às nossas cooperativas. Convidámos o dr. Mário Soares a aparecer, até sem avisar, para ver como nós trabalhamos e lutamos pelo aumento da produção. Prometeu-nos que iria em Outubro. Não foi ainda, e já estamos em Dezembro.»

Referindo-se ao direito de reserva, o dirigente do Sindicato sublinharia que os trabalhadores das cooperativas continuam decididos a não ceder, porque isso: «seria destruir a Reforma Agrária e ela é o pilar onde assenta o espírito da Revolução de Abril. E, se é verdade que, no Alentejo, já antes do 25 de Abril se lutava e se morria pela liberdade, não é agora que vamos ceder».

Soares no Brasil

Vinte individualidades integram comitiva

Vinte indivualidades integram a comitiva do Primeiro-Ministro português Mário Soares, na sua próxima visita oficial ao Brasil. Membros do Governo, além de Mário Soares, são dois ministros e dois secretários de Estado. Os ministros: Firmino Miguel e Medeiros Ferreira, titulares das pastas da Defesa e dos Negócios Estrangeiros, respectivamente, secretários de Estado: David Mourão Ferreira, da Cultura, e Victor Cunha Rego, adjunto do Primeiro-Ministro.

Da comitiva, que parte de Lisboa no próximo dia 15, em voo para Brasília, fazem parte ainda o embaixador Tomás de Belo Breyner Andresen, o governador do Banco de Portugal, Silva Lopes, Manuel Jacinto Nunes, presidente do CA da CGD, Miller Guerra, do INIC, Gonçalo Caldeira Coelho, embaixador-chefe do protocolo de Estado, Bernardino António do Carmo Gomes, chefe do gabinete da Área de Sines, Alfredo Duarte Costa, director dos Serviços de Informação e Imprensa do MNE, José Augusto França, vice-presidente do INC, Francisco José Trichler Knopfli, conselheiro embaixador adjunto diplomático do gabinete do Primeiro-Ministro, major António Rodrigues de Areia, adjunto militar do gabinete do Primeiro-Ministro e José Manuel Lameiras, adido de Embaixada e secretário do ministro dos Negócios Estrangeiros.

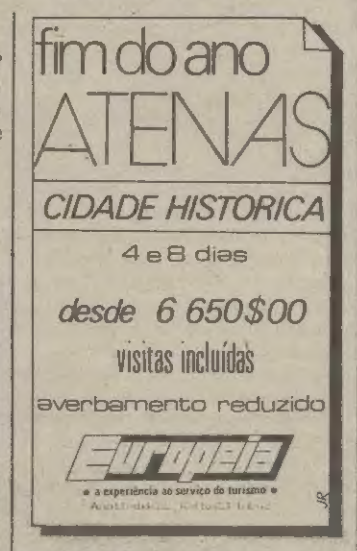
Integrados na comitiva, como convidados, estarão três individualidades: Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian, Manuel Mendes da Rocha, presidente do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, António Costa Simões deputado à Assembleia da República, e ainda Raul Rego, igualmente deputado à AR (além de director do jornal «A Luta»).

Sindicato contra verbas "astronómicas" para Forças Armadas

PORTO, 9 — A direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Vestuário repudia, em documento que nos foi enviado, «as verbas astronómicas atribuídas para despesas militares», no Orçamento Geral do Estado considerando que «18 milhões de contos representam mais do que os dinheiros gastos pelas Forças Armadas em 1973 no tempo da guerra colonial-fascista».

Tais verbas «bem podiam ser aplicadas na criação de novos postos de trabalho ou no auxílio às classes mais desfavorecidas», diz a direcção, salientando que «gastar hoje em chaimites, bombas, matracas, aviões e estruturas não produtivas, mais do que em tempo de guerra e, ao mesmo tempo, exigir-se aos trabalhadores que se alimentem, vistam e vivam pior, não faz sentido de ponto de vista dos que tudo produzem».

A propósito perguntam: «será isto um esforço para a organização democrática do país? Fará isto parte do esforço de reconstrução económica para a qual se pede ao povo que aperte o cinto?»



Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA-LIVRARIA MAGALHÃES

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

Rua do Conde Redondo n.º 60-2.º, 3.º, 4.º, 5.º Lisboa

CONVOCATÓRIA

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul convoca todos os trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios, Vestuários e Tinturarias-Lavandarias para importantes *Assembleias Regionais* com a seguinte *ORDEM DE TRABALHOS:*

1.º Situação do *Contrato Colectivo de Trabalho Único e Vertical para o sector Têxtil.*
2.º *Congresso de todos os Sindicatos;*
a) Projecto de Lei Sindical
b) Projecto de alteração aos Estatutos da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical
c) Projecto de Programa de Acção para a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical.

No quadro que se segue indicamos a data, hora e local onde terão lugar as Assembleias Regionais.

ZONA	*DIA*	*HORA*	*LOCAL*
TORRES NOVAS	9/12/76 5.ª feira	15.00	ALCADARIA DO CASTELO
CACÉM	13/12/76 2.ª feira	20.30	DELEGAÇÃO DO SINDICATO- Largo da Estação, lote 4-1.º Dt.º - Cacém
ALMADA	13/12/76 2.ª feira	18.30	LOCAL A INDICAR (informa-te na Delegação ou na Sede)
MOSCAVIDE	15/12/76 4.ª feira	20.30	DELEGAÇÃO DO SINDICATO - R. Dr. João Gomes Patacão n.º 2 -1.º Moscavide
BARREIRO	15/12/76 4.ª feira	20.30	DELEGAÇÃO DO SINDICATO R. Miguel Pais n.º 30 - Barreiro
ÉVORA	16/12/76 5.ª feira	15.00	MELKA CONFECÇÕES, Ld.ª
PORTALEGRE	17/12/76 6.ª feira	21.00	DELEGAÇÃO DO SINDICATO Rua 1.º de Maio 59-1.º - Portalegre

AVISO

Lembra-se a todos os sócios que estão nas delegações de Moscavide, Barreiro, Cacém, Torres Novas, Minde, Mação, Almada, Portalegre e na Sede do Sindicato o «FUSO» especial n.º 3, que contém os projectos elaborados pela C. N. O. C., e, que todos os trabalhadores podem fazer ou propor alterações, que virão a ser votadas na ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA *a realizar no próximo dia 18 de Dezembro/76 pelas 14.30 no Salão da Voz do Operário — Rua Voz do Operário, Lisboa*

Lisboa, 7 de Dezembro de 1976

P' la Direcção

Caminhos de Ferro Portugueses

Geral

Angola festeja 20.º aniversário da fundação do M.P.L.A.

A República Popular de Angola, que no passado dia 11 de Novembro festejou o primeiro aniversário da independência do país, prepara-se para celebrar amanhã o XX aniversário da fundação do M. P. L. A., cujo «leader», como se sabe, é Agostinho Neto.

O M. P. L. A., cuja opção marxista-leninista foi reafirmada em Outubro pelo Comité Central, sempre foi considerado como o principal movimento nacionalista de Angola. A sua fundação, em 1956, resultou da fusão do Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (P. L. U. A.) com diversas organizações, entre as quais o Partido Comunista Angolano, dirigido por Mário de Andrade.

Ao longo dos anos, o M. P. L. A. passou por diversos problemas internos, dos quais os mais graves foram provocados pela manifestação de diversas «tendências», nomeadamente as da «Revolta do Leste» e da «Revolta Activa».

A «Revolta do Leste» foi liderada por Daniel Chipenda, vice-presidente do Movimento, que, em 1973, controlava a frente leste da luta nacionalista em Angola. Chipenda contestou fortemente a autoridade de Agostinho Neto, tendo acabado por se aliar a Holden Roberto, presidente da F. N. L. A., organização subsidiada pelos Estados Unidos e países capitalistas europeus.

Por seu turno, a «Revolta Activa», que ainda se prolongou já depois da própria independência de Angola, foi chefiada por elementos também contrários a Agostinho Neto.

O M. P. L. A. deverá ser transformado, em 1977, num «partido de vanguarda da classe operária», segundo resolução aprovada quando da reunião do Comité Central.

Portugal encontra-se representado nas cerimónias por dirigentes do P. S. e do P. C. P.

Ponte de Unidade (sobre o Rovuma) ligará Moçambique à Tanzânia

MAPUTO, 9 — (do nosso correspondente) — Decorreram esta semana, na capital de Moçambique, conversações a nível económico entre aquele país e a Tanzânia.

A delegação moçambicana era chefiada por Marcelino dos Santos e a delegação tanzaniana por Amir Jamal, ministro das Finanças.

Foram tratados assuntos relativos a trocas de produtos, intercâmbio cultural e colaboração diplomática.

No campo de obras comuns aos dois países deu-se grande importância à «Ponte de Unidade», empreendimento num valor global de 300 mil contos, que, atravessando o rio Rovuma, ligará os dois países.

A Imprensa moçambicana deu grande destaque a estas conversações, considerando-as a única alternativa para a colaboração económica de países progressistas nesta parte do continente africano para combater o imperialismo.

Entretanto, segundo o «Notícias» e a AIM, procedeu-se à inauguração de uma nova unidade industrial de produção de azulejos para satisfação, naquele domínio, das necessidades dos dois países.

III Congresso da Frelimo aponta para partido operário

. «O III Congresso da Frelimo irá demonstrar que estão criadas as condições favoráveis para a criação de um partido que será o instrumento político e ideológico capaz de instalar o poder popular democrático e edificar o socialismo científico» declarou o governador da província de Niassa na sessão de encerramento da reunião provincial preparatória do II Congresso.

O governador daquela província do norte de Moçambique afirmou ainda que a Frelimo, enquanto frente, não estava em condições de levar a cabo a destruição da burguesia interna, motivo pela qual se deveria transformar em partido da classe operário-camponesa.

Em todas as províncias do País manifesta-se um amplo movimento de massas para integrar todos os moçambicanos nas tarefas preparatórias do III Congresso. Nos bairros, nas fábricas, cooperativas e aldeias comunais de todas as províncias, o povo moçambicano encontra-se empenhado na discussão das teses do III Congresso da Frelimo, a efectuar em Fevereiro do próximo ano.

Tenente da F.N.L.A. condenado à morte

. O Tribunal da Província do Zaire julgou e condenou à morte por fuzilamento um elemento da FNLA, que, segundo a acusação, se havia introduzido nos órgãos de segurança do MPLA.

De acordo com a incriminação, João Fernando cometeu um crime contra um cidadão com o objectivo de desacreditar o Governo angolano, além de ter conseguido infiltrar-se no organismo de segurança nacional, a coberto do qual «matou e roubou impunemente».

O condenado pertencia (ainda segundo a acusação) às forças especiais da Polícia Secreta Colonialista, nas quais tinha o posto de tenente.

Relações Assembleia-Governo

. Representantes parlamentares e governamentais discutiram anteontem as formas de aperfeiçoar as relações entre a Assembleia da República e o Governo, durante uma reunião efectuada em S. Bento, que teve a presença de Vasco da Gama Fernandes, representantes dos Grupos Parlamentares e das Comissões Permanentes da Assembleia, e os ministros Sousa Gomes (Orçamento e Plano), Almeida Santos (Justiça) e Jorge Campinos.

Outros assuntos abordados na reunião, e divulgados durante um encontro entre Vasco da Gama Fernandes e os jornalistas parlamentares, relacionam-se com a fixação da ordem do dia das reuniões plenárias da Assembleia, uma vez que a mesa deste órgão de soberania está assoberbada com propostas e projectos de lei, alguns sujeitos a pedidos de tramitação de urgência, e ainda requerimentos de sujeição a ratificação de vários diplomas governamentais.

Foi ainda focada nesta reunião, que prosseguirá na próxima terça-feira, dia 14, a necessidade de a Assembleia ter prévio conhecimento dos diplomas que o Governo pensa apresentar e encarada a hipótese de redução das férias de Natal dos deputados.

Da parte da tarde, Vasco da Gama Fernandes e representantes da Comissão de Trabalho, presidida interinamente por Severiano Falcão, reuniram-se com os jornalistas que fazem a cobertura das sessões da Assembleia, tendo sido debatidas formas de cooperação mútua.

PUB

"PLENÁRIOS DE REFORMADOS"

Na Associação Nuno Álvares, Rua da Bandeira, no dia 10, próxima sexta-feira pelas 15 horas realiza-se um plenário de reformados para discutir os problemas que afectam a classe.

Não esperes que os outros lutem por ti.
Comparece!
Participa!

UNIÃO DOS SINDICATOS DE VIANA DO CASTELO

C.N.E. contra utilização abusiva dos órgãos de Comunicação Social

A utilização dos meios de Comunicação Social, nomeadamente da Rádio e da T. V., por membros de Governo durante o presente período de campanha eleitoral, continua a motivar inúmeros protestos por parte de partidos, frentes, organizações e cidadãos isolados, que consideram abusiva a forma como se vêm processando aquelas intervenções, favorecendo claramente o partido governamental, neste caso o P.S..

O número de protestos recebido na Comissão Nacional de eleições (C.N.E.) levou a que esta emitisse um comunicado em que se pronuncia sobre o assunto. Embora sem condenar formalmente aquela utilização, como seria de esperar, a C.N.E. chama no entanto a atenção para a forma como ela é feita.

Diz o comunicado:

«Tem a C.N.E. recebido protestos de partidos políticos, Frentes e cidadãos acerca da realização de programas na RTP, em que, segundo esses protestos, de que se têm feito eco alguns meios de Comunicação Social, tem sido realizada propaganda eleitoral por membros do Governo. Entende que em período de campanha eleitoral, como é o que está decorrendo, difícil é a qualquer membro do Governo ou a outra entidade, ao tratar de assuntos que dizem respeito a administração pública e aos interesses do Estado, fazer nítida separação entre o tratamento exlusivo destes e o que constitui campanha eleitoral, embora lhe seja exigível a maior atenção no cumprimento da lei.

«Neste sentido, e porque a lei proíbe o uso da rádio e da televisão para fins de campanha eleitoral, a C.N.E. não pode deixar de chamar a atenção desses órgãos de Comunicação Social para a necessidade de usarem do maior cuidado na elaboração dos seus programas neste período, e das entidades acima referidas para a forma como neles participam».

Cartaz eleitoral

Comícios e sessões de esclarecimento marcados para hoje:

F.E.P.U.

Distrito de Lisboa — Concelho de Lisboa: às 21 e 30, na «Voz do Operário»; às 16 e 30, na Sala do Ensino Médico do Hospital dos Capuchos; às 18 na Parry Son, Metalúrgica Luso-Italiana e Petrogal; às 18 e 30, na Datsun (Olivais); às 21 horas, Bombeiros (R. Camilo Castelo Branco), Centro Social da Musgueira, Sport Lisboa (S. Miguel) e escola n.º 5 (Largo do Contador-Mor, Santiago); às 21 e 30, Craso (Campolide), Clube Atlético Campo de Ourique, Academia 1.º de Setembro (S. Sebastião), salão nobre do I. S. T., Academia Dramática Familiar (Belém), Escola Damião de Góis (Olivais), Musgueira-Norte (Lumiar), União Juventude Clube (Quinta da Calçada), Armadurense (R. do Cruzeiro, 237, Ajuda). **Concelho de Loures:** às 18 e 30, na Trefilaria; às 21 horas, sala de moradores do Bairro da Soda (Vialonga) e Pavilhão da Abelheira (Póvoa de St.ª Iria); às 21 e 30, em Ribas e Sacavém (Pavilhão Gimnodesportivo). **Concelho de Mafra:** Gradil e Idanha-a-Nova. **Concelho de Sintra:** às 21 e 30, em S. Pedro de Bensafrim (Ranholas) e Massamá (Queluz). **Concelho de Cascais:** às 21 horas, na Sociedade de Matos Cheirinhos; às 21 e 30, Sociedade Educação Social de S. João, Manique, Escola de Caparide, Bombeiros Voluntários de Alcabideche, Comissão de Moradores do Cobre, Cinema de Carcavelos. **Concelho de Oeiras:** às 18 e 15, na Fábrica Gazina (Venda Nova); às 21 horas, na Escola Primária da Buraca; às 2 e 30, no Pavilhão da Brandoa, Escola Conde de Oeiras (Palmeiras), Escola Primária do Bairro Augusto de Castro, sede antiga do Clube Desportivo de Paço d'Arcos. **Concelho de Vila Franca de xira:** às 21 horas, no Carregado. E ainda comícios no **concelho de Sintra**, às 21 e 30, em Algueirão, Mem Martins, Belas e Cacém.

P.S.

Distrito de Lisboa — às 17 horas, na Estação de Rio de Mouro, Paço d'Arcos, Bombeiros Voluntários de Oeiras, Escola de Linda-a-Velha, Salão Polivalente da Brandoa, Unhos (Loures) e Praça do Chile; às 20 e 30, em Vale do Paraíso (Azambuja); às 21 horas, em D. Maria (Lisboa), Gradil e St.ª da Abelheira; às 21 e 30, na Sociedade Promotora; às 21 horas, no **concelho de Torres Vedras**, em Campelos, Carreiras, Furadouro, Sarreira, Matacães, Machial, Ponte de Rol e Casalinhos de Alfaiata.

P.P.D./P.S.D.

Distrito de Lisboa — às 21 e 30, na Escola Primária do Bairro de S. João (Estrada da Luz), Teatro Laura Alves, Liceu Padre António Vieira (S. João de Brito) e Liga dos Melhoramentos e Recreio de Algés.

P.P.M.

Às 22 horas, sessão de esclarecimento sobre cultura e teatro, na sede do Partido, R. da Escola Politécnica, 167, 1.º, em Lisboa.

G.D.U.P.'s

Às 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, festa de todos os G. D. U. P.'s de Lisboa.

Portugal mais ligado à N.A.T.O.

Firmino chegou, Souto Cruz volta hoje, Medeiros partiu

. Regressou ontem de Bruxelas, o ministro da Defesa de Portugal, coronel Firmino Miguel, que naquela cidade participou com o Chefe-de-Estado-Maior da Armada, almirante Sotto Cruz, na reunião de ministros da Defesa e de chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas dos países agregados à NATO.

À sua chegada ao aeroporto o ministro Firmino Miguel disse que se tratara de uma «reunião normal e periódica da NATO», acrescentando que a mesma «se desenvolveu em três níveis de chefes de Estado-Maior das Forças Armadas» estando Portugal «representado pelo almirante Souto Cruz, em representação do chefe do Estado Maior-General das Forças Armadas, a nível de ministros da Defesa Nacional, e a partir de hoje a nível de ministros dos Negócios Estrangeiros».

A propósito da entrada de Portugal para o «Eurogrupo», o ministro da Defesa considerou que «o Eurogrupo é um grupo informal da NATO, não tem significado especial nenhum» informando, por outro lado, que se trata «apenas de um local onde os ministros da Defesa Nacional se reunem para melhor poderem coordenar determinadas acções de tipo de produção de equipamento militar e de racionalização de métodos».

Acerca de eventuais reflexos positivos nas Forças Armadas Portuguesas, através de tal racionalização, o coronel Firmino Miguel salientou: «Julgo que a curto prazo nos podemos, com os nossos parceiros da Aliança Atlântica, racionalizar os nossos equipamentos, de que temos andado bastante afastados, nesse caminho da racionalização, e, assim, pouparalgum dinheiro no âmbito das Forças Armadas Portuguesas».

A concluir, o ministro informou em relação às forças do Pacto de Varsóvia, de que «foi feita uma análise apenas», frizando que se efectuara «uma referência àquilo que efectivamente nós julgamos que é a situação das forças militares do Pacto de Varsóvia».

Segundo informação de Firmino Miguel o almirante Sotto Cruz regressa hoje a Lisboa. Ontem partiu para Bruxelas o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr.. Medeiros Ferreira, que amanhã participará na terceira reunião da NATO.

Ratificado regime eleitoral para órgãos das autarquias

Foi publicado hoje no «Diário da República» a ratificação da Assembleia da República dos Decretos 701-a/76, e 701-B/76, que definem as normas relativas à estrutura, competência e funcionamento dos órgãos do município e freguesia, e o regime eleitoral para a eleição dos órgãos das autarquias locais.

Os decretos haviam já sido publicados em suplemento ao «Diário da República», I Série, n.º 229, de 2 de Setembro de 1976, sendo posteriormente enviados, para ratificação, à Assembleia.

Seis pides evadem-se da Machava para Spínola

Evadiram-se da prisão da Machava, perto de Maputo, seis antigos agentes da ex-PIDE/DGS e o comandante de uma unidade antiguerrilha que ali se encontravam detidos desde há 14 meses.

Os sete presos, que se evadiram para a Rodésia, partiram já do aeroporto de Joanesburgo para uma capital europeia, no domingo, a fim de se juntarem ao ex-general Spínola — segundo informaram fontes de Joanesburgo.

Prosseguem os comícios e apresentação de listas para as eleições das autarquias locais, que vão decorrer no próximo domingo. O PS, com a presença de Maria Barroso, João Gomes e Raul Solnado, deslocou-se a Algueirão (Mem Martins). O Cine Teatro Chaby onde decorreu a sessão, estava repleto

F.E.P.U. divulgou resposta a Soares

«Os que lutam pela unidade, os que querem ser povo unido, estão voltados para o futuro, para o futuro da liberdade e progresso que os portugueses merecem e hão-de construir defendendo a revolução do 25 de Abril e as suas conquistas».

Com estas palavras encerrava o texto da Frente Eleitoral Povo Unido elaborado para divulgação pela RTP no exercício do direito de resposta que aquela frente pretendeu exercer relativamente a acusações que lhe foram dirigidas pelo Primeiro-Ministro. Tal direito, contudo, foi negado pela Secretaria de Estado da Comunicação Social, tendo a F. E. P. U. divulgado, de qualquer modo, o teor da sua resposta.

«Estamos hoje aqui na Televisão para repor a verdade sobre a Frente Eleitoral Povo Unido, verdade que aqui foi deturpada pelo Primeiro-Ministro numa infeliz e lamentável interferência na campanha eleitoral, que lhe estava vedada pela lei eleitoral que assinou com o seu próprio punho.

«Não estamos aqui para hostilizar qualquer força política e muito menos para hostilizar democratas. Estamos aqui para que o povo português tenha acesso à verdade.

«Não respondemos a insinuações com novas insinuações, a calúnias com novas calúnias. A nossa concepção do que deve ser a vida democrática do País, o respeito que temos pelo povo português, impedem-nos de seguir por esse caminho. Somos pela serenidade contra a exaltação, pelo diálogo contra a intolerância, pela seriedade contra a demagogia, pela unidade democrática contra a divisão.

«O Primeiro-Ministro disse que a Frente Eleitoral Povo Unido era um disfarce do P. C. P. Mas a verdade é que o Primeiro-Ministro não tem razão. O Primeiro-Ministro não tem razão porque é público, é notório, é do conhecimento geral, tem sido afirmado constantemente em documentos, conferências de Imprensa, entrevistas, comícios e sessões de esclarecimento que o P. C. P. integra e apoia a Frente Eleitoral Povo Unido, tal como o M. D. P./C. D. E., a F. S. P. e numerosas personalidades independentes. Nada está portanto disfarçado ou escondido. Está tudo bem à vista para quem quiser olhar sem preconceitos.

«Não tem razão o Primeiro-Ministro, porque além de comunistas, de militantes do M. D. P. e da F. S. P. participam em todo o País nas listas do Povo Unido muitos milhares de homens e mulheres sem qualquer filiação partidária e ainda muitos filiados em outras organizações, nomeadamente militantes socialistas que sem quebra dos seus princípios e ligações partidárias, entenderam que a melhor maneira de derrotar a reacção e abrir caminho para a resolução dos problemas das suas terras era aderirem ao processo unitário que tem expressão na Frente Eleitoral Povo Unido. Basta a título de exemplo referir que nas listas do Povo Unido para as Assembleias de Freguesia mais de 60 por cento dos candidatos são independentes. Basta a título de exemplo referir que há listas em que a percentagem de socialistas sobe a 30 por cento.

«Finalmente, o Primeiro-Ministro não tem razão ao imaginar disfarces ou outras atitudes menos claras. Disfarces para quê?

«A formação da Frente Eleitoral Povo Unido baseia-se no exercício de um direito consagrado na Constituição e regulado na própria lei elaborada pelo Governo, direito que não pode ser contestado a não ser que se queira contestar a Constituição e as liberdades democráticas. A Frente Eleitoral Povo Unido são os milhares de homens e mulheres, de muitas diversas correntes de opinião, que desejam a unidade simbolizada nos três quadradinhos entrelaçados do Povo Unido. A Frente Eleitoral Povo Unido é um poderoso movimento de milhares de homens e mulheres que não comandam nem são comandados por ninguém, pela simples razão de que a sua unidade se realizou na base dos problemas locais que defrontam e na base da sua vontade comum de os resolver.

«A grande realidade da Frente Eleitoral Povo Unido está na atitude patriótica de milhares de homens e mulheres de firmes sentimentos democráticos, que pensam justamente que não é com calúnias, desconfianças e divisões entre democratas que se defenderá a liberdade e a democracia, mas sim com respeito mútuo, com acção comum, com unidade, com a mesma unidade que permitiu o 25 de Abril. Os milhares de candidatos que não são comunistas, que têm outras opiniões, mas trabalham lado a lado com os comunistas na Frente Eleitoral Povo Unido têm o direito que as suas convicções sejam respeitadas, têm o direito de serem aquilo que são e não aquilo que o Primeiro-Ministro pretende que sejam. A unidade do povo e das forças democráticas é uma necessidade cada vez mais fortemente sentida face aos graves problemas que afectam a vida do nosso povo, face à urgência de cortar o caminho aos que querem regressar ao passado. Aqueles que combatem a unidade têm os olhos fechados para a realidade concreta do País, atrasam a satisfação das aspirações do nosso povo».

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 109/76

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram depositados nos depósitos da 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, na Avenida 24 de Julho, 171, serão vendidos em hasta pública, conforme o preceituado nos Editais n.os 142/66 e 261/69, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de um ano a contar da data do presente edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

Nome dos proprietários	Locais donde foram retirados os veículos	Matrículas
Joaquim Lourenço	Rua Freitas Gazul	HE-75-95
Juvenal de Almeida e Silva	Avenida Elias Garcia	DG-22-49
Manuel Rodrigues da Silva	Travessa de S. José	BG-22-48
Paulo Jorge da F. Horta	Rua Arco de Alcântara	LF-17-87
Manuel Vidigal	Largo do Chafariz de Dentro	DD-27-59
Fernando Jorge Monteiro Braz Teixeira	Avenida 24 de Julho	OP-93-71
Armando de Carvalho	Rua Dr. Júlio Dantas	TO-14-47
Ignorado	Rua Professor Gomes Teixeira	Ignorada
Ignorado	Campo das Cebolas	Ignorada
Ignorado	Travessa do Jasmim	Ignorada

Paços do Concelho de Lisboa, 29 de Novembro de 1976
O Presidente da Comissão Administrativa
Lino José Góis Ferreira
Cor. Eng.ª

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

CONGRESSO DOS SINDICATOS

Colegas,

O movimento sindical português chega hoje a uma encruzilhada.

Os trabalhadores precisam, mais do que nunca, de realizar a unidade. A construção da Central Sindical Única, democrática e independente, será um poderoso instrumento para a defesa dos seus interesses comuns num momento em que os ataques contra as conquistas alcançadas após o 25 de Abril se multiplicam a todos os níveis.

Nós temos defendido e continuamos a defender a realização de um Congresso de todos os Sindicatos para a unidade em que todos os trabalhadores possam à partida ter garantias que a sua voz não será abafada como aconteceu no passado.

Por isso defendemos o princípio de paridade entre as principais correntes de opinião sindical a todos os níveis da estrutura da futura Central Sindical Única a construir.

E como primeiro passo para que este objectivo possa ser atingido que propusemos com outros Sindicatos ao Secretariado da Intersindical a realização de um Congresso de todos os Sindicatos organizado por uma Comissão Paritária.

O Secretariado da Intersindical ignorou esta proposta. O Congresso dos Sindicatos que se propõe realizar em Janeiro de 1977 não assenta nesta base.

Centenas de milhar de trabalhadores, dezenas de Sindicatos, são assim excluídos à partida, de um Congresso que, longe de poder ser um passo em frente na via da unidade necessária do movimento sindical na base da defesa dos interesses dos trabalhadores, só poderá contribuir para um aprofundamento da cisão.

O Secretariado da Intersindical, a corrente sindical que representa, assume assim a grave responsabilidade de criar condições mais favoráveis para que todos os pescadores em águas turvas ao serviço dos inimigos dos trabalhadores possam avançar mais afoitamente na via da criação de uma segunda Central Sindical na tentativa de canalizar o descontentamento legítimo de dezenas de milhar de trabalhadores que se não reconhecem na actual Intersindical e no Congresso que esta decidiu promover.

Nós recusamo-nos a dar cobertura a esta operação política mesmo que ela pareça cobrir-se com a bandeira da unidade!

Não é isto o que os professores querem, não foi para chegar a estes resultados que os trabalhadores na sua maioria resistiram às tentativas daqueles que pretendiam subordinar as suas organizações sindicais às instituições do aparelho de Estado!

O nosso programa de candidatura que mereceu a confiança da classe é claro.

No ponto 5 da Declaração de princípios pode ler-se:

«A Direcção Sindical defenderá a existência de uma Única Central Sindical que seja expressão e representante dos trabalhadores associados nos Sindicatos, resultante do seu voto livre, sem coacção de qualquer ordem.»

Esta Direcção entende pois, em conformidade com o seu programa, chamar os professores sindicalizados a pronunciar-se livremente através do voto sobre se consideram ou não necessária a sua participação no «Congresso dos Sindicatos» que vai realizar-se sob a égide da Intersindical.

Por isso decidiu realizar um referendo em data próxima, a anunciar publicamente, ciente de que só assim os professores poderão definir clara e inequivocamente a sua posição sobre esta questão.

— Pela unidade dos professores

— Pela Central Sindical única, democrática de todos os trabalhadores!

Lisboa, 6 de Dezembro de 1976

Pela Direcção

Nacional

JULGAMENTO DO HOMICIDA DE DIAS COELHO

A escova dos dentes e um envelope com 20 contos

José Dias Coelho ia abandonar a casa: Levava uma escova de dentes. E um envelope com 20 contos para pôr a salvo. Sabia que a casa onde habitava clandestinamente estava sob apertada vigilância. Ele, José Dias Coelho, combinara que, passados dois ou três dias, deixaria um determinado sítio um sinal.

Quando foram ver, o sinal não estava. «Pensamos portanto, que o camarada foi preso. Assim nos mantivemos até ao dia 26» — declarou na última sessão (na passada terça-feira) do julgamento do «pide» que matou Dias Coelho, Teodósia Gregório, funcionária do PCP.

Antes do 25 de Abril estava na clandestinidade. Vivia na mesma casa, em Alcântara, com Margarida Tengarrinha. José Dias Coelho, uma filha destes e um filho seu. O companheiro, Afonso Gregório estava preso. Pela testemunha pudemos seguir os passos de Dias Coelho. Saiu de casa entre as 18 e 30 e as 19. «Creio que ia em actividade do partido» — informa a testemunha Teodósia Gregório. Fala pouco. Mede as palavras. Expressa-se frequentemente em monossílabos. Em relação à casa onde vivia, «o cerco ia-se apertando». Quatro dias antes, na zona, alguns elementos do Comité Central do PC tinham sido presos pela brigada de José Gonçalves.

O advogado oficioso, Carlos Quental, insiste na «sinalética». Teodósia Gregório nada adianta.

Carlos Quental, subitamente: «O partido permitia ou não permitia desabafos?»

UMA TESTEMUNHA VISTA PELA VÍTIMA

A esposa de um ministro do Interior da I República, dois professores da Escola Ferreira Borges, a empregada de um consultório médico da Rua da Creche e um ex-director da PIDE, o coronel de Cavalaria Homero de Matos, foram as testemunhas da sessão da terça-feira. Homero de Matos (testemunha de defesa do matador António Domingues) foi director da PIDE até 1962, continuou a pertencer ao Exército, indo comandar a seguir a EPC de Santarém, até ao limite de idade. Homero de Matos é uma testemunha de defesa, digna de todo o crédito, acima de toda a suspeita...

Vejamos: considerava a PIDE tão legal como a Polícia Judiciária.

A afirmação deu azo à indignação. O advogado oficioso (de ofício) pela Ordem dos Advogados protestou. A assistência estava a manifestar-se em «tom de arruaça». E mais: ameaçava requerer a evacuação da sala. O juiz presidente, em tom firme, não deixou de sublinhar que, caso houvesse arruaça, «eu usaria das minhas prerrogativas».

Homero de Matos (coronel) diria ainda mais, regressado o silêncio à sala: «Depois do 25 de Abril é que se estabeleceu como dogma que era um factor desonroso pertencer à PIDE».

Quanto ao resto — «ser da PIDE era o mesmo que ser funcionário de uma Câmara Municipal».

Para completarmos o retrato de um coronel de Cavalaria que atingiu (também) o limite de idade, recordemos quem era o tenente-coronel da GNR, Homero de Matos. Assim: «Este homem é o tipo de oficial fascista desprovido de sentimentos familiares e humanos, arrogante, grosseiro e brutal.

Durante a guerra civil de Espanha prestou serviço na fronteira do Guadiana e o seu desporto predilecto era cavalgar pelos canaviais da beira-rio para dar caça aos fugitivos espanhóis que entregava aos franquistas a fim de serem fuzilados. Castigava os subordinados menos vigilantes ou mais clementes para os fugitivos; em todas as regiões onde esteve destacado deixou um rasto de ódio entre o povo trabalhador. No centro operário do Barreiro, pelas suas tendências nazis e pelas violências e barbaridades que cometeu, passou a ser conhecido como o «Himmler» do Barreiro.

Recrutador e «educador» de criminosos, era ele o chefe do tenente Carrajola quando este assassinou friamente em Baleizão a camponesa Catarina Eufémia.

Estas palavras foram escritas, na «Resistência em Portugal» (página 45) por José Dias Coelho, assassinado pelo réu, o «pide» Domingues que o ex-director (Homero de Matos) defende (se).

A senhora Maria Justina Saldanha Mesquita que foi esposa de um ministro do Interior da I República vem testemunhar que conhece o «pide» Domingues desde 1959 e que — «não percebo nada de política».

João da Costa Figueira é testemunha ocular. Na altura do crime (1961) era professor na Ferreira Borges. Ouviu duas detonações. Não tem dúvidas: «sou caçador há 30 anos».

A seguir, testemunhou o então director da Escola Ferreira Borges, Fernando de Carvalho Costa. Confirmou no seu depoimento: havia uma reunião de professores. Iam ser dadas as notas do primeiro período. «Olhei e vi dois vultos em contra-luz» — prossegue no seu depoimento. «Duas pessoas curvadas» — explicita. Telefonou à Polícia. A esquadra não aceitou a participação telefónica. O advogado oficioso (de ofício) interrogou também a testemunha. Uma pergunta: «ouviu crianças a chorar, cães a ladrar, buzinas de carros?»

Testemunha: «Não tenho ideia de ouvir».

MEIA HORA COM SOM E CO

A testemunha Maria Ferreira Martins Tavares era, no ano de 61, empregada de um consultório médico, sito na Rua da Creche, no número 32. Na hora do crime chegou à janela. «Cheguei à janela casualmente». E viu: «dois homens tentanto meter um homem no taxi». O taxi «estava estacionado ao lado direito. Era o último taxi da bicha». Não o viu partir.

Mais: não se lembra de ter visto a senhora (D. Maria Helena Botelho da Silva) que passeava o cãozinho. Mas conhece a D. Maria Helena: «É uma pessoa séria e honesta. Lidei com ela durante 15 anos». Para lá dos depoimentos das testemunhas que em cada sessão vão levantando mais um facto, vão traçando o perfil de Dias Coelho ou arrogando-se à defesa pública da PIDE, com uma desfaçatez que pretende transformar o carrasco em vítima, o advogado oficioso (de ofício) pela Ordem dos Advogados, continua a ser vedeta. Não propriamente pala subtileza, pela argúcia ou mesmo pelo conhecimento de leis. Pela metáfora. O dr. Carlos Quental é uma metáfora. Como advogado é um eufemismo.

Duas citações, sem artigo (e incompletas): «já fui caçar. Já matei uma lebre. As armas automáticas e semiautomáticas que eu já tenho usado...» Prosseguindo: «... desde a Mauser com que cacei na Índia. E quando era preciso deitar abaixo um búfalo ou um javali (sic) a arma de caça nem sempre permite um tiro rápido».

Tudo isto a propósito (desculpe o leitor não o termos dito ainda) de uma dissertação do advogado Carlos Quental sobre o som e o eco, a sua definição e as suas propriedades (com profusas citações das enciclopédias ali à mão) e que demorou nada mais nada menos que 35 minutos...

O julgamento prossegue a partir das 14 horas de amanhã.

Antes de encerrar a sessão, o presidente do Tribunal informou que Joaquim Meirim está presente, para depor, amanhã.

Fausto por amor a Goethe e Margarida

. Chamava-se José Dias Coelho no seu quotidiano de clandestino, Faust, (o). E, como escreveu Eugénio de Andrade, «morre-se de ter uns olhos de cristal». Os «pides» não compreendiam que Faust não tivesse que ser Faustino. Na lógica dos «pides» ao nome falso e incompleto de um clandestino nunca falta só uma letra. E (Eugénio de Andrade, ano de 1972, «discurso tardio») «morre-se de ter um corpo, quando subitamente / uma bala descobre a juventude/ da nossa carne acesa até aos lábios».

Não podiam compreender os «pides» que um clandestino, militante comunista e escultor, pudesse até no nome de luta pensar na ternura e no amor, pudesse pseudonominar-se Fausto porque admirava Goethe, chamar-se Fausto porque amava Margarida (Tengarrinha sua companheira, Margarida paixão de Fausto em Goethe).

Para os «pides» Faust não podia ser amor. Apenas Faustino.

MILHARES DE PESSOAS NO CAMPO PEQUENO

"A Frente Eleitoral Povo Unido vai vencer" — afirmou Carlos Costa

Milhares de pessoas encheram ontem o Campo Pequeno, no último grande comício da Frente Eleitoral Povo Unido, em Lisboa. A despeito do mau tempo que se fazia sentir, o comício caracterizou-se por grande entusiasmo da multidão, que acompanhou com aplausos e palavras de ordem as intervenções de seis oradores: João de Freitas Branco, que presidia, Silva Graça, Manuel Tengarrinha, Manuel Serra, António Galhordas e Carlos Costa, restantes componentes da mesa.

O comício foi aberto por João de Freitas Branco, que em breves palavras sublinhou o carácter unitário da F.E.P.U., onde «desde a primeira hora» cooperam democratas e antifascistas de diferentes tendências.

Seguiu-se no uso da palavra o primeiro candidato à Câmara Municipal de Lisboa, Silva Graça, que, focando a necessidade de resolver os grandes problemas da capital — na sua maioria deixados em herança pela ex-administração fascista —, destacou, no entanto, que nenhuma saída podia ser perspectivada fora do contexto nacional, que todas as soluções de ordem local passam, em primeiro lugar, pela consolidação da liberdade e da democracia em todo o território nacional.

José Manuel Tengarrinha, primeiro candidato à Assembleia Municipal de Lisboa, fez realçar a importância do movimento popular unitário na vida nacional pós-25 de Abril, afirmando: «No programa da Frente Eleitoral Povo Unido, para Lisboa, dá-se grande importância à intervenção das organizações populares para a resolução das suas dificuldades, tanto mais que as estruturas municipais herdadas do fascismo são pesadas, ineficazes e inadequadas à satisfação das necessidades da população».

Depois destes três oradores, falaram os representantes dos partidos que integram a F.E.P.U., nomeadamente Manuel Serra, da F.S.P., António Galhordas, do M.D.P./C.D.E., e Carlos Costa, do P.C.P.

Para Manuel Serra, face à ofensiva da direita que se generaliza a todos os níveis da vida portuguesa, a F.E.P.U. representa a «unidade necessária» de todas as organizações políticas interessadas na democracia. O representante da F.S.P., atacando as forças da direita (como a C.A.P., C.I.P., C.D.S. e P.S.D./P.P.D.), responsabilizou também o actual governo pelo avanço da reacção.

O tema «unidade», comum a todas as intervenções, foi particularmente desenvolvido por António Galhordas que lamentaria, que «companheiros de luta antifascista, dirigentes políticos responsáveis, se encerrem num isolacionismo político suicida ou procurem alianças que estão a causar grandes prejuízos à unidade das camadas trabalhadoras e populares e podem fazer surgir uma perigosa aventura política». «Temos de demonstrar no acto eleitoral de domingo — disse a terminar — (...) que o povo português baniu definitivamente o passado fascista e por maiores que sejam as dificuldades e as vicissitudes da luta sairá triunfante na construção do sociedade democrática e alcançará o socialismo».

O último orador foi Carlos Costa, do P.C.P.: «A política do P.S. está condenada ao insucesso» — disse — «a vida mostrou a razão das reservas que apontamos. O P.C.P. nada fez para derrubar o Governo. Mas é sabido que este Governo está constantemente isolado dos trabalhadores e que no novo Portugal democrático não se pode, em condições de liberdade, governar sem o apoio dos trabalhadores. O Governo não tem credibilidade para se aguentar muito tempo. A alternativa dependerá em muito dos resultados das próximas eleições. A Frente Eleitoral Povo Unido vai vencer. A esquerda vai ter uma grande vitória. A situação é sem dúvida perigosa. Mas é, sobretudo, mais rica do que nunca em promessas de uma vida melhor na nossa Pátria e para o nosso povo».

O comício terminou com a apresentação e aprovação de duas moções, uma condenando o «acto arbitrário do juíz da comarca de Torres Vedras ao rejeitar os processos de candidatura da F.E.P.U. referentes aos concelhos de Torres Vedras, Cadaval e Sobral de Monte Agraço» e outra exigindo das entidades competentes que, face à intervenção do Primeiro-Ministro na RTP fazendo propaganda eleitoral em favor do seu partido e caluniando a F.E.P.U. e à abusiva proibição da S.E.C.S. do exercício do direito de resposta por parte do Povo Unido, seja reposta a legalidade democrática, respeitando-se os direitos consignados na Constituição.

Os participantes não arredaram pé, apesar da chuva

DEZENAS DE SOCIALISTAS NAS LISTAS DA F.E.P.U.

Duzentos e trinta e nove militantes socialistas integram listas do Povo Unido em trinta e nove concelhos respectivamente de Lisboa, (94 militantes), Aveiro (34), Guarda (19) e Coimbra (92). Estes números são revelados num comunicado da F.E.P.U. hoje distribuído.

A propósito da participação de socialistas, o comunicado revela ainda que são afectos ao P.S. «30 por cento dos candidatos da F.E.P.U. à Câmara da Covilhã, 43 por cento à Câmara da Covilhã, 30 por cento à Câmara de Armamar, 30 por cento à Câmara de Espinho, 43 por cento à Câmara de Algodres e cerca de 60 por cento à Assembleia Municipal de Tabuaço». Acrescenta também que «no concelho de Borba, distrito de Évora, há mais militantes e simpatizantes socialistas nas listas da F.E.P.U. que nas listas do próprio P.S., já que estas integram grande número de elementos do P.S.D./P.P.D. e C.D.S.». E o comunicado prossegue: «Estes exemplos ilustram bem o que é a F.E.P.U. como amplo projecto de todos os que desejam unir esforços para impedir a vitória eleitoral da reacção e do caciquismo e para trabalhar em comum pela resolução dos problemas económicos, sociais e políticos das populações, fortalecendo e consolidando o regime democrático».

Nova redacção da lei eleitoral

Foi dada nova redacção a um artigo do Decreto-Lei 701-B/76, que estabelece o regime eleitoral para a eleição dos orgãos das autarquias locais.

O artigo alterado — o 95.º — passa a ter a seguinte redacção: «um magistrado judicial ou seu substituto legal e, na sua falta, um cidadão de comprovada idoneidade cívica, designado pelo presidente do tribunal da relação do distrito judicial respectivo, que servirá de presidente, com voto de qualidade».

A alteração foi introduzida na lei através de publicação em suplemento ao «Diário da República», I Série, n.º 285.

É proibido caçar no dia das eleições

Não é permitido o exercício da caça no próximo domingo, por ser dia de eleições-determina uma portaria do Ministério da Agricultura, publicada em suplemento ao «Diário da República», I Série, n.º 285.

No preâmbulo do diploma refere-se que foram tomados em atenção «alguns receios apresentados à Secretaria de Estado das Florestas por certas entidades», e que se pretende que o acto eleitoral «decorra sem preocupações de qualquer espécie».

Em consequência da proibição de caçar no próximo domingo, foi adiado para o dia 2 de Janeiro o fecho da caça as espécies cinegéticas, que por lei deveria ocorrer no último domingo de Dezembro.

PORTUGAL PRESENTE NO «SHOE SHOW»

Nova Iorque, 12/15/2/77

Consciente da importância e projecção do «Shoe Show», decidiu o Fundo de Fomento de Exportação levar a efeito a organização duma representação do sector do calçado a nível nacional no referido certame, que terá lugar em Nova Iorque, de 12 a 15 de Fevereiro próximo.

As firmas interessadas em expôr no stand de Portugal, deverão contactar até ao próximo dia **18 de Dezembro** a Direcção de Serviços de Feiras e Exposições — Av. 5 de Outubro, 101 — Lisboa, telefones 777772 ou 777768.

PORTUGAL PRESENTE NA «SCANPLAST»

Gotemburgo--9 a 13/3/77

Consciente da importância e projecção do «SCANPLAST», decidiu o Fundo de Fomento de Exportação levar a efeito a organização duma representação do sector dos moldes para a indústria dos plásticos a nível nacional no referido certame, que terá lugar em Gotemburgo (Suécia) de 9 a 13 de Março do ano próximo.

As firmas interessadas em expôr no stand de Portugal, deverão contactar até ao próximo dia **18 de Dezembro** a Direcção de Feiras e Exposições — Av. 5 de Outubro, 101 — Lisboa, telf. 777772 ou 777768.

decorama
estofos modernos
...diferentes

COMPRAS DO MÊS

DEZEMBRO

1.	Farinha "Branca de Neve"	8$70
2.	Tomate pelado "Sugal" 1 kg	12$50
3.	Sortido Rico "Nacional" – 500 grs	29$40
4.	Merenda de Carne "Isidoro" – 340 grs	28$00
5.	Toddy normal – 400 grs	46$80
6.	Açúcar Branco – 1 kg	18$30
7.	Bolacha Maria "Riviera" – 200 grs	5$50
8.	Caldo de Galinha ou Carne "Knorr" – familiar	10$00
9.	Brandy "Casal Sereno"	56$90
10.	Vinho do Porto "Dalva"	43$20
11.	Espumante brilhante "Aliança"	41$90
12.	Aguardente Bagaceira "Casal Sereno"	56$90
13.	Margarina "Sol" – Pac. 250 grs	7$90
14.	Queijo Serra – 1 kg	130$00
15.	Detergente "Xau" – saco	53$00
16.	Super "Pop" – familiar	13$00
17.	Shampoo "Bingo" – 1 lt	23$80
18.	Água de Colónia "Bien-Être" – 1/4 lt	46$50
19.	Sabonete "Scotts" grande	7$80
20.	Laca "Bingo" – 320 grs	31$90
21.	Pasta Dentífrica "Oratol" – familiar	15$90

Pão de Açúcar
NUTRIPOL
A.C. SANTOS

Conte às suas amigas!

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES
da Grande Lisboa
CONVOCATÓRIA
PROFESSORES NÃO COLOCADOS

Convocam-se todos os professores que leccionaram em 75/76 não colocados, sindicalizados ou não, para uma reunião na sexta-feira, dia 10, pelas 21.30 horas no Clube Nacional de Natação (R. das Gaivotas, 2) com a seguinte O. T.:

— **Cancelamento das remunerações (despacho 342/76 de 22 de Novembro de 1976).**

— **Análise da situação.**

— **Formas de luta a adoptar**

A DIRECÇÃO

PUB

Sindicato dos Trabalhadores
do Comércio
do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27-29 — Tel. 57 40 73 — LISBOA

CCT VERTICAL PARA OS PROFISSIONAIS DO SECTOR DE ARTIGOS DE ÓPTICA
CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores de óptica para uma reunião a realizar-se na sede deste Sindicato, no próximo dia 9-12-76 (5.ª-feira), pelas 21 horas.

ORDEM DE TRABALHOS:

— APRECIAÇÃO E ANALISE DAS CONTRAPROPOSTAS PATRONAIS

Pela Direcção
Guilherme Silva

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS
DO DISTRITO DE SETÚBAL
CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA DE DELEGADOS

Convocam-se os delegados sindicais deste Organismo para comparecerem, segundo a sua zona, nas Assembleias de Delegados a realizar no próximo dia 10 do corrente, pelas 9 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABAHOS

1 — **Análise e discussão relativa ao Congresso de todos os Sindicatos;**

2 — **Delegados ao Congresso.**

As assembleias funcionam:
Almada — Na Lisnave — Sala da C. G. T.
Setúbal — No edifício do INATEL
Barreiro — Na sede do Sindicato, Rua Miguel Pais, 35-A

Barreiro, em 6 de Dezembro de 1976.

A DIRECÇÃO

Trabalho

Inter condena "intromissão" nas comissões de trabalhadores

. A aprovação pelo Governo de um decreto-lei regulando a forma de eleição das comissões de trabalhadores nas empresas, sem prévia consulta dos principais interessados, constitui, segundo a Intersindical, «uma gravíssima intromissão do Governo de um partido político no processo de formação e na vida interna das organizações de classe dos trabalhadores, cuja independência a Constituição reconhece e garante».

Desconhecendo o texto do diploma aprovado no Conselho de Ministros, de segunda-feira, cujo teor não foi revelado, a Inter limita-se em comunicado distribuido no dia imediato, a contestar o procedimento adoptado, que considera inconstitucional: o Governo, por um lado, «impediu por completo a participação dos trabalhadores na elaboração desta lei, por outro «permitiu-se legislar sobre matéria da competência exclusiva da Assembleia da República, que, assim, é mais uma vez desrespeitada».

No entanto, adianta que «há motivos irrefutáveis para pensar que esta iniciativa visa obter o controle partidário de comissões de trabalhadores». Classificando-a como «medida antioperária», a Inter chama a atenção para o facto do enfraquecimento ou destruição das comissões de trabalhadores, bem como a divisão destes, só poderiam interessar ao patronato reaccionário, e ás forças que se batem contra a democracia, pela recuperação capitalista e pelo regresso ao passado.

«Mas os trabalhadores têm capacidade bastante para defender esta conquista que a Constituição reconheceu, mas que foi obtida duramente através da luta, com raízes muito anteriores ao 25 de Abril», afirma-se no comunicado. «Apesar dos decretos antioperários, as comissões de trabalhadores continuarão a desempenhar as suas tarefas na defesa dos interesses dos trabalhadores, na luta contra a sabotagem económica no controle e gestão operários, no combate à recuperação capitalista e à reacção, na luta por uma nova economia rumo ao socialismo».

A Inter recorda,a propósito, que a «firme resposta dos trabalhadores e das suas organizações» permitiu impedir a promulgação de um diploma sobre a mesma matéria aprovado no tempo do VI Governo Provisório.

Ajudantes de farmácia contra redução dos turnos

. Convocada de urgência para ontem à noite, a reunião geral de delegados do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas decidiu proceder a uma distribuição de comunicado à população de Lisboa e a uma colheita de assinaturas de protesto junto do público utente, a propósito do novo mapa de funcionemento nocturno das farmácias, agora imposto pela respectiva Associação Nacional.

Recorda-se que as recentes deliberações desta associação patronal lomita substancialmente o número de farmácias de serviço, com grave prejuízo para determinados sectores, acontecendo que em alguns deles já a turno anteriro era deficiente.

Os delegados sindicais decidiram ainda, na reunião de ontem, publicar um comunicado na Imprensa sobre a posição do sindicato nesta matéria, — contrária à da associação — e sugeria ainda às pessoas lesadas por insuficiência no fornecimento de medicamentos que canalizam os seus protestos para a Direcção-Geral de Saúde.

Por último, foi dirigido um apelo às Misericórdias, hospitais e outras instituições detentorasde farmácias para que coloquem as mesmas ao serviço do público no período nocturno, propondo-se os ajudantes de farmácia assegurar gratuitamente o serviço.

TELEFONISTAS DO PORTO CONTESTAM "REFERENDO"

— marcada assembleia para destituir dirigentes

Em conferência de Imprensa realizada no Porto, a direcção do Sindicato dos Telefonistas do Norte afirmou «manifestar incondicional apoio à decisão do presidente da mesa da assembleia geral» que convocou um referendo para amanhã a fim dos associados se pronunciarem sobre a adesão à «Carta Aberta» ou participação no Congresso de Todos os Sindicatos («segundo congresso da Intersindical», diz aquela direcção). Entretanto, ao fim da tarde, de segunda-feira cerca de duas centenas de telefonistas e outros trabalhadores dos TLP integrados naquele sindicato reuniram-se também, no «Grupo dos Modestos», onde, por unamidade, foi aprovada uma moção em que se contesta o referendo, se consideram nulos quaisquer resultados e se exige do presidente da assembleia geral «o cumprimento dos estatutos dando seguimento ao processo de impugnação apresentado».

Efectivamente, conforme noticiámos, algumas dezenas de associados daquele Sindicato haviam apresentado um documento de impugnação do referndo (por anti-estátuário e ofensivo das deliberações já tomadas em assembleia geral). O presidente veio depois a considerar improcedente essa impugnação. Os telefonistas presentes na reunião decdiram manter a impugnação e procedem agora a um baixo assinado em que mais uma vez exigem do presidente o cumprimento dos estatutos e da direcção que «cumpra as deliberações da assembleia geral de 23/9/76».

Decidiram ainda «só aceitar a alteração dos resultados obtidos nas três sessões da assembleia afectuada pelo resultado de outra assembleia geral expressamente convocada para o efeito».

Durante a conferência de Imprensa, a direcção do Sindicato afirmou que «as pessoas estão desmobilizadas», que nas assembleias «ficam umas quantas pessoas a discutir» e que são pouco concorridas, tendo decidido apoiar o referendo convocado pelo presidente da mesa para que «numa assembleia de voto, das 8 às 20 horas, todos possam votar quanto a participações no 2.º congresso da Intersindical ou na adesão aos princípios da «Carta Aberta».

Sobre isto se pronunciaram também os trabalhadores presentes na reunião havida no «Grupo dos Modestos». Disse uma telefonista: «Há pessoas que não sabem em quem é que se vai votar e a direcção sabe disso. A direcção serve-se dos mesmos espantalhos para influenciar as pessoas. Assim, e eu falo pelo que se passa no meu sector, há quem pense que o referendo é para entrar para a Intersindical, quando na verdade o problema é apenas ir ou não ir ao Congresso».

Entretanto, está marcada para o próximo dia 15 uma assembleia geral, extraordinária, na Faculdade de Engenharia, tendo com ponto único da ordem de trabalhos: «análise da actuação dos corpos gerentes, sua destituição e elição de uma comissão directiva».

CONSERVEIROS ANALISAM PORTARIA

Foi finalmente publicado no **Boletim** de 30 de Novembro do Ministério do Trabalho o texto da portaria de regulamentação de trabalho do sector conserveiro.

O CCT dos operários conserveiros foi objecto de discussão entre as partes interessadas, tendo os trabalhadores sido forçados a paralisar a sua actividade como forma de pressionar o patronato e o Governo a resolver a situação. Uma das conquistas conseguidas pelos trabalhadores neste CCT, das mais importantes e que maior discórdia provocou no patronato, foi a garantia de trabalho semanal. As outras conquistas dizem respeito aos 30 dias de férias e subsídio a 100 por cento; subsídio de Natal a 100 por cento; melhoria das condições sociais e económicas das mulheres trabalhadoras e dos trabalhadores-estudantes e aumento salarial com efeitos rectroactivos a partir de 1 de Maio passado. «A vitória no campo contratual foi a vitória da Unidade», afirmam em comunicado os sindicatos dos Conserveiros, recordando a luta coesa e unitária desenvolvida por estes trabalhadores, a nível nacional.

A fim de analisar o articulado e «de se inventariar as formas adequadas em ordem ao cumprimento rigoroso da portaria de regulamentação de trabalho por parte do patronato» os sindicatos estão a promover reuniões, que ontem começaram em Setúbal e continuam com o seguinte calendário: hoje, em Peniche; amanhã, em Buarcos, Aveiro, Ílhavo e Espinho; dia 11, Matosinhos; Vila do Conde e Póvoa de Varzim; dia 13, Portimão e Lagos; dia 14, Olhão e dia 15, Vila Real de Santo António.

Base-FUT (norte) elege comissão política

A Base — Frente Unitária de trabalhadores promoveu, na sua sede do Porto, no último fim-de-semana, um plenário de militantes da região Norte, durante o qual se procedeu à eleição da comissão política executiva regional e foram formados ainda, os secretariados do sector de intervenção cultural.

Durante o plenário foi aprovada por unanimidade uma moção de apoio aos trabalhadores da Unidade Colectiva de Produção «Margem Esquerda», de Serpa, vítimas «das manobras de políticos que fazem o jogo dos latifundiários e que sempre puseram os seu interesse políticos acima dos interesses concretos dos trabalhadores».

No aniversário de VÁRIA 8 A POLÍTICA AMERICANA PARA PORTUGAL E EUROPA

por ROMERO MAURA

Na comemoração do 1.º aniversário do Semanário «VÁRIA 8» estarão presentes, entre destacadas individualidades do nosso meio intelectual, politicólogos, jornalistas, sociólogos, uma das mais notáveis figuras do pensamento espanhol actual, o Dr. Joaquim Romero Maura.

Doutor em Direito por Barcelona, em Filosofia por Oxford, foi também director do Iberian Center University de Oxford. Membro do WOODROW — Wilson International Center of Scholars, Romero Maura domina com profundidade os sistemas políticos internacionais, nomeadamente o americano.

«VÁRIA 8» tem o prazer e a honra de proporcionar aos seus convidados para o Cocktail do seu aniversário uma conferência por Romero Maura cujo tema é:

«A perspectiva da actual política Americana em relação à Europa e a Portugal».

O QUE É?

BLACK SWAN

Trabalho

DESDE ONTEM

É mais fácil despedir

As entidades patronais têm desde ontem à sua disposição um variadíssimo leque de razões legais para despedir os mepregados «com justa causa».

Concretizaram-se, com efeito, as anunciadas alterações à lei dos despedimentos, embora com legeiras alterações ao regime inicialmente previsto. O tespecivo diploma foi agora publicado no *Diário da República*, em suplemento datado de 7 de Dezembro: trata-se do Decreto-Lei n.º 841-C/76.

As alterações agora introduzidas caracterizam-se, como se previa, pelo desmesurado alargamento do conceito de «justa causa de despedimento», permitindo a recisão do contrato de trabalho em casos tão impreciosos como «lesão de interesses patrimoniais sérios da empresa», «desinteresse repetido pelo cumprimento, com a diligência devida, dasobrigações inerentes ao exercício do cargo ou posto de trabalho», ou «reduções anormais da produtividade».

Passam também a constituir motivo de despediemnto as «faltas não justificadas ao trabalho que determinem directamente prejuízos ou riscos graves para a empresa ou, independentemente de qualquer prejuízo ou risco, quando o número de faltas injustificadas atingir, em cada ano, cinco seguidas ou dez interpoladas».

As alterações inicialmente previstas admitiam, em certos casos, a possibilidade de mero procedimento oral para averiguação da justa causa de despedimento. O diploma agora publicado não consagra esse regime, exigindo, nessas situações processo, disciplinar parcialmente escrito. As organizações representativas dos trabalhadores na empresa onde ocorrer o despedimento deverão sempre ser ouvidas, consoante a nova tramitação agora consagrada.

O diploma estabelece ainda, em certos casos, que «a entidade patronal só poderá despedir os trabalhadores que tenham incorrido nas respectivas só poderá despedir os trabalhadores que tenham incorrido nas respectivas infracções desde que substitua imediatamente o trabalhador despedido por outro em situação de desemprego e nas mesmas condições contratuais».

O Governo justifica o novo regime, que reconhece de «maior flexibilidade na resolução dos contratos de trabalho», pela necessidade de «normalização do mercado do trabalho e para salvaguarda do equilíbrio das empresas, facilitando admissões de trabalhadores e até a criação de novos postos de trabalho, hoje desanimada pelo espartilho do regime afastado.

O anúncio das alterações agora concretizadas tem merecido, da parte das organizações sindcais e das comissões de trabalhadores públicas manifestações de repúdio, concretizadas, por exemplo, nas grandes concentrações populares recentemente efectuadas em Lisboa, Porto e Coimbra. Segundo tem sido invocado, tal regime conduz à insegurança de emprego e contraria o direito ao trabalho consagrado na Constituição.

O diploma é publicado num momento em que o Governo ainda não pôs cobro às sucessivas irregularidades trabalhadores e dirigentes. Cabe recordar, por outro lado, que ainda não foram readmitidos numerosos trabalhadores irregularmente afastados de certas empresas, num desafio flagrante às determinações dos orgãos do poder.

Por estas razões, é de esperar, nos próximos dias, que o Movimento Sindical e demais organizações representativas do mundo do trabalho venham a assumiruma posição fortemente crítica ao novo sistema de despedimento «com justa causa».

QUOTAS PASSAM PARA OS SINDICATOS

Foi também publicado no mesmo número do *Diário da República*, o diploma que altera o regime vigente de cobrança das quotas dos trabalhadores sindicalizados.

A partir de agora, compete às associações sindicais, e não às entidades patronais, estabelecer o valor e proceder à cobrança das quotas sindicais dos trabalhadores seus sindicalizados ou das associações suas filiadas. O diploma, Decreto-Lei n.º 841-B/76 de 7 de Dezembro, estabelece ainda, que «nenhum trabalhador pode ser obrigado a pagar quotizações para sindicato em que não esteja inscrito».

Justificando o novo regime, que altera o Artigo 21.º da Lei Sindical, o Governo considera que o sistema até agora em vigor traduzia «uma imposição do regime e prática corporativista» consagrando «uma forma de paternalismo e de intervenção do patronato na vida sindical, inteiramente contrárias ao princípio da liberdade de sindicalização».

O Governo anuncia ainda, no preâmbulo do diploma, a revisão geral do regime jurídico do exercício da liberdade sindical, que será oportunamente objecto de proposta de lei a apresentar à Assembleia da República.

Recorde-se que a alteração agora introduzida, decidida durante o Conselho de Ministros realizado no Porto, tem suscitado da parte do Movimento Sindical vivos protestos. Argumenta-se, a propósito, que essa medida visa sufocar financeiramente os sindicatos, pela necessidade de criar um dispendioso aparelho burocrático. As associações sindicais lembram, também, que a imposição ao patronato da cobrança e remessa das quotas dos trabalhadores sindicalizados representa uma conquista dos trabalhadores favorável à organização sindical.

«BAIXAS» FORAM REGULAMENTADAS

Foi já aprovado pelo ministros dos Assuntos Sociais e publicado no «Diário da República», I Série, n.º 286, o regulamento da concessão e «controle» das baixas por doença.

O regulamento prevê, a criação de lugares de médicos verificadores de incapacidades, com o objectivo de fiscalizar as unidades médico-sociais que apresentem percentagens de baixas superiores à considerada normal.

Os beneficiários com baixa não poderão ausentar-se da sua residência, salvo se o médico tiver declarado expressamente no boletim de baixa que o podem fazer, e quando encontrados em contravencão desta disposição deixarão de receber o pagamento do subsídio de doença.

O regulamwnto estabelece ainda que, sempre que o absentismo por doença for factor de acentuada diminuição de produção, os gestores das empresas poderão solicitar a realização de juntas médicas para observação dos seus trabalhadores.

ASSEMBLEIA (REFERENDO) NOS SEGUROS

Proposta de alteração da ordem de trabalhos

Uma estranha «Assembleia Geral» começou esta manhã no Sindicato dos Seguros do Sul: trata-se do referendo, promovido pela direcção, afecta à corrente sindical da chamada «Carta Aberta», que pretende deste modo que aquele sector de actividade se pronuncie sobre a participação ou não, no Congresso de todos os Sindicatos.

Porque de uma Assembleia Geral se trata, como reconheceu a direcção daquele sindicato e se encontra previsto nos Estatutos (ao contrário do que acontece com o referendo...), algumas dezenas de trabalhadores dos seguros aguardavam, ainda cedo, a abertura da «sala de reuniões». No peito ostentavam autocolantes de «não ao referendo», enquanto os seus opositores, sobre amarelo, transportavam um grande «vota».

Um membro da direcção, perante a contestação feita, antes da Assembleia, por um delegado sindical, prometia que a mesa da Assembleia Geral estaria presente à hora prefixa (10 horas), enquanto adiantava uma outra hipótese: que o referendo fosse «impugnado»... Hipótese que o delegado já conhecia, como é óbvio...

No entanto, à hora marcada, a Direcção recusou-se a iniciar qualquer discussão, ou seja, qualquer alteração da ordem de trabalhos, prometendo mesmo, caso os partidários do «não ao referendo» insistissem nos seus pontos de vista, chamar a P.S.P. para assegurar que a votação decorreria da forma que tinham previsto.

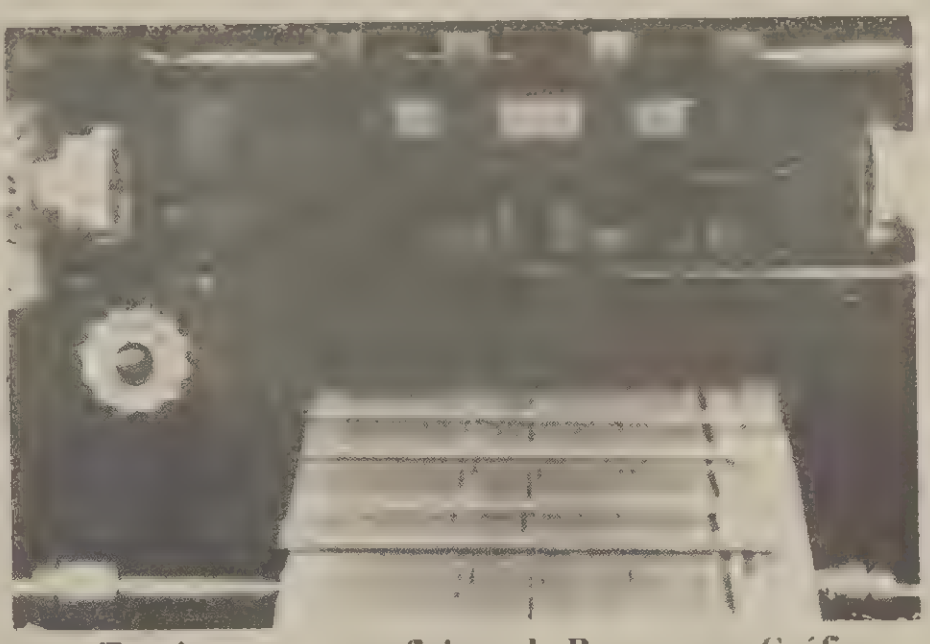
A proposta a ser apresentada pelos partidários do «não referendo», era no sentido de que «a Assembleia fique suspensa e reinicie os seus trabalhos, depois das horas de serviço, às 19 horas»; e que a ordem de trabalhos seja alterada para: «análise do método proposto pela direcção sobre a participação do Sindicato dos Seguros no Congresso de todos os Sindicatos».

Nessa proposta, os subscritores consideram «a necessidade de evitar a todo o custo qualquer posição que possa contribuir para a cisão ou desagregação do nosso Sindicato ou do Movimento Sindical Unitário» e que «os trabalhadores de Seguros não dispõem neste momento de elementos que lhes permitam deliberar (votando) em consciência sobre o assunto constante da ordem de trabalhos desta Assembleia, porque: a) não conhecem as posições ou documentos da Comissão Organizadora do Congresso de Todos os Sindicatos; b) não conhecem sequer o conteúdo integral da chamada «Carta Aberta».

Ainda do mesmo documento que deverá ter entrado como proposta na Assembleia Geral começada esta manhã, se fundamenta esta tomada de posição com a forma como «este Processo foi conduzido pela direcção sindical de forma gritantemente antidemocrática, não permitindo que as posições de cerca de 250 organizações sindicais — a esmagadora maioria do movimento sindical — fossem analisadas com o mínimo de objectividade».

Outros «considerandos»: «que dos Estatutos do nosso sindicato não consta o referendo como forma deliberativa»; «que o art.º 38.º dos Estatutos refere expressamente que a mesa da Assembleia Geral é constituída por um presidente e três secretários»

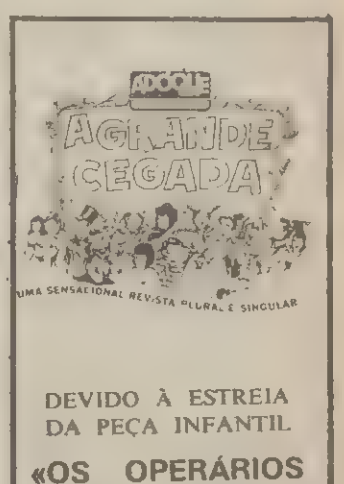
MILHARES DE LEITORES POR MINUTO



Tecnicamente, as oficinas da Renascença Gráfica são das mais actualizadas da Europa.
Das suas rotativas saem diariamente milhares de exemplares de publicações e cartazes,
a um novo ritmo de produção e de acabamento.
Economia, quer isto dizer.
E novas possibilidades de criar Imaginação e Leitores.
Serviços Comerciais da Renascença Gráfica, SARL
R. Luz Soriano 44 Lisboa Telef. 321154/5-320271/2/3

PUBLICIDADE
ATENÇÃO
«RETORNADOS»
GRANDE LIQUIDAÇÃO
Calças de ganga, bombazina, veludo, linho, malha, trevira e outras.
Malhas, fatos feitos e outros artigos
PARA TODAS AS IDADES
UNISSEXO
TUDO VENDIDO AO DESBARATO
ESTES SIM — OS VERDADEIROS
R. DOS CORREEIROS, 179, 4
(Junto à esquina de Santa Justa)
LISBOA - 2

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA
Em S. MARTINHO DO PORTO o DIARIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ ROSA



DEVIDO À ESTREIA DA PEÇA INFANTIL
«OS OPERÁRIOS DO NATAL»
O ADÓQUE SUSPENDE A REPRESENTAÇÃO DE
«A GRANDE CÉGADA»
HOJE E AMANHÃ
E RETOMA A SUA CARREIRA
NO SÁBADO, DIA 11 às 20.30 e 22.30 horas

Nacional

INQUÉRITO "DL" (2)

"UMA CÂMARA NÃO É ELEITA SÓ PARA CORTAR FITAS"

JOSUÉ DA SILVA (texto)

RUI PACHECO (fotos)

Prosseguimos hoje a publicação do inquérito que levámos a cabo em vários concelhos do distrito de Lisboa, baseado nesta simples pergunta: **Que vai exigir às autarquias agora eleitas, mormente à Câmara Municipal?** Ontem, publicámos os resultados que apurámos em Vila Franca de Xira e Loures. Este apontamento refere-se aos concelhos de Sintra e Cascais.

Tendo em conta tudo o que neste momento se passa no País, até não é de espantar o que referimos no primeiro apontamento do nosso inquérito, quando dissemos que este contacto directo com o cidadão - possível - eleitor nos havia dado uma acentuada ideia da descrença com que são encaradas as eleições para as autarquias. Na realidade, parece ter chegado a altura do eleitor começar a perguntar a si mesmo: «Que foi feito da boa-fé do meu voto?» Elegeu-se uma Assembleia da República e uma presidência da República por intervenção eleitoral directa, que deram a sua confiança ao primeiro governo constitucional. A esperança da grande maioria dos portugueses que acreditavam ter conseguido (através do seu voto) assegurar a consolidação da democracia, ganha olhos de espanto ao verificar como essa democracia é todos os dias torpedeada, aviltada, negada. O agravamento do custo de vida, certas medidas impopulares do Governo, a libertação de torcionários e bombistas (com as consequências que todos os dias nos batem à porta), este faz - que - anda - mas - não - anda em múltiplos aspectos da vida nacional, os evidentes ataques ao processo revolucionário, tudo isto permitiu que a descrença se estabelecesse de novo no coração daquela gente menos preparada para sofrer os embates e as dúvidas de um momento como o que vivemos. E se é certo que existe um sector da população bem determinado perante as dificuldades que se apresentam ao processo, tal facto não esconde a outra face da verdade, face essa onde até o medo de falar volta (como no antigamente) a trazer dificuldades mesmo a um simples inquérito como este. E ainda agora a procissão vai no adro.

SINTRA

Sintra e Cascais foram os concelhos que escolhemos para um mesmo dia de trabalho, depois de Vila Franca de Xira e Loures. Claro que evitámos, para que não nos acusassem de conotações partidárias (ou de explorarmos o assunto pelo mais fácil) recorrer a centros de trabalho de grupos políticos ou de partidos locais. Decidimos fazer apenas «trabalho de rua», porventura mais ingrato, mas mais capaz de nos transmitir o *pulsar* do ambiente eleitoral.

António Gonçalves: «A Costa do Sol é, na realidade, a Costa da Sombra»

José Fialho: «Uma administração que sirva todos os munícipes»

Alberto Barrocas: «Uma Câmara a sério deve olhar pelos seus munícipes»

Fernando da Conceição: «Uma Câmara não é eleita só para cortar fitas»

Áurea Adão: «Os próprios eleitores é que têm que saber escolher»

Manuel Gonçalves Tomaz: «A Câmara tem que ter um trabalho directo com os órgãos de base»

Abril, se andou pelo melhor caminho. Estou a pensar, por exemplo, que se devem acabar com algumas ocupações indevidas. E que o concelho de Sintra está, sobretudo, carente de escolas e que existem freguesias onde ainda não chegou a água e a electricidade. A ampliação do hospital da vila, é uma medida a tomar de imediato, assim como a resolução dos problemas habitacionais.

Um pequeno proprietário e dois reformados, que cavaqueavam em grupo, não vacilaram nas suas respostas. São eles, respectivamente, João Gaspar, de Ranholas, José Faustino Duarte e Justino Parracho Filipe, estes de Sintra, cuja opinião podemos resumir nesta breve síntese:

A Câmara Municipal que vier, com a força que lhe confere o voto que a elegerá, deve actuar da melhor forma, quer dizer, deve procurar resolver, tanto quanto possível de imediato os problemas que afligem o concelho. Não estamos a procurar afirmar que estes problemas têm de ser resolvidos «Já». Isso é utopia. Mas que se vejam resultados, que se planeie, que se tome em conta a voz das populações, que se determine uma política que, dando confiança aos munícipes, acabe, ela própria, com a impaciência e o mal-estar. Palavras, discursatas, cenários, demagogia, «conversas em família», não ajudam *a mal* (sic) e disso já estamos todos fartos, antes e depois do 25 de Abril. Agora venham obras. Não faltam terrenos para construir casas mais do que necessárias, nem falta gente para trabalhar. Gostaríamos, por exemplo, que não nos voltassem a dizer, daqui por algum tempo, que a Câmara Municipal deve ao Município de Lisboa, pelo fornecimento de água, cerca de 15 mil contos. Como se faltasse água em Sintra! O que falta é caco e pulso para resolver as coisas. Que o povo não vai mais em taramelas (sic) é preciso que se saiba.

Intervalo para o «não». Uma, duas, três, quatro, cinco, seis pessoas, recusam-se a falar para o nosso inquérito. Uma senhora foge de nós, como o Diabo da cruz «Eu quero lá saber disso!»

Fernando da Conceição, motorista, de Sintra:

Eu não tenho medo de falar, pois digo só o que é justo. Uma Câmara não é eleita só para cortar fitas e assinar papéis. Uma Câmara deve actuar, o mais que possa, a favor dos munícipes. Os problemas da água, da habitação e do trânsito, são problemas muito graves e prioritários em Sintra. Há que resolvê-los.

Áurea Adão, de Galamares, assistente de investigação científica:

Em primeiro lugar, penso que têm que ser os próprios eleitores que têm que saber escolher, se querem uma Câmara que lhes resolva os problemas. A autonomia administrativa e financeira das autarquias é muito importante e devemos bater-nos por ela, mas não esqueçamos que essa autonomia resultará ou não resultará consoante as pessoas que forem eleitas para a Câmara. Não acredito que uma lista de direita dê ao povo dos concelhos, seja onde for, a possibilidade de sentirem que têm quem lute por eles. De resto, há um passado que fala eloquentemente.

Outra nota pitoresca (e algo triste) no nosso trabalho Pouco depois das quinze horas, decidimos entrar numa salsicharia da Estefânia, Sintra, exactamente a «Salsicharia Falé», na Av. Heliodoro Salgado, 31 a 33. Dirigimo-nos ao empregado que atendia ao balcão

Por favor nós somos do «Diário de Lisboa», estamos a fazer um inquérito...

Explicámos ao que íamos, devidamente identificados. O empregado, humildemente, respondeu-nos

Eu não sei nada dessas coisas. Além disso nem moro no concelho. Quem poderá responder-lhes é ali o meu patrão.

O patrão veio do interior do estabelecimento

O que é que os srs. desejam?

Voltámos a explicar. O homem volveu-se para nós (tinha torcido o nariz, quando nos identificamos como repórteres do «DL») e disse, sobre a pergunta «que vai exigir à Câmara agora eleita»?

Não faço ideia.

Repórter que desista à primeira faz mau serviço. Tentámos pegar por outra ponta da meada

O sr. vai votar?

Se o dono da salsicharia nos dissesse, «não, não voto», tínhamos o assunto arrumado. Mas eis que, num rompante de cólera, o homem nos atira

O sr. está a perguntar-me em que partido eu vou votar?

Não tínhamos dito nada disto. Pensámos que houvera um mal-entendido e repetimos a pergunta

Não é isso. Não nos interessa em que partido vai o sr. votar. Só lhe perguntamos se vai ou não vai votar.

Armou-se a «bronca». O homem distorceu ali mesmo todas as nossas palavras e invasivas. Recordamos aquele sr. de quem nos aproximámos e que quando nos apresentávamos para receber a sua resposta, vacilou, e vacilou, disse logo «fotografias, nem pensar», afastando-se por fim a abanar a cabeça. Já longe, chamou-nos e com um sorriso murmurou:

Desculpe. Eu não quero que me tomem por mal-educado. E que penso que numa altura destas a gente tem que ter cuidado.

José Fialho, reformado, concretizou assim a sua resposta à nossa pergunta «Que vai exigir à Câmara Municipal agora eleita?»

Que hei-de exigir, senão uma administração que sirva todos os munícipes? Falta fazer muita coisa aqui em Cascais e gostava de lhe dizer que, no que se refere a desporto básico, esta terra deixa bastante a desejar. Claro que há outros problemas, quem não os conhece? Os problemas da habitação, da higiene, da saúde, etc. Estou a pensar que não deviamos colocar em questão a cor política da Câmara eleita desde que ela, tivesse que cor tivesse, servisse inteiramente os interesses dos munícipes.

Alberto Augusto Barrocas, guarda da PSP, da Parede:

Uma Câmara a sério deve olhar pelos seus munícipes em todos os sentidos, ou seja, procurando trabalhar seriamente para resolver os vários problemas que existem e não devem esconder-se.

Manuel Caeiros, empregado da C.M. de Cascais, 12 anos de serviço:

O que é que devem fazer as Câmaras? Olhe, aponte lá: olhar um bocadinho mais pelo pessoal que trabalha para elas.

Maria Marcelina Nogueira:

Vamos exigir que resolvam os problemas mais imediatos e urgentes. Penso que a cor política vai ter muita influência na defesa dos interesses das pessoas da terra.

Novo interregno. Cerca de uma hora no centro de Cascais, sem que as pessoas nos respondessem. Por fim, mais uma voz rompe este muro de silêncio.

António Duarte Gonçalves, de Alcabideche:

O que é que eu hei-de exigir à Câmara a eleger? Sabe... os problemas são muitos. A Costa do Sol é, na realidade, a Costa da Sombra. Repare que dentro da freguesia a que eu pertenço, Alcabideche, de 15 mil eleitores, três mil são analfabetos. Que melhor exemplo para lhe demonstrar o quanto Cascais é, sobretudo, fachada? Faltam escolas, falta saneamento básico, faltam caminhos, falta uma política racional e condigna de habitação, faltam equipamentos sociais. Por onde vamos começar? Bom, quero dizer-lhe que há possibilidades, neste momento, ou seja, dia 12, de o povo do concelho tomar em mãos o seu destino e mantê-lo na rota mais adequada aos seus interesses. Porque não creio que o povo vá votar à direita, penso que elegeremos a Câmara que nos há-de trazer outro modo de vida.

CASCAIS

Em Cascais, o *tom* foi o mesmo: muita gente a recusar-se a falar, ou respondendo com *tenções...*

Manuel Fernandes Gonçalves Tomaz, de Mem-Martins, operário:

Sintra é um concelho com muitos problemas e só uma Câmara Municipal que trabalhe em contacto directo e colaboração estreita com os órgãos de base comissões de moradores, comissões de pais, Junta de Freguesia, Assembleia de Freguesia poderá resolvê-los. Ora eu não creio que uma Câmara *à direita* ligue a esses órgãos de base.

FIM DO ANO
louco, louco!!!

Novos itinerários! Novas motivações!
Viagens de 2,3 e 4 dias — Pullmans de luxo

TORREMOLINOS
4 DIAS — 30 de Dezembro a 2 de Janeiro
3.600$00 ou 2.700$00
SEVILHA
3 DIAS — 31 de Dezembro a 2 de Janeiro
2.800$00
ALBUFEIRA
3 DIAS — 31 de Dezembro a 2 de Janeiro
desde 1.500$00
ALDEIA DAS AÇOTEIAS
3 DIAS — 31 de Dezembro a 2 de Janeiro
1.800$00
HOTEL DE LAGOS
3 DIAS — 31 de Dezembro a 2 de Janeiro
2.000$00
CASINOS DE PORTUGAL
— Da Figueira da Foz
2 DIAS — *1.600$00*
— Da Póvoa do Varzim
3 DIAS — *2.700$00*
— Do Alvor
3 DIAS — *1.500$00*
HOTEL INFANTE DE SAGRES
3 DIAS — *2.100$00*
MINHO E GERÊS
3 DIAS desde *2.200$00*
AUTO — FIM DO ANO
(Para clientes a viajar em transporte próprio)
SEVILHA
3 DIAS — *2.000$00*
ALDEIA DAS AÇOTEIAS
1.500$00
CASINO DO ALVOR
3 DIAS — *1.500$00*
MONTE GORDO
3 DIAS — *1.400$00*
Nota: Em todos os preços indicados está incluída a ceia de fim de ano com o respectivo Réveillon e baile.
NATAL E ANO NOVO
Almoço do dia de Natal *400$00*
NATAL MINHOTO
3 DIAS — *1.900$00*
NATAL NO ALGARVE
desde *800$00*

Peça programas detalhados.
Uma organização de

Faça o seu grupo
Nós organizamos a sua viagem para qualquer destino nas melhores condições!

Capristanos
Viagens e Turismo, S.A.R.L.

Av. Duque de Loulé, 47-A — Lisboa 1 — Telef. 560171
Pc. Gen. Humberto Delgado, 267-4.º Sala 6 — Porto — Telef. 20208
R. Mouzinho de Albuquerque, 47 — Portimão — Telef. 23136

SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO CENTRO

O TERRORISMO — ARMA DA REACÇÃO A TODOS OS TRABALHADORES

CAMARADAS:

Na madrugada do passado dia 6 mais dois atentados terroristas tiveram lugar.

Contudo, para nós Ferroviários, assim como para toda a população estes não foram mais dois quaisquer atentados. Na realidade, as explosões que se verificaram nas linhas de caminho-de-ferro, para além dos transtornos nas circulações que originaram e na inquietação que lançaram entre os utentes deste meio de transporte, poderiam ter causado muitas vítimas.

É esta a face clandestina do fascismo!

Apostados em conduzir de novo o povo português ao terror e à feroz repressão a tudo deitam mão para pôr em causa a liberdade e a democracia, nem que para tanto seja necessário um banho de sangue em transportes públicos.

O objectivo claro destes atentados é lançar o País num ambiente de insegurança e intranquilidade propício à criação de condições de fácil manobra e conspiração, tanto mais que agora se avizinham as eleições para as autarquias locais onde mais uma vez o Povo Português se manifestará pela Revolução e suas conquistas.

Sobre os órgãos de poder recaem graves responsabilidades pois de uma forma escandalosa têm permitido a libertação dos terroristas, bombistas e ex-«pides».

É necessário actuar firmemente contra toda a rede terrorista, descobrir os seus mentores, puni-los severamente. Só assim se salvaguardam as conquistas da revolução, a democracia, as liberdades.

A direcção sindical ciente de interpretar o sentir dos trabalhadores ferroviários enviou já aos órgãos de soberania nacional uma moção aprovada em Plenário de Delegados Sindicais no dia 6 no Entrocamento onde se repudiava veementemente estes atentados e se exigiam medidas concretas com vista a castigar severamente os responsáveis.

PELA DEFESA DA CONSTITUIÇÃO, DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA!

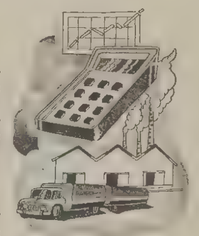
UNIDOS VENCEREMOS

A DIRECÇÃO

Já passou o tempo de você ter um banco por trás...

Chegou a altura de ter um banco a seu lado!

O Banco de Fomento Nacional credita-lhe já a mercadoria que vai entregar amanhã



o nosso ofício é trabalharmos consigo

Existimos para incentivar a indústria e a agricultura.
Para fomentar a criação de mais postos de trabalho.
Por isso, os interesses da sua empresa são os nossos interesses.
É tempo de falarmos francamente.

De construirmos, juntos, o futuro de Portugal.

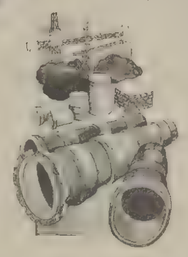
crédito à produção e à venda a prazo

Concedemos empréstimos destinados a possibilitar às empresas a satisfação de encomendas.

Facilitamos os recebimentos à medida que as executam.
E oferecemos a possibilidade do seu cliente pagar a prazo.

quem pode beneficiar do crédito?

Podem beneficiar quer as empresas que se dedicam à produção de bens de equipamento, quer as que executam empreitadas de construção civil, quer as que prestam serviços.



reembolso

O reembolso só se inicia seis meses após a entrega da encomenda.
E faz-se em prestações...

Venha falar connosco. Estamos à sua disposição em qualquer das nossas delegações em todo o país.

Banco de Fomento Nacional

Para a economia de todos, as economias de cada um!

Sede, Lisboa — Rua Mouzinho da Silveira, 26

Delegações: Aveiro · Beja · Braga · Bragança · Castelo Branco · Coimbra · Évora · Faro · Funchal · Guarda · Leiria · Ponta Delgada · Portalegre · Porto · Santarém · Setubal · Viana do Castelo · Vila Real · Viseu

Nacional

Atenção aos preços do bacalhau

Estão a ser lançadas no mercado, desde fins de Novembro, mais de 10 mil toneladas de bacalhau e espécies afins.

Aconselhando os consumidores a não pagar o bacalhau acima dos praços tabelados, a Secretaria de Estado do Comércio Interno apela para que a população tente «diversificar os seus consumos neste tipo de proteínas incrementando o consumo de outros produtos sucedâneos, de idêntico valor alimentar e de preço mais reduzido, como é o caso do peixe congelado e das conservas de peixe».

Para que o público possa combater toda a especulação dos preços, a Secretaria volta a recordar a tabela: Bacalhau salgado seco especial (peixes com mais de 3 kg), 120$00; graúdo (peixes de 2 kg a 3 kg), 115$00; crescido (peixes de 1 kg a 2 kg), 105$00; corrente (peixes de 0,5 kg a 1 kg) 85$00; miúdo (peixes até 0,5 kg), 65$00; sortido grande (peixes partidos, amputados ou com ligeiros defeitos de preparação ou conservação e com peso superior a 1 kg), 75$00; sortido pequeno (idem para peixes com peso inferior a 1 kg), 55$00.

Lingue ou garbo grande (peixes com mais de 2 kg), 85$00; médio (peixes de 1 a 2 kg), 75$00; pequeno (peixes de 0,5 a 1 kg), 65$00; sortido (peixes até 0,5 e peixes partidos ou amputados ou com ligeiros defeitos de preparação ou conservação), 55$00.

Escamudo ou outros Grande (peixes com mais de 2 kg), 75$00; médio (peixes de 1 a 2 kg), 70$00; pequeno (peixes de 0,5 a 1 kg), 60$00; sortido (peixes até 0,5 e peixes partidos ou amputados ou com ligeiros defeitos de preparação ou conservação), 52$00.

ARROZ NÃO AUMENTA

«O arroz não sofrerá qualquer aumento de preço na venda ao público» salienta uma nota do Ministério do Comércio Interno e Turismo.

«Com vista a melhorar as condições de vida dos produtores de arroz e dos retalhistas de produtos alimentares prossegue o comunicado — e tendo em consideração os encargos sociais da indústria de descasque, o Governo estabeleceu um aumento de preço à produção, com um aumento de taxa de descasque e da margem de comercialização, através de diplomas que foram enviados para publicação no «Diário da República».

«O preço do arroz na venda ao público será objecto de subsídio de acordo com a política do Governo de assegurar a estabilidade dos géneros alimentares essenciais».

Canadianos julgados por tráfico de haxixe

Sob a acusação de tráfico de haxixe, dois canadianos acabam de ser julgados e condenados pelo Tribunal da Boa Hora: Jean Beaudete, 26 anos, e Lucie Morel, de 19. Esta última foi julgada à revelia.

O haxixe, proveniente do Paquistão, deveria passar em trânsito por Portugal, com destino ao Canadá. A transacção chegou a concretizar-se, a Lucie desapareceu e o Jean foi preso.

Provado o crime de tráfico de estupefacientes, ambos os canadianos foram condenados. Para cada um, três anos de prisão maior, quinze mil escudos de multa, cinco contos de imposto de justiça e 1.200 escudos de procuradoria.

Em relação à Lucie, foram passados mandatos de captura a enviar a todas as autoridades, incluindo as fronteiriças.

C.R.R.A. de Portalegre foi encerrado

O Centro Regional da Reforma Agrária (CRRA) de Portalegre encontra-se encerrado desde sábado «por ordens superiores». As instalações do Centro têm guarda à porta. O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas considera que esta decisão do MAP deve-se ao facto dos dirigentes daquele Centro terem sempre defendido os interesses dos trabalhadores rurais. Os directores do CRRA de Portalegre defendem posições muito diferentes dos de Apóstolo Godinho e Romana Martins não só no que diz respeito às reservas mas em certas questões de fundo.

Aqui o MAP resolve ou demover rapidamente os obstáculos. E a direcção do CRRA era na verdade um impedimento a política que tem vindo a ser aplicada no distrito de Portalegre. Removido o obstáculo há o governador civil, sr. Canha, e a G. N. R. para fazerem cumprir a lei «seja de que maneira for» como deu a entender António Barreto na sua intervenção televisiva. Entretanto a situação na Cooperativa Agrícola do Ervedal e Figueira de Barros mantém-se estacionária. Aconteceu todavia, que ambas as partes tinham chegado a acordo. Os trabalhadores têm em seu poder a acta assinada por representantes dos trabalhadores da Cooperativa Unidade, por dois elementos da Secretaria de Estruturação Agrária, um trabalhador da Cooperativa «Primeiro de Maio» de Avis (na qualidade de assistente), por um dirigente sindical e por representantes dos agrários que estavam envolvidos na questão da Cooperativa do Ervedal.

Na reunião que teve lugar na Câmara Municipal de Avis as partes chegaram a acordo. Os trabalhadores da «Unidade» não admitem a separação das cooperativas, na medida em que têm sido eles a moer a azeitona no lagar (a sua e a dos pequenos e médios agricultores); Os trabalhadores da «Unidade» sublinham que os verdadeiros pequenos agricultores apoiam a Cooperativa «Unidade» estando a sua azeitona a ser moida na União das Cooperativa de Avis, enquanto a dos falsos agricultores apodrece no lagar da Cooperativa do Ervedal.

Surgiu, porém um problema: o governador civil quer fazer tábua rasa da acta assinada na Câmara de Avis.

Portugal-Chile Democrático

Para apoiar «todas as medidas promovidas a nível nacional e internacional de condenação ao regime de opressão do Chile, nomeadamente as iniciativas que conduzam ao corte de relações entre Portugal Democrático e o Chile de Pinochet», acaba de ser criada a Associação de Amizade Portugal — Chile Democrático.

ASSALTANTES DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

Três assaltantes prestaram contas à Justiça por onze assaltos e roubos geralmente perpetrados em estabelecimentos de ensino. Alguns dos estabelecimentos assaltados: escolas Marquesa de Alorna, Luís de Camões e Primária 101, o Colégio Moderno, Instituto Superior Técnico, Liceus Rainha D. Leonor e Pedro Nunes e ainda a Biblioteca Nacional.

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO CENTRO

Rua Simões de Castro, 159-1.º
COIMBRA

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para uma Assembleia que se realiza no dia 10/12/1976 6.ª Feira, pelas 10 HORAS na sede do Sindicato com a seguinte ordem de trabalhos:

I — DOCUMENTOS DO CONGRESSO
- a) — Lei Sindical
- b) — Estatutos da Confederação Geral dos Sindicatos Portugueses
- c) — Programa de Acção.

II — INFORMAÇÕES

Coimbra, 29 de Novembro de 1976.

A DIRECÇÃO

PARA O SEU NATAL

VISITE A

NUCLEON

EQUIPAMENTOS DE PRECISÃO, LDA.

ONDE ENCONTRARÁ

JOGOS EDUCATIVOS

PARA TODAS AS IDADES

MATERIAL DIDÁCTICO

DO PRE-PRIMÁRIO AO UNIVERSITARIO

DESENHO E PINTURA

EXPOSICÃO E VENDA

Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 57-A (Metro Palhavã)

Telefones 77 02 37 - 77 03 51 — LISBOA

PUB

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea b) do Art.º 32.º dos Estatutos, convoco todos os sócios do Sindicato para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no próximo dia 10 de Dezembro de 1976, pelas 20 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico (ao cimo da Alameda D. Afonso Henriques) entrada pela Av. Duque de Ávila, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO ÚNICO: Composição da nossa Delegação ao Congresso de Todos os Sindicatos, de acordo com o Art.º 3.º do Regulamento do Congresso.

Lisboa, 22 de Novembro de 1976.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Antero da Silva Gabão

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 31.º dos Estatutos e para cumprimento da alínea c) do Art.º 30.º, convoco todos os sócios do Sindicato para uma Assembleia Geral Ordinária a realizar no próximo dia 10 de Dezembro de 1976 pelas 21.30 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO ÚNICO: Discussão e votação do Orçamento Geral do Sindicato para o ano de 1977

Lisboa, 22 de Novembro de 1976.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Antero da Silva Gabão

NOTA: O orçamento está a ser divulgado através do Boletim. Quem o não receber deverá adquiri-lo no Sindicato ou em qualquer Delegação.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa ENSINO PARTICULAR

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os delegados eleitos ao Encontro Nacional de Professores para uma reunião a realizar no próximo dia 11-12-76, pelas 14.30 horas, na Rua das Gaivotas, 6.

O SECRETARIADO DO SECTOR

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

PORTARIA DE REGULAMENTAÇÃO DE TRABALHO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO

PLENÁRIO DO SECTOR

Comunica-se a todos os trabalhadores de escritório abrangidos pela P. R. T. (ex-POM) que na próxima 5.ª feira, dia 9 do corrente, pelas 21 horas, se realiza um Plenário de Sector na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Análise da apreciação feita pelo Grupo de Trabalho à P. R. T.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1976.

A DIRECÇÃO

Nacional

"Emigrantes": passem férias em Portugal!"

PARIS — O ministro dos emigrantes portugueses inaugurou há pouco tempo a linha aérea Lisboa-Caracas. Iniciativa útil dadas as novas relações com a Venezuela onde a colónia emigrada portuguesa é importante.

Mas este ministro (que é de Viseu, secretário de Estado e se chama João Lima), nunca viajou de comboio, em 2.ª classe, no chamado «trem dos emigrantes», que vêm para França ou para a Alemanha. Segundo apurámos nas empresas de camionagem, também não consta que tenha feito o percurso num autocarro.

Atarefado em secundar em «cocktails» e recepção o seu ministro Medeiros Ferreira, pouco tempo tem tido para se dedicar à pasta que lhe foi confiada. Não estranhemos, pois, que ele estranhe, as reivindicações de transportes feitas pelos emigrantes.

O Natal aproxima-se e constatamos que também, em matéria de transportes, nada foi melhorado... nem mesmo pensado.

«Para uma grande parte dos emigrantes a viagem é, obrigatoriamente, uma aventura (...) os lugares reservados com tanta preocupação e antecedência, foram vendidos a duas ou mais pessoas, e já não se encontra uma nesga onde possa sequer encaixar o farnel», escrevia um emigrante no jornal «Presença Portuguesa» (Nov. 76).

Os emigrantes continuam de facto a ser «levados» de comboio, autocarro ou de avião. Já o tínhamos afirmado («DL» 13.4.76) e desta vez relatamos o que se passou nos dias 13 e 14 de Novembro no comboio Lisboa (St.ª Apolónia)-Paris (Austerlitz).

Não obstante o frio que já se sente, as carruagens de segunda não estavam aquecidas. Os revisores da CP, altivamente (no fundo os emigrantes também são os mal-amados) não respondiam, a não ser que na fronteira espanhola isso se ia resolver. Em Espanha, os emigrantes portugueses receberam a resposta: **«Na fronteira francesa vai ser arranjado o sistema de aquecimento». Entretanto, em primeira classe havia aquecimento e no «wagon-restaurant» também.**

Um grupo de emigrantes portugueses tomou a iniciativa e, em Hendaye (França) os passageiros de quatro carruagens entraram no pequeno gabinete do chefe da estação. Aí, se travou um diálogo que deixava transparecer a surpresa do chefe da estação francês: surpresa pela falta de aquecimento e surpresa pelo «arrojo» da manifestação dos emigrantes. Ao cabo de meia hora todo o comboio estava aquecido. Os passageiros portugueses decidiram fazer uma nota de protesto que foi assinada pela quase totalidade dos presentes e que será enviada à SNCF (CP francesa). Ainda há cerca de duas semanas o comboio atravessou Portugal e a Espanha sem luz e sem aquecimento. O que poderiam fazer os passageiros nessas condições? E as crianças, e as pessoas idosas? Segundo apurámos nenhum responsável dos serviços da emigração ou dos transportes se encontrava nesses comboios.

No «trem dos emigrantes» os portugueses que trabalham no estrangeiro viajam muitas vezes de pé, sem aquecimento, para poderem vir a Portugal

Também ainda não nos consta de qualquer diligência que procure facilitar a passagem por avião. Organumos turísticos franceses organizam actualmente viagens nos períodos de férias (Natal, Páscoa, Verão), por 500 francos (cerca de três mil escudos), enquanto os emigrantes pagam 900 francos e a tarifa comum é de 1.500 francos.

Lembremos que os comboios superlotados (mais de 24 horas de pé) são por vezes mais caros que as tarifas de avião da associação «sans frontières».

Ter a cargo a pasta da emigração é ser confrontado à globalidade dos problemas de uma população: trabalho, condições de vida, ensino, transportes, formação profissional, cultura, desporto, recreio. De momento, parece ter-se em conta essencialmnete a entrada de divisas.

É por isso que os emigrantes estão cépticos quando a direcção do turismo lhes proclama: «Passem férias em Portugal»!

SOEIRO SARMENTO

AS POPULARES LIVRARIAS
PUB.
CDL
OFERECEM LIVROS
AOS LEITORES
DE «O DIÁRIO»
Leia «o diário» de dia 10

3K
GRANDE CAMPANHA DE NATAL
Preços excepcionais até 31/12/76.
Grande ampliação da nossa filial
na Rua D. Estefânia, 47

1 mesa com tampo de vidro claro Ø 100 e estrutura cromada 4 cadeiras de encartar com estrutura cromada assento e costas em poliester transparente
7.137$

Mesa "STAND" de 90 x 60 estrutura em aço cromado tampo em termolaminado branco
Cadeira com estrutura de aço cromada assento e costas em napa 3 cores
2.448$
702$

Beliche ou 2 camas 80 x 190 com escada espaldar, estrado de rede em estrutura de aço
Sofá 1 cama com estrado de rede e estrutura em aço pintado
5.184$
4.293$

10.500$

QUARTO DE CASAL
Guarda fatos com 3 portas toucador mesa de cabeceira cama de 140 x 190 revestimento em poliester
17.500$

MOVEL LIVING
Estante com trifacada bar box TV
3 armários com portas
Prateleiras e gavetões
27.500$
CANDEEIROS DESDE
427$5

Maples revestidos em veludo com estrutura cromada
Mesa de centro rectangular com estrutura cromada e tampo de vidro fumado 117 x 55
1.890$
CANDEEIRO
2.032$
3.114$
2.961$

Conjunto tritico com 3 mesas de apoio estrutura cromada e vidros fumados.

MINI-PREÇOS

3K MÓVEIS
LISBOA
Rua D. Estefânia, 47 Telef. 53 97 89
PORTO
Rua de Camões 215 223 Telef. 2 34 98
Rua Dr. Alfredo Magalhães, 5 Telef. 2 34 98

ATENÇÃO Este material é exclusivamente vendido nas nossas Filiais aqui indicadas.

Com acréscimo de 10%, ocupamo-nos dos transporte e montagem em qualquer ponto do País. Queira remeter 30% como sinal da sua compra. O restante pagará no acto da entrega, dentro de 2 a 3 semanas, de acordo com o nosso programa de viagens para a província.

Estrangeiro

POR CAUSA DO PETRÓLEO

Afrodite não podia nascer hoje no Mediterrâneo

FELIX ALEXEEV "Novosti"

Afrodite, filha de Urano, nasceu da espuma branca das vagas perto da ilha de Citera. Hoje para a lançarem no mundo os deuses teriam de escolher outro local: as imensas extensões do Mediterrâneo estão poluídas pelo petróleo. Dos 1.650 milhões de toneladas de petróleo transportados em 1975 através do mundo por via marítima, cerca de 360 milhões atravessaram o Mediterrâneo. Quando os petroleiros são limpos, 8,4 por cento do peso total do petróleo fica nas cisternas ou é lançado ao mar. No caso dum petroleiro com a tonelagem do «Terry Canon» estes resíduos de petróleo representam cerca de 400 toneladas.

Os deuses teriam rejeitado igualmente o Báltico, onde passam pelo canal de Kiel três mil petroleiros por ano. Só na faixa costeira sueca registaram-se mais de 200 casos de lançamento de petróleo. No caso do Báltico, cada mancha de petróleo representa um perigo particular, porque nas suas águas frias o petróleo decompõe-se muito mais lentamente.

O petróleo é uma espécie de droga para os habitantes do mar: certos peixes, que provaram o petróleo uma vez, já nem se esforçam por sair da zona intoxicada. Abúlicos como drogados, bancos de peixe aguardam a hora da morte. Os especialistas soviéticos estudaram as consequências duma poluição local pelo petróleo nas águas costeiras do mar de Barents. Descobriram que a biocenose, comunidade natural de diferentes organismos que levaram séculos a formar-se, está em vias de destruição. E hoje os cientistas já não conseguem dizer que peixes mamíferos, aves ou outros habitantes do mar poderão subsistir à custa da biocenose agora em formação. As manchas de petróleo não ameaçam apenas os mares. Produzem-se ainda alterações em muitos elos do equilíbrio natural e os seus resultados podem causar prejuízos em locais sitos a muitos quilómetros de distância das refinarias ou dos «comboios» petroleiros. A película de petróleo que cobre a superfície marítima impede a evaporação de água e há menos chuvas. A grande seca que há dois anos devastou a África Ocidental foi, em parte, provocada pelo petróleo, que manchou sectores importantes do Mediterrâneo — esta é pelo menos a convicção do cientista francês Alain Bombard.

Os mares estão cansados, já não conseguem depurar-se num ciclo de transformações naturais e destruir tudo quanto os homens neles lançam, sem sequer repararem no que fazem: produtos de petróleo, detritos tóxicos de empresas industriais, dejectos fisiológicos das cidades, etc. Mas a humanidade tem possibilidades de evitar a morte dos mares, de reconstruir as suas forças vitais, os seus recursos. Para o conseguir terá porém que unir os seus esforços. Seria absurdo construir instalações de depuração dum lado do mar se do lado oposto continuassem a poluí-lo. Os Estados europeus participantes na conferência de Helsínquia salientaram que só com uma estreita cooperação internacional se podem resolver numerosos problemas do meio ambiente.

As actividades realizadas no território dum Estado — salienta-se na Acta Final da Conferência — não devem causar degradação ao meio ambiente num outro Estado e em regiões situadas para lá da sua jurisdição nacional. Os progressos técnicos e a gestão planificada dos recursos naturais devem ser compatíveis com a protecção do meio ambiente a salvaguarda do equilíbrio ecológico. Os princípios formulados na Acta Final poderiam ser chamados de Carta da Atitude Internacional para com a Natureza. Os êxitos ou malogros na sua realização prática influirão no bem-estar dos povos e no desenvolvimento económico de todos os países europeus.

A necessidade mais vital para os europeus é afastar a ameaça duma guerra e fazer cessar a corrida aos armamentos. Realizando este objectivo não se sanearia apenas o clima político: a construção de instalações de filtragem em vez das rampas de lançamento de foguetões ajudaria a purificar o ar e as águas da Europa. Nos dias de hoje as actividades comuns em muitos domínios da vida material e cultural podem ser desenvolvidas com mais firmeza e numa escala mais vasta, traduzindo-se em resultados positivos. Por isso a URSS insiste em propor congressos europeus sobre os transportes, energia, meio-ambiente. Essas reuniões poderiam estabelecer um programa ecológico, tendo em vista os interesses nacionais e pan-europeus.

A Imprensa ocidental sublinhou já uma das particularidades do plano quinquenal soviético: pela primeira vez na história dos quinquénios, se consagra um capítulo à protecção do meio ambiente, à utilização racional e à reprodução dos recursos naturais. Para a realização deste programa foram atribuídos 11 mil milhões de rublos. Basta o facto de este capítulo se incluir no plano quinquenal para se ver a importância que actualmente se concede na URSS aos problemas ecológicos. Claro que o primeiro objectivo do programa é solucionar os problemas nacionais de protecção do meio ambiente. Mas os soviéticos consideraram que este programa se deve cumprir também tendo em conta os compromissos assumidos em Helsínquia. Dá-se grande atenção, por exemplo, à solução dos problemas ecológicos suscitados pelo aproveitamento de vastas regiões do país.

O governo soviético adoptou desde o princípio do quinquénio medidas de protecção contra a poluição do Báltico, Mar Negro e Mar de Azov. Previu a realização de todo um leque de medidas — instalação de equipamentos especiais nos navios, criação duma rede de instalações de filtragem nos portos e cidades, implantação de tecnologia menos danosas para o meio — que, nos próximos anos, reduzirão ao máximo a «contribuição» nociva do país para a poluição dos mares europeus. A fase que se seguirá terá em vista a criação dum esquema universal de protecção e enriquecimento da natureza desses mares por um período que vai até ao ano 2000.

Os programas regionais são completados por um vasto plano a longo prazo de luta pela sobrevivência de todo o oceano mundial. Este plano talvez parecesse demasiado pródigo aos governos ocidentais: necessitará de novos gastos da ordem dos 11 mil milhões de rublos além dos já atribuídos. Poderia Afrodite nascer da espuma branca dos mares europeus? E nós, os simples mortais, poderíamos entrar no mar sem corrermos o risco de o petróleo nos sujar? Para que o Mediterrâneo e todos os mares da Europa possam ainda merecer o amor dos deuses e garantir o bem-estar aos homens, exige-se que os povos cooperem estreitamente no combate à poluição. Os países do campo socialista estão prontos a essa cooperação.

PUB.
INSTALADO NA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES
TODAS AS NOITES ÀS 21.30 H. (JUNTO AO CINEMA IMPÉRIO)
O PUBLICO CONTINUA A APLAUDIR COM GRANDE ENTUSIASMO
A NOVA COMPANHIA DO MAIOR E MAIS ALEGRE ESPECTACULO DO ANO
CIRCO MARIANO
(O VOSSO-CIRCO) EMP. HENRY TONY

VENHAM VER EM TODOS OS ESPECTÁCULOS, A ALEGRIA DAS CRIANÇAS E ADULTOS
HEIDI • PEDRO • AVÔ ALP • YUKI
• DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS •
"OS ELIZABETH'S E CAMPOS FILHOS"
1.ª vez em Portugal vindos dir. de Inglaterra "OS ELEFANTES BEBÉS"
IMPORTANTE: NO CIRCO MARIANO, O MAIS LUXUOSO DE PORTUGAL, NÃO CHOVE, AS CADEIRAS SÃO ESTOFADAS E TEM AQUECIMENTO GERAL
ATENÇÃO: PREÇOS ESPECIAIS PARA ESCOLAS, COLEGIOS E ORGANIZAÇÕES DE FESTAS. CONTACTAR c/ HENRY TONY, TELEF. 291 10 62 OU NO CIRCO
ESPECTÁCULOS TODAS AS NOITES, AS 21,30 HORAS ← QUINTAS e SÁBADOS: «MATINÉES», ÀS 16.30 HORAS ← DOMINGOS e FERIADOS: 2 «MATINÉES», ÀS 15 e 18.00 HORAS
(AS BILHETEIRAS ABREM ÀS 17 HORAS. DIAS DE «MATINEE», ÀS 11 H.) PARA TODOS

ATENÇÃO

RESERVE ANTES QUE SE ESGOTEM os MORANGUEIROS REMONTANTES
Lote de 5 plantas=120$00
Lote de 10 plantas=200$00
Adubo especial=30$00
PEDIDOS AO APARTADO 4087 • LISBOA

PSOE assumiu a liderança do socialismo em Espanha

«Não ganhou nenhuma corrente, nem a social democrata, nem a marxista. Ganhou a socialista»: palavras de Felipe Gonzalez, secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol — PSOE, ao fim das 22 horas do 27.º Congresso deste partido, que ontem terminou em Madrid, sentido e classificado, como um acontecimento «enorme» pelos observadores e «histórico», pelos meios políticos, sociais, financeiros e pela maioria dos espanhóis. Eufórico, um dirigente do partido dizia antes do encerramento: «Há 44 anos que não se celebrava um congresso socialista em Espanha e não é todos os dias que se realizam congressos como este». Foram, afinal, quatro dias de intensos debates, em que participaram 700 delegados de todo o país, facto que leva a France Press a afirmar que o PSOE «surge como o único partido de esquerda verdadeiramente capaz de enfrentar as eleições legislativas previstas para antes de Julho do próximo ano».

O correspondente da ANOP dá sinal positivo aos resultados, à projecção, à organização e ao impacto causado junto ao público e aos meios políticos. Durante o 27.º Congresso do PSOE não se registaram incidentes nem provocações. Como saldo político contabiliza-se a eleição de uma Comissão Executiva bastante homogénea, tanto quanto permitiram as inevitáveis tendências, além de uma actualização de posições e de atitudes, sobretudo ideológicas, bem como a ordem de dinamização de «protagonizar» a vida política do país. Tudo isso faz com que o PSOE, que não abrange todo o campo socialista espanhol, assuma, pelo menos, a sua liderança praticamente absoluta.

A nível internacional, o PSOE também chegou ao fim do congresso com a imagem reforçada. Dizia um dirigente socialista europeu: «Só aprovaremos a entrada de Espanha na CEE, quando o Partido Socialista Operário Espanhol disser que em Espanha se verificam as condições mínimas de democracia».

O certo é que a táctica de Adolfo Suarez terá, a partir de agora, que contar com esta força, à qual vinham sendo impostas condições, e que passou, por sua vez, a ter força para também exigir e condicionar.

A Declaração de Princípios Políticos e Ideológicos aprovada em congresso reafirma o PSOE como «um partido de classe e, portanto, de massas, marxista e democrático, internacionalista e anti-imperialista». O estudo desta declaração foi um dos mais cuidados e a sua votação das mais polémicas, pois contém as bases do partido. Entretanto, nos princípios socialistas do PSOE não consta a palavra «nacionalização», mas é preconizada a sociedade «autogestionária», ao mesmo tempo que exige a liberdade de criação, crítica, controlo e gestão dos trabalhadores em todos os terrenos. Quanto à estratégia a seguir, o PSOE considera a «ruptura democrática» como o único processo pacífico que devolverá a soberania ao povo. Durante este período, o partido manterá uma estratégia combinada com as outras organizações democráticas da oposição e uma mobilização de massas para pressionar as negociações. No campo sindical, o PSOE apoia a União Geral dos Trabalhadores e defende a unidade sindical desde que não seja imposta, mas livremente decidida pelos próprios trabalhadores. Para o Estado, o PSOE quer uma «República Federal dos Trabalhadores, integrada por todos os povos do Estado Espanhol, com uma Constituição que garanta o direito à autodeterminação.

Entretanto, um telegrama da Reuter diz que uma delegação da Organização para a Libertação da Palestina — OLP, abandonou a sessão de encerramento, em protesto por não ter sido autorizada a falar e contra a omissão, na resolução sobre assuntos externos, à luta palestiniana contra Israel. Por outro lado, de acordo com a ANOP, «a ausência de Mário Soares foi mal compreendida por parte dos delegados do congresso e, em consequência disso, criou-se um clima de frustração». Assim, Felipe Gonzalez explicou uma notícia divulgada ontem pelo jornal «El Socialista» — órgão oficial do PSOE, na qual se dava conhecimento que os delegados assobiaram a leitura, no plenário, de um telegrama do secretário-geral do PS e Primeiro-Ministro português, excusando-se pela ausência.

PANAMA

Confirmados os planos de "desestabilização"

Um vasto plano de «desestabilização» contra o governo do Panamá foi confirmado, depois das confissões de um preso, Jorge Rodrigues Aizprua, que reconheceu a sua cumplicidade na fabricação de bombas, de acordo com instruções recebidas dos Estados Unidos.

Os resultados do interrogatório de Aizprua comprovam ainda a implicação de membros da oligarquia panamenha, preocupados em travar o processo de transformações que está a ocorrer naquele país centro-americano e em eliminar o seu condutor (general Omar Torrijos) do actual panorama político do Panamá.

O plano, concertado pela oligarquia deslocada do poder, era de provocar na população um estado de alarme e de desconfiança, através da colocação de bombas em diferentes locais da capital. Segundo as declarações de Rodrigues Aizprua, piloto profissional, os materiais «niple», pólvora e detonadores de tempo, chegaram às suas mãos na cidade norte-americana de Miami, entregues por outros dois contra-revolucionários panamenhos. Esta versão demonstra que existe, nos Estados Unidos, uma conspiração contra o Panamá, idêntica à que existe contra Cuba, igualmente com sede em Miami. Ainda segundo as declarações do detido, os seus contactos revelaram-lhe serem amigos de um deputado pelo Estado norte-americano de Delaware, o qual estaria interessado em reunir-se com eles para se inteirar do actual estágio da política panamenha. Esses mesmos contactos disseram ainda terem conhecimentos em círculos próximos ao presidente eleito dos Estados Unidos, Jimmy Carter, e que, através de um dos seus colaboradores mais chegados, tentariam marcar uma entrevista sobre as negociações acerca do Canal do Panamá.

Este plano de «desestabilização» teve início no passado mês de Setembro, quando grupos pró-oligárquicos e pró-imperialistas que contaram com a participação de soldados norte-americanos estacionados na Zona do Canal, provocaram graves distúrbios mediante um protesto simulado contra a «alta do custo de vida». Posteriormente, na própria Zona do Canal, explodiram várias bombas. Nesta ocasião, o governo de Omar Torrijos foi enfático, ao assinalar que os actos terroristas tinham como propósito criar mau ambiente [illegible] as negociações do novo tratado sobre o Canal [illegible] segundo os quais também o Panamá e não apenas aos Estados Unidos, como até agora.

SEM HONRAS E COM CENSURA

Multidão disse adeus a Jango

Sem as honras de praxe e perante uma enorme multidão que invadiu a sua pequena cidade natal foi enterrado na tarde de terça-feira, o ex-presidente do Brasil, João Belchior Goulart, que ficou sepultado no jazigo da família, no cemitério de São Borja, Estado do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que a Censura Federal dava ordens terminantes «emanadas das altas esferas», às emissoras de rádio e televisão do país, para que não fossem difundidas quaisquer notícias sobre a sua vida privada e política.

Entretanto, toda a Imprensa brasileira deu à morte de Jango, destaques de primeira página. Os jornais mais importantes do país publicaram a sua biografia política, informando ainda da decisão dos generais de Brasília de não permitirem que fosse decretado o luto oficial e as determinações da Censura quanto às rádios e às televisões. Entretanto, somente a «Folha de São Paulo» publicou um comentário sobre Jango, apresentando um editorial sob o título «Fim de um Período» onde a certa altura chama atenção para o facto de poucos terem sido os que aceitaram fazer declarações, ao contrário do que aconteceu recentemente, aquando da morte de outro ex-presidente, Juscelino Kubitchek de Oliveira. A «Folha de São Paulo» estabelece comparações entre João Goulart e Getúlio Vargas, destacando que «Getúlio tinha um programa que realizou mal ou bem. Goulart foi um reformista sem programa».

Mas, apesar de poucas, as declarações sobre Jango, apareceram. O cardeal arcebispo de Salvador D. Avelar Brandão, por exemplo, disse que João Goulart foi uma vítima do próprio populismo que o degradou e, posteriormente, o desterrou. O presidente do Congresso Nacional, Magalhães Pinto, não fez comentários, mas recordou a cordialidade de Jango que «procurou, mediante reformas, cuidar do aspecto social brasileiro». O historiador Hélio Silva, autor de «1964 — Golpe ou Contragolpe» referiu-se às «dificuldades» para obter dados sobre os acontecimentos de 1964. Outras personalidades como o ex-presidente Jânio Quadros, o governador de São Paulo, Paulo Egídio Martins, e o governador do Rio Grande do Sul, Sinval Guazelli, preferiram não fazer qualquer comentário político, limitando-se apenas a elogiar as «qualidades humanas» de Jango.

Líbano: primeiro-ministro procura formar Governo

«Conservador, apolítico e muito profissional» eis como os comentadores libaneses resumem a personalidade do muçulmano sunita, Selim Al Hoss, escolhido pelo presidente libanês para exercer o cargo de primeiro-ministro. Muito ligado aos meios da alta finança e com educação norte-americana, Hoss é casado com uma filha duma das mais proeminentes famílias cristãs do país.

Durante todo o tempo que o conflito grassou no seu país, Hosso manteve uma posição neutra, a mesma, aliás, que caracterizou a actuação de Sarkis.

O novo primeiro-ministro começou hoje a espinhosa tarefa de constituir governo. Espera-se que o gabinete inclua 10 ou 12 tecnocratas, em vez dos chefes de facções de esquerda e de direita, que têm dominado os governos desde que o país obteve a independência da França.

Este governo não político será provisório. «Reconstruir a economia, as instituições e os serviços públicos» foram os objectivos indicados por Hoss para a actuação do seu governo.

O jornal «Am Nahar», refere entretanto, que Sarkis poderá declarar o estado de emergência, governando por conseguinte, com censura e por decreto no caso de as diversas facções não fazerem entrega do armamento pesado à Força Árabe de Paz.

MENSAGEM DE CARTER À N.A.T.O.

A coexistência pacífica é melhor que a guerra fria

«A Aliança Ocidental encontra-se agora em melhor posição que nos anos anteriores. O flanco meridional — Portugal, Turquia, Grécia, e Itália — já não está a desmoronar-se. O perigo mantém-se mas já não é tão grande» — eis um dos três pontos básicos que as agências indicam como constantes da mensagem do presidente eleito dos EUA, Jimmy Carter, que hoje será lida no Conselho Ministerial da NATO pelo secretário de Estado cessante, Henry Kissinger. Os outros dois pontos: «a ameaça soviética cresceu, mas não há motivo para alarme, pois enquanto o Ocidente mantiver o seu poderio, a Europa Ocidental não estará em perigo de ser dominada por um ataque de surpresa», finalmente «qualquer potência ocidental, incluindo os EUA, terá de aceitar o facto básico de que é melhor tentar encontrar uma coexistência com a URSS do que regressar à guerra fria».

Uma novidade nesta reunião: pela primeira vez num comunicado oficial — mais precisamente o comunidado final da reunião dos ministros da Defesa — a NATO menciona o tema das suas relações com a Espanha. Segundo o secretário-geral, Luns, a questão da entrada de Madrid no pacto será tratada depois das eleições gerais que se devem realizar em Espanha antes de 30 de Junho do ano que vem.

A reunião dos ministros da Defesa terminou sem que se tenha chegado a acordo sobre a montagem, na Europa de estações voadoras com radar, fornecidas, como é óbvio, pelos EUA, e cujo custo — a distribuir pelos 15 membros — totalizaria 150 milhões de contos.

Segundo Joseph Luns, os ministros dos Negócios Estrangeiros depararão hoje com questões difíceis, como as da percentagem do PNB que a URSS consagra ao seu orçamento, e a dum míssil móvel soviético. A preparação defensiva da Aliança, o desanuviamento, a situação na África Austral, Médio Oriente e outras áreas de crise serão abordadas pelos 15 ministros. O mesmo se passará com as conversações SALT.

Quanto ao projecto de desarmamento nuclear recentemente apresentado em Bucareste pelos membros do Pacto de Varsóvia terá, segundo a Reuter, uma recepção muito fria em Bruxelas.

Este ano as despesas dos EUA com a NATO foram substancialmente superiores às do ano passado (um aumento de 8,1 biliões de dólares contra um aumento de 1,2 biliões registado no conjunto dos países da Organização). Os países da NATO dispenderam em média 4,7 por cento do seu PNB com a defesa.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Espectáculos

TEATRO PORTUGUES EM PARIS — MICHEL COURNOT

Como o "Monde" viu "Quatro soldados e um acordeão"

Convidado pelo Festival de Outono, apresentou-se em Paris o espectáculo de Richard Demarcy, «Quatro soldados e um acordeão». Interpretado em português, com legendas projectadas em francês, o espectáculo foi especialmente dirigido à imensa colónia de emigrantes portugueses.

A crítica de Michel Cournot, publicada no «Le Monde» esclarece-nos sobre o interesse que o espectáculo despertou.

«Quatro soldados e um acordeão» é uma peça-fábula que Richard Demarcy e Teresa Mota escreveram, e que diz respeito a um dos acontecimentos essenciais do processo revolucionário português: a tentativa de golpe de Estado de 11 de Março de 1975.

A peça refere principalmente o que se passou no quartel do regimento de Artilharia Ligeira n.º 1, à entrada de Lisboa, que os pára-quedistas do «putsch» tinham por missão invadir a fim de abrir a cidade aos blindados. Os habitantes do bairro acorreram e começaram a dissuadir os pára-quedistas de tomar posse do quartel. O comandante do regimento convenceu o comandante dos páras, durante um diálogo que foi totalmente filmado por uma equipa de televisão que acorrera ao local.

Paralelamente, a peça de Demarcy e Teresa Mota evoca a recusa de obediência do capitão-aviador Mário Jordão, que, no mesmo dia, não cumpriu a sua missão, que era bombardear a estação de radiodifusão da Emissora Nacional, no centro de Lisboa.

«Quatro soldados e um acordeão» é um ponto alto do teatro político e mesmo do teatro contemporâneo. De resto, Demarcy e Teresa Mota recusam a designação de «Teatro político» e têm razão. O que fazem não é, com efeito, documentário, nem histórico, nem mesmo ideológico. A peça não exerce uma acção claramente definida no espírito do espectador. Também não dá uma informação claramente desenhada dos factos. Nisto, o teatro de Demarcy e Teresa Mota pode chocar à primeira vista, os políticos ortodoxos.

UM TEXTO MUITO SIMPLES

Para descrever este teatro sem equivalente conhecido, temos de nos servir de um termo de comparação. Tomemos, por exemplo, um campo. Um campo não completamente exausto mas doente, e que não produz quase nada. Surge um novo rendeiro, que trata desse campo. Admitamos que os personagens da acção são o rendeiro, o tractor, o adubo, os sulcos, o grão para semear, a colheita. Suponhamos também, de passagem, a interpretação de outro personagem, temporário, que não impedirá a colheita final: uma violenta tempestade com chuva de pedra.

Pois bem, não: o teatro de Demarcy e Mota recusa celebrar a história ao nível dessas personagens. Porque há, na verdade, um mundo infinito de outros protagonistas: há as ervas ocasionais e as prejudiciais, e as úteis, há como sempre, pedras nos sulcos e sessenta famílias de insectos, e papoilas, e perdizes, e lençóis de água subterrâneos, e a argila sob o humus, e seis árvores solitárias, separadas, ali, nos quatro cantos do campo há cem ou há duzentos anos, e o traço sinuoso das trepadeiras, e os caracóis, e a bruma que sobe do rio, tudo o que faz que esse campo seja ao mesmo tempo instantâneo e milenar, e ainda as duas filhinhas do rendeiro, e a mãe que prepara a sopa de favas, e vizinhos descontentes ou amigáveis, e um proprietário avarento e o garagista da aldeia que reparou o tractor, e um velho cavalo que já não faz nada, e a moagem para onde será levado o trigo, e os pães que serão feitos. No teatro de Richard Demarcy e Teresa Mota todos esses actores estão presentes, não em pessoa, está bem de ver, mas estão ali, bem presentes em cada uma das linhas do texto muito simples e muito belo da peça — texto de grande poesia só comparável, de longe, pela sua riqueza de emoção e a sua verdade terra a terra, à de um Ritsos, de um Hikmet, embora haja na poesia popular de Demarcy e Mota mais juventude e mais «palpitação cardíaca» e mais frescura de chuva.

E essas centenas de personagens, da papoila ao velho cavalo, da pedra escondida à rapariguinha risonha; são, na verdade, a natureza sensível, as vozes, imediatas através das quais a peça passa para representar o acontecimento. O rendeiro e o tractor e o trigo de semente, ou então, em **Quatro soldados,** o artilheiro e o aviador e o povo do bairro, são literalmente animados e levados por essa multidão viva que os insufla, por vezes contra sua vontade, mas nunca em seu prejuízo.

No momento em que nos arredores de uma cidade, em frente da porta de um quartel defendido por metralhadoras, se realiza um acto histórico, há uma bandeira branca que, dez metros acima, seca à beira de uma janela, há um desenho azul e vermelho que se apaga num passeio. Este pano e esse desenho não são o cenário, são, também, factores de acção: sem eles, o artilheiro e o aviador tornam-se soldados cegos que também se cegam na dimensão respectiva dos seus actos e dos seus gestos.

Quatro soldados e um acordeon mostra que a coragem política pode ser comprometida por duas tentações, entre outras: a solidão do herói e a sua confiança em si próprio, que é como a sua confiança no dogma, no programa. A peça cura por assim dizer tudo isto devido a uma cumplicidade fraterna entre os vivos, os mortos, os animais, as coisas. Demacy e Teresa Mota esboçam então, através de um tecido de impulsos sinceros e de emboscadas, aquilo que poderia ser uma revolução que não aborta, que não azeda como vinagre.

UMA TÁBUA RASA

A revoluçao de Demarcy e Mota é uma poesia ininterrupta, uma poesia permanente. Mas temos de nos entender acerca da palavra «poesia». Ela é aqui uma tábua rasa. Tudo o que é somente mental, intelectual, é afastado. O espírito só interessa quando dá a mão ao instinto e não ao sentimento, ao olhar verdadeiro, ao tocar certo. A poesia é o contrário do deixar andar, do hábito. A poesia é um constante alerta de todo o ser. A poesia inventa atenções particulares, livres, imediatas. Cançõezinhas inventadas no

Continua na pág. 19

Cenas & Cenários

● EXPOSIÇÃO NO TEATRO ADOQUE

No Teatro Adoque (ali ao Martim Moniz, em Lisboa) está patente ao público, desde há alguns dias, uma exposição de pintura de Estêvão Soares. Ao abrir as suas portas aos quadros do conhecido artista plástico o Adoque joga na divulgação da cultura e na possibilidade de a arte passar a ser um bem essencial acessível a todos e não privilégio de alguns poucos.

De Estêvão Soares escreveu Artur Portela: «Outros valendo muito menos pedem pelos seus quadros muito mais».

● A COMUNA VOLTA À CARGA

«O Governo fascista de Caetano respondia-nos «aolhos» quando exigíamos condições para o nosso trabalho; o Governo actual nem resposta nos dá!», diz em mais um documento enviado à Imprensa e distribuído ao público o Grupo Teatro de Pesquisa, Comuna.

O comunicado, em que se resume a situação alarmante em que a Secretaria de Estado da Cultura lançou as companhias que nesta terra faziam teatro decente fala da história da Comuna e das consequências que a política da S.E.C. vai provocar:

«A Comuna — Teatro de Pesquisa voltou à mesma situação do «antes 25 de Abril». A ignorância e incompetência das autoridades do Poder, que têm a seu cargo o pelouro da cultura, motivaram o corte total do subsídio que a Comuna tinha vindo a receber desde Outubro de 74, e que lhe pagavam os salários dos elementos do grupo.

Numa ocasião em que a Comuna centrava 70 por cento do seu trabalho em espectáculos na província, nos locais de trabalho, tendo actuado em fábricas, centros de cultura popular, empresas, comissões de moradores, escolas, bairros, casas de povo, etc. com espectáculos inteiramente gratuitos; num momento em que a Comuna erguia à custa do produto dos seus trabalhos um centro cultural aberto a exposições — pintura e fotografia —, projecção de filmes, apresentação de grupos de teatro amador e profissional, reuniões, debates, concertos de música popular, concertos de jazz, etc.; num momento em que a Comuna tentava continuar, também à sua custa, a Casa da Criança, aberta às crianças dos bairros pobres, vizinhos da casa, com espectáculos de circo, teatro, filmes, pinturas, jogos etc. a Secretaria de Estado da Cultura resolveu pura e simplesmente ignorar todo este trabalho, cortando a única garantia que o grupo tinha, de sobrevivência: o salário mensal dos seus trabalhadores.

As razões: em Setembro a S.E.C. tinha decidido cortar para 60 por cento o subsídio que atribuía a todos os grupos, ao mesmo tempo, que uma prova de desconhecimento total da prática de cada grupo, impunha condições que a Comuna, em carta, imediatamente enviou a esses senhores, considerou vexatórias e atentatórias da liberdade de criação.

Da nossa veemente recusa, totalmente comprovada pelos relatórios enviados e que davam conta da nossa prática, nem uma linha de resposta, obtivemos. Como, noutros domínios da situação política actual, o poder voltou à redoma sagrada, voltou ao segredo dos eleitos, voltou à farsa dos gabinetes. Os trabalhadores, esses continuam entregues às aventuras dos «Diários do Governo». No 24 de Abril, o Governo fascista de Caetano, respondia-nos «alhos» quando exigíamos condições para o nosso trabalho, o Governo actual, nem resposta nos dá. Esta grave situação, não fará a Comuna parar!»

PUB

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

COMUNICADO

REFERENDUM DE 18/11/76
RESULTADOS OFICIAIS

Informam-se todos os sócios que depois da Conferência final apuraram-se os seguintes resultados:

PONTO UM: VINCULAÇÃO À INTER OU À CARTA ABERTA

— N.º de votantes	12 704
— Votos Brancos ou Nulos	244
— Votos apurados	12 460
— Vinculação à Intersindical	1 421
— Vinculação à Carta Aberta	11 039

PONTO DOIS: CONTINUAÇÃO DA FILIAÇÃO NA INTERSINDICAL

— N.º de votantes	12 704
— Votos Brancos ou Nulos	213
— Votos apurados	12 491
— SIM à continuação da filiação na Intersindical	1 848
— NÃO à Filiação na Intersindical	10 643

Na segunda maior votação de sempre do nosso Sindicato os Trabalhadores de Escritório deram a mais expressiva e categórica resposta, face ao próximo Congresso Sindical.

Após a expiração do prazo oficial para pedidos de impugnação ao referendum, anunciamos a todos os associados, que a partir desta data, o Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, deixa de ser filiado na Intersindical Nacional.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1976

A DIRECÇÃO

TEATRO ABC

Telef. 36 67 45
SÉRGIO AZEVEDO
apresenta

VERA MÓNICA
na Arrumadora
BALLET STAR DANCER'S

Todos os dias 2 sessões
Ás 20.30 e 22.45
Domingos e feriados «Matinée» às 16 horas

A REVISTA
MESMO REVISTA
EM 4.º MÊS
«CADA COR SEU PALADAR»
com HERMINIA SILVA, NICOLAU BREYNER, RIBEIRINHO, VERA MÓNICA, VÍTOR MENDES e LOURDES LIMA

Não perca o início do espectáculo porque assim só vê a 2.ª cena...

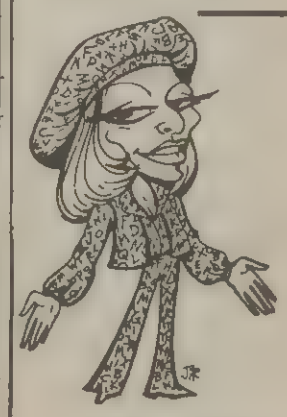
Uma revista que é uma pausa na M... da política

Se perde o início do espectáculo só vê 90 % da revista

N/acons. a m. 18 anos

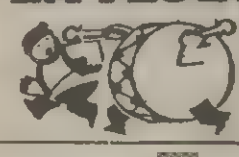
MARIA VITÓRIA
• TELEF. 361740 •

UM ÊXITO!



LYGIA TELLES
em «O Vende-Palavras»

• HOJE E TODOS OS DIAS •
2 SESSÕES: às 20.30 • 22.45 h.
Aos DOMINGOS • FERIADOS «Matinées», às 16 horas
Às 2.as - FEIRAS — DESCANSO
A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!
A NOVA PLURALIREVISTA
O BOMBO DA FESTA!



As atracções: FÁTIMA CALDEIRA e YUKIE

SALVADOR * HENRIQUE SANTANA * IVONE SILVA
À frente de um grande elenco e de um corpo de Baile Internacional

Espectáculos

Teatro português em Paris

Continuação da pág. 18

pátio da escola, canções de embalar feitas sobre leitos de hospital, palavras nativas que cantam com tanta pureza como a água e os eucaliptos. Objectos usuais, lanternas para caminhar de noite até ao estábulo, roupas, pedaços de pão, cobertor dobrado em quatro. A poesia também é essas palavras sussurradas pelas coisas que não foram afastadas, desfeadas, e que são as ferramentas necessárias à vida. É a presença da natureza não poluída, da fértil terra trabalhada, irrigada, mas não corrompida nem extenuada, eis a poesia. A poesia também é a dúvida, e a desobediência se as ordens são glaucas, se as ordens não têm a franqueza e a transparência da poesia.

Então, nessa poesia completa e nua, o artilheiro, o aviador, o civil do bairro, todos juntos pela poesia, são eles próprios poesia e já não são heróis. São uma pequena bola trémula de poesia, uma bola de coisas várias e violentamente unidas, bola de pedra, de cançãozinha, de pedacinho de pão, de avó, de espingarda-metralhadora, de esperança, de projecto, de gaita de beiços, de reforma agrária, de eucalipto, de cobertor, de gestão, de céu, de fábrica, de tractor, bola duvidosa, generosa, indisciplinada, bola sempre alerta, bola-poesia.

Diogo Doria, Filipe Crawford, Natália de Matos, Paula Folhadela, Ricardo Guedes, António Margarido, Teresa Mota são os actores-poesia de **Quatro soldados e um acordeon**. Agradeçamos ao Festival de Outono o ter feito vir este grupo a Paris, e ao Teatro de Aubervilliers o tê-lo recebido.

É absolutamente necessário ver esta peça, não há teatro mais belo, mais modesto, mais fraternal do que este. Também não há mais belo pretexto de meditação política. O Teatro de Aubervilliers está a cinco minutos de automóvel, a um quarto de hora a pé, das portas de La Villette ou de Aubervilliers. Estes jovens portugueses dão-nos um presente magnífico que não podemos recusar. Ou então não falemos mais de política nem de teatro, e que venha o dilúvio.

© LE MONDE

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

Revista... até que ponto?

REVISTA ATÉ CERTO PONTO, de Dário Fernando e Elsa Pinto. Encenação: Paulo César. Interpretação: Isabel Madeira, Dário Fernando, Elsa Pinto, Paulo César, etc. Grupo Acção. Academia de Santo Amaro. 3/12/1976.

Vamos pela primeira vez referir um espectáculo que não vimos na íntegra, embora tivessemos visto mais de metade. O que vimos bastou para nos desencorajar em relação ao que faltava: pela aragem se via a carruagem. Como já perceberam, o que vimos era tão mau, tão incipiente, tão incriticável, que mesmo quem está habituado ao pior, como nos tem acontecido, verifica que há sempre um pior desconhecido.

Claro, há a juventude... simplesmente a juventude deixou de ser uma desculpa ou um alibi. Pelo contrário: hoje, juventude significa responsabilidade. E para com os jovens que temos mais exigências. O que acontece é que estes jovens começam como velhos: o que fazem oculta inteiramente, ou quase, a juventude que devia ser o seu maior trunfo.

Em resumo, este espectáculo é, em revista, uma daquelas récitas que os meninos dos colégios costumavam apresentar para os papás, para as mamãs e para os senhores professores. Mesmo o pretenso atrevimento de que dão provas não é mais do que isso.

Nada disto teria importância se o público não estivesse em causa (e a sua bolsa magra).

Estas palavras não pretendem desanimar ninguém. Pretendem apenas apontar um caminho: o da escola e da oficina, ou seja do trabalho (teatral, entenda-se). Trabalho que implica não só o domínio da técnica, como o aprendizado a todos os níveis: cultural, político, etc. Mesmo com a inevitável dose de paternalismo, isto não podia deixar de ser dito.

NOVOS DISCOS

Aproxima-se o Natal e com ele uma grande ofensiva para colocar no mercado produtos susceptíveis de levarem o que sobrar dos títulos do Tesouro. O sector discos, na circunstância, é dos que conhecem mais agitação na quadra natalícia surgindo as novidades todos os dias, umas especificamente da época outras publicadas a pensar em maior desafogo na vida da clientela.

Assim, foi editado um disco sobre histórias de Marie Piloux, traduzidas e adaptadas por Ema Gonçalves e José David.

Cantam «Piu-Piu e Silvestre», com supervisão musical do maestro César Batalha. Este mesmo maestro, viu agora editado um outro trabalho seu, à frente do Coro de Santo Amaro de Oeiras.

O Coro Infantil também colocou no mercado um LP com 12 temas tradicionais portugueses, entre eles «A caminho de Viseu», «Regadinho», «As pombinhas da Catrina», «Tirana» e «Eu fui ao jardim da Celeste».

Mais três discos portugueses em referência breve: Ada de Castro gravou músicas de Paião e Damas («Canta, Povo, Canta»), Frei Vicente da Câmara surge com um «Hino de Natal», em 45 rotações e Raul Pereira gravou também um acetado, em fados acompanhado por António Chainho.

Linda Ronstadt

De discos estrangeiros está o mercado cheio. Três, no entanto por recentes e conterem belas vozes justificou também uma sucinta referência. São intérpretes Aretha Franklin («Loving you baby» e «Something he can feel»), Esther Phillips («Turn around, look at me») e Linda Ronstadt a menina da gravura, que canta «Heat Wave».

Reeleito Luis Francisco Rebelo

Realizou-se ontem, na Sociedade Portuguesa de Autores, uma assembleia geral para eleição dos corpos gerentes para os próximos três anos. Foi reeleito Luiz Francisco Rebello para o cargo de presidente, e para a direcção, Artur Santos, Joaquim Luís Gomes, Rogério Braçinha, Bernardo Santareno, Artur Ramos e João de Freitas Branco; para o conselho fiscal, Armando Tavares Belo, César Oliveira, e Nóbrega e Sousa, e para a assembleia geral, Frederico de Freitas, Fernando Curado Ribeiro e Manuel Paixão.

Antes da ordem do dia, foi aprovada uma moção de repúdio por uma entrevista concedida pelo conservador do Registo da Propriedade Literária e actual consultor jurídico da Secretaria de Estado da Cultura «em que se procura atingir a SA, cuja autonomia e independência, garantidas pela Constituição da República, os trabalhadores intelectuais se propõem defender intransigentemente».

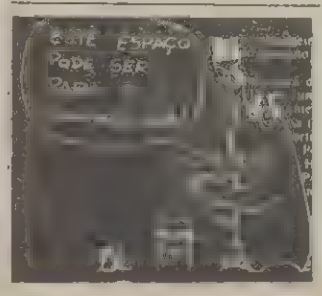
Foi ainda aprovada a atribuição de títulos de sócios honorários aos fundadores desta cooperativa que desde 1923 tem como objectivo a defesa dos direitos dos autores.

Bazar de Natal no teatro de Campolide

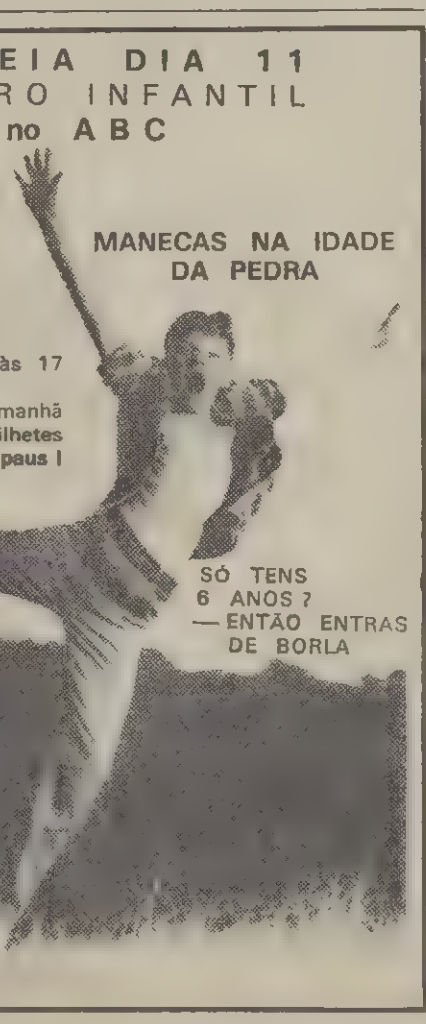
No «hall» do Teatro de Campolide (Rua Marquês da Fronteira, 136) encontra-se presente, a partir de hoje e até ao fim do ano, um bazar de Natal, integrado na campanha de fundos de apoio à actividade daquele grupo cénico para a próxima temporada teatral.

No bazar podem ser adquiridos pequenas prendas, «bibelots», livros e objectos utilitários.

O bazar encontra-se patente ao público de tarde e de noite no decurso do período acima mencionado.



ESTREIA DIA 11
TEATRO INFANTIL
no A B C

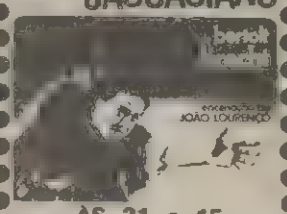


MANECAS NA IDADE DA PEDRA

SÁBADOS
às 15 e às 17
DOMINGOS
às 11 da manhã
PRA TI, os bilhetes são a 15 paus!

SÓ TENS 6 ANOS?
— ENTÃO ENTRAS DE BORLA

TEATRO ABERTO
9 de ESPANHA metro PALHAIS telef 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO



ÀS 21 e 15
SÁBADO TAMBÉM ÀS 15 e 30
Domingo, 12: Descanso
2.ª FEIRA: Ás 21 e 15

Televisão

Hoje

Uma cena de «O Fim da canção»

I PROGRAMA

1.º Período:

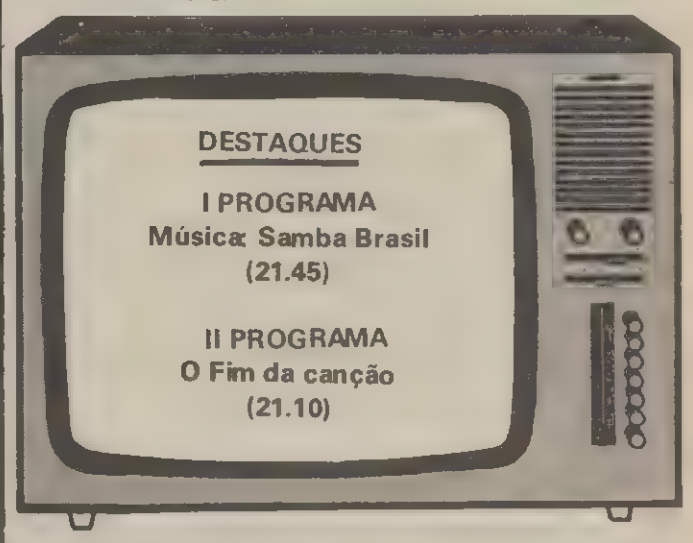
13.30 **Ciclo Preparatório TV**
18.05 Fecho.

2.º Período

18.30 Abertura e **Bonecos** __ Infantil. Rubrica que inclui filmes destinados aos espectadores mais pequenos.
19.00 **Espaço Arte** __ Por intermédio de um personagem de ficção científica um grupo de cientistas terrenos vivendo noutro planeta, inicia uma investigação sobre Arte. Um raio sonda faz um percurso sobre a arquitectura em Lisboa e «Cidades Satélites».
19.30 **O Conde de Monte Cristo** __ A obra de Alexandre Dumas numa série de animação, especialmente dirigida ao público jovem. Produção e realização de Halas e Batchelor.
19.55 **Cientificamente**.
20.30 **Telejornal** __ 1.ª edição.
21.00 **As Trapalhadas do Robin dos Bosques** __ As aventuras desta lendária figura segundo a óptica de Mel Brookes.
21.45 **Musical** __ Samba Brasil.
22.15 **Um Programa da Direcção de Informação**.
23.30 **Telejornal** __ 2.ª edição.
23.50 Fecho.

II PROGRAMA

20.30 **Telejornal**
21.10 **O Fim da Canção** __ Intérpretes: Vassil Michailov, Izhak Fintzi, Dossio Dessenev, Nicola Todev. Realização de M. Nikolov.
«Um moço de lavoura é acusado injustamente pelo patrão que o aponta como ladrão. Revoltado, ele torna-se salteador e deixa a aldeia...
22.45 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

1.º PERÍODO

13.30: Ciclo Preparatório TV; **18.05**; Fecho
2.º Período

18.30: Abertura e Estudio velho, gente nova; **19.00**: Abre-te Sésamo; **19.30**: Tropicália. A presença cultural portuguesa no Brasil; **20.00**: Momento desportivo; **20.30**: Telejornal __ 1.ª edição; **21.05**: Momento político; **21.15**: Melomania; **21.45**: Sandokan. Série de aventuras do famoso herói criado por Emilio Salgari; **23.15**: Telejornal · **23.30**: Fecho

II PROGRAMA

20.30: Telejornal; **21.00**: Um amor sem amanhã. Filme realizado por George McCovan com interpretações de Patty Duke, James Whitmore, Anne Baster, Pat Hingle e Frank Liu; **22.20**: Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Romão Martins deixa futebol benfiquista

Em vésperas de uma assembleia geral, que servirá para os benfiquistas escolherem a sua futura direcção (através de uma comissão que sondará os nomes possíveis para esse elenco) uma nota de abandono: Romão Martins, dirigente do departamento de futebol profissional, anuncia que não prossegue no desempenho do cargo. Ao «Mundo Desportivo», declarou, textualmente:

— A minha missão terminou. Irrevogavelmente...

Romão Martins tem sido, ultimamente, visado em declarações públicas, por vários jogadores da «águia» e, inclusive em recente e conturbada assembleia do Benfica, foi igualmente alvejado com ataques de diversos sectores de consócios.

ALMADA

«Dia do clube», para os associados do Almada que, no próximo sábado, queiram assistir ao jogo do seu emblema com o Barreirense. Logo, toca a munirem-se do indispensável bilhetinho especial.

AVEIRO

O Beira-Mar concluiu, sem qualquer desaire, a sua digressão pela Venezuela: no jogo de despedida (efectuado em Caracas, os aveirenses derrotaram o Alianza, de Lima, por 2-1. Saldo da viagem do novo bloco de Eusébio: três vitórias e um empate. Excelente.

CUBILLAS

O peruano Cubillas foi autorizado, pelo Porto, a representar o seu país nos jogos para acesso ao mundial, mediante um seguro no valor de 300 mil dólares (cerca de 9900 contos).

LEIXÕES

O jugoslavo Lovric, que esteve em Leixões à experiência, não passou nos testes de Joaquim Meirim, pelo que partiu para França, em busca de clube-patrão.

NACIONAIS

Vários encontros acertaram calendários oficiais. Na 2.ª divisão: Espinho, 1-Vilanovense, 0. Na 3.ª divisão: Cucujães, 1-Oliveirense, 1; Anadia, 0-Naval, 1; Campomaiorense, 2-Marrazes, 2; Torralta, 1-Rosarense, 1. Para o nacional de juniores: Vitória de Guimarães, 0-Varzim, 0; Chaves, 3-Gil Vicente, 2; Lourosa, 1-Covilhã, 2; Boavista, 5-Vilanovense, 1; Mirandense, 0-Sporting, 3; Guarda, 3-Feirense, 1.

PARTICULARES

Em jogo particular, o Farense bateu os espanhóis do Rovilla por 3-0 (Tentos de Nando, Mário Jorge e Pedro). Outros embates futebolísticos de características particulares, ocorreram por aí fora, com os seguintes resultados: Braga, 6-Salgueiros, 0; União de Santarém, 0-Sport Lisboa e Cartaxo, 2.

PORTO

Tudo se conjuga para que o F.C. do Porto efectue uma digressão por quatro países da América do Sul (Perú, Colômbia, Venezuela e Brasil) em Junho do próximo ano.

O primeiro encontro da excursão, segundo José da Gama, será efectuado no Perú, país de Teófillo Cubillas, como que em jeito de homenagem aos peruanos e ao seu maior futebolista. Em Lima, os portistas defrontarão o Alianza da capital e o Universidade (também de Lima), rumando depois para Bogotá, onde se encontrarão com o Millionários cindo dias depois.

Em Caracas, na segunda semana da sua permanência na América do Sul a deslocação comporta 20 dias , a equipa de Pedroto participará num Torneio Quadrangular com duas equipas estrangeiras a designar (e a contratar por José da Gama) e o campeão venezuelano ou o Galícia.

O último jogo, no penúltimo dia da digressão, decorrerá em Salvador, na Bahia, e será disputado com o Esporte Clube da Bahia, seguindo depois a comitiva para o Rio de Janeiro onde fará escala de regressar a Lisboa

SALGUEIROS

Indigita-se o nome do técnico brasileiro Aimoré Moreira para treinador do Salgueiros.

SETÚBAL

. Francisco Polido deixou de treinar o «onze» do União Futebol Comércio e Indústria, de Setúbal.

«TAÇA»

. Jogos processados para a «Taça de Portugal»: Cova da Piedade, 1-Aljustrelense, 0; Ançã, 0-Vitória de Setúbal, 9 (jogo efectuado em Cantanhede) e Valecambrense, 0-Boavista, 2. Para nova eliminatória da prova, saltam Cova da Piedade, Vitória de Setúbal e Boavista.

TIRSENSE

. O Tirsense contratou Sousa Pinto (ex-Vitória de Guimarães) mantendo ainda negociações com Faustino, que também representou os Vimaranenses.

U.E.F.A.

Na 2.ª «mão» da 3.ª eliminatória da «Taça U.E.F.A.», registaram-se os seguintes «placards»:

. Estrela Vermelha-AEK, 3-1 (0-2 na 1.ª «mão»); Barcelona-Oesters, 5-1 (3-0); Milão-Atlético de Bilbau, 3-1 (1-4); Schachtor Donetz-Juventus, 1-0 (0-3); Shalke 0-4-Racing Molembeek, 1-1 (0-1); Feynoord-Espanhol, 2-0 (1-0); Videoton-Magdeburgo, 0-1 (0-5) e Colónia-Queen's Park Rangers, 4-1 (0-3). Clubes apurados: AEK, Barcelona, Atlético de Bilbau, Juventus, Racing Molenbeek, Feynoord, Magdeburgo e Queen's Park Rangers.

VILA REAL

Francisco Andrade, que deixou o comando do futebol salgueirista, é pretendido pelo Vila Real.

Hóquei no arranque europeu

. O hóquei patinado português vai estar presente em duas grandes provas europeias: o Sporting concorre à «Taça dos Campeões», enquanto a Associação Desportiva de Oeiras se inscreveu na disputa da «Taça dos Vencedores de Taças».

Os sorteios para estas competições vão processar-se pelas 11 horas do próximo sábado, no Instituto Nacional de Educação Física, em Madrid, sabendo-se já que a eliminatória inicial dos torneios ocorrerá a 12 e 26 de Março de 1977.

José Catel'Branco, presidente do Comité Internacional de Rinque Hóquei e da Federação Portuguesa, assistirá à cerimónia do sorteio.

EM CAIXA

MAREMOTO

Continuam turbulentas as águas da natação «portista». O contencioso entre o treinador inglês Lord e o médico dr. José Santana, pai da nadadora Paula Santana, atinge o ponto máximo face ao propósito da direcção do clube das Antas abdicar do concurso do seu técnico, contra o protesto de uma comissão de pais de nadadores (integrada por Álvaro Silva, António Feio, Fernando Osório, Alexandre Leite, Eurico Lobo e Ferdinando Felgueiras) que pretende encaminhar o caso até uma assembleia geral dos associados do F.C. Porto. Entretanto, o protesto será público: nos próximos jogos de futebol (a realizar por Cubillas e companheiros, nas Antas) haverá cartazes na bancada dos «portistas», contra a atitude do presidente dr. Américo Sá, que resolveu dispensar Lord, dando satisfação ao dr. José Santana.

APROVEITAMENTO

E, por falar em natação: sabiam que, no passado sábado, os nadadores lisboetas que quiseram participar em provas da sua Associação, na piscina do Areeiro, tiveram de pagar bilhetinho de entrada?

Oliveira, Moinhos, Rebelo: nenhum é jogador do Atlético. Mas, nos treinos da selecção até houve lugar para palpites (Carabalo). Será que o «Comité Técnico» vai receben reforços»?

LÁ FORA

CASÓRIO

Nos Estados Unidos, a ginasta soviética Olga Korbut revelou que vai casar no próximo ano, não tendo todavia referido a data. Antes da sua actuação com outras ginastas soviéticas, Olga entrou numa Loja de St. Louis para comprar um vestido de noiva. Interrogada sobre com quem ia casar, a jovem (de 21 anos) respondeu: *com um rapaz.*

CHECOSLOVÁQUIA

O campeão mundial e olímpico de ciclismo, na modalidade de «sprint», Anton Tkac, foi proclamado «O desportista checoslovaco de 1976». Em 2.º lugar ficou o campeão olímpico de tiro «skeet» (Josef Panacek) e no 3.º o veterano guarda-redes Ivo Viktor.

MEDALHÍSTICA

O comité organizador dos Jogos Olímpicos para Deficientes Físicos (realizados este ano em Toronto) decidiu emitir uma série de medalhas às quais foi dado o nome de «The Sir Ludwig Guttman Collection». São cunhadas em ouro (24 carates) prata e bronze, de qualidade excepcional, sendo extraordinária a semelhança com as medalhas actualmente concedidas aos atletas, embora as de ouro tenham cunhado o retrato de «sir» Ludwig.

A tradicional «corrida do Primeiro Passo», iniciativa do Sporting, teve anteontem as pistas do Alvalade cheias de jovens apaixonados pelo Atletismo. Ontem, mais uma jornada: competir, com entusiasmo e alegria, foi o mote geral

ZONA CENTRO

SAI AMANHÃ

Uma nova dimensão no jornalismo regional

Compre,
leia,
assine
e divulgue

Desporto

PORTUGAL

ALMADA

• O pavilhão do Almada Atlético Clube vai ser uma realidade. Em assembleia geral, foi aprovada (por aclamação) uma proposta directiva, no sentido de poder rubricar a outorga à colectividade da cedência dos terrenos necessários para o empreendimento. A comissão que representará o Almada na cerimónia está constituída: Orlando Laranjeira (presidente da assembleia geral), Fernando Paixão (presidente da direcção) e António Soares (vice-presidente directivo).

Hóquistas de palmo e meio: Sporting e Liga de Algés, em «escolas»

ATLETISMO

Vasco Pereira (Benfica) e a formação do Sporting venceram, individual e colectivamente, a «Volta a Paranhos» (Porto). Acudiram a esta organização da Associação Portuense de Atletismo 220 atletas de 40 emblemas, apenas desistindo oito participantes. Depois de Vasco Pereira chegaram José Simões (Associação Cristã da Mocidade, de Coimbra), Carlos Cabral (Sporting), Manuel Paiva (Centro de Atletismo Português) e Alberto Silva (Sporting).

Fernando Mamede (Sporting) triunfou no «Grande Prémio Pedestre de Santa Clara» (Coimbra), enquanto o Benfica averbava o êxito colectivo.

CORTA-MATO

O «Torneio Nacional de Corta-Mato», para praticantes nas Forças Armadas processa-se amanhã, pelas 10 e 30, no Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos (Mafra).

HÓQUEI EM CAMPO

O Oriental vai inscrever-se na Federação de Hóquei em Campo, devendo apresentar-se já na disputa do regional lisboeta.

HÓQUEI PATINADO

Prosseguiu o «Torneio de Abertura» da 1.ª divisão lisboeta, com os seguintes desfechos: Sotto Mayor, 10-Cuf, 1 e Cascais, 3-Amadora, 3. O Oeiras, com mais um ponto que o Sporting (directo perseguidor) comanda a tabela

Mais um clube inscrito nas práticas oficiais do hóquei patinado: o Sporting Clube da Serra ingressou na Associação de Patinagem de Lisboa.

JUDO

O Desportivo Clube do Carmo é uma das colectividades lisboetas que mais tem pugnado pelo desenvolvimento físico da população de vasta aérea. Agora mesmo, pugnando pelo desenvolvimento da sua secção de Judo, organiza (a 11 do corrente, pelas 15 horas) um torneio que tem as portas abertas a concorrentes femininos ou infantis e várias medalhas em equação. A competição vai decorrer na R. Nova da Trindade, 23, em Lisboa.

PESCA

José Pinho Ferreira (C.D. da Póvoa) triunfou no Concurso Nacional de Pesca Desportiva do Mar, realizado pelo Clube Naval Povoense entre os moinhos de Apúlia e o molhe Norte, na Póvoa de Varzim.

TÉNIS

A Escola de Ténis João Lagos foi encarregada, pela Federação da modalidade, de escolher a representação portuguesa ao «Saab King Cup», organizado na Suécia. A esta competição concorrem tenistas portugueses, italianos, belgas, espanhóis e suecos.

XADREZ

Os sportinguistas Luís Santos, Vítor Silva, Rui Marques, António Rocha e António Vilaça arrebataram, para Alvalade, o título nacional de xadrez, que na última temporada já fora pertença dos «verde-brancos». O torneio foi disputado em Coimbra (Clube Desportivo de Celas) e, após o Sportig, classificaram-se as representações do Grupo de Xadrez Alekhine, F. C. Porto, Grupo de Xadrez de Coimbra, Sport Faro e Benfica, Incrível Almadense, Grupo de Xadrez de Braga e Grupo de Xadrez de Santarém.

Andebol "azul" na Holanda

As meninas do andebol belenenses retribuem, no sábado, a visita que receberam das holandesas do Roermond. Deslocam-se as seguintes atletas: Mila, Paula Cordeiro, Ana Dória, Paula Vaz, Dina, Cidália, Vitória, Helena, Aldina, Isabel Robalo, Maria José, Fernanda Chaves e Rosária. Seguem, ainda, o director «azul» Joaquim Jorge, o treinador António Ferreira, o massagista António Abreu e Manuela Funk, a coordenadora da secção.

Recorda-se que as andebolistas femininas do Belenenses foram copiosamente batidas no jogo realizado em Lisboa (5-28), pelo que a 2.ª mão desta eliminatória n.º 1 a «Taça das Campeãs» não oferece às portuguesas qualquer outra perspectiva que não seja sair da prova com dignidade e correcção, aceitando com a maior naturalidade a flagrante superioridade das moças do Roermond.

TÉCNICOS

Entretanto, o andebol prossegue na ordem do dia: acaba de constituir-se a «Anta» (Associação Nacinional de Treinadores de Andebol», cuja primeira lista de corpos directivos abrange os nomes seguintes: Armando Campos (Porto), Almor Vaz (Braga) e Pedro Afra (Leiria), na Assembleia Geral; Rui Coelho, Carlos Lisboa, Fonte Santa, Júlio Veloso, Eduardo Saraiva, Guilherme Arvoredo e Fernando Tavares, todos de Lisboa, na Direcção; Jorge Martins (Faro), Manuel Manita (Setúbal) e António Cunha (Porto), no Conselho Fiscal.

Os hóquistas da «águia»

"ENCARNADOS" DOMINAM HÓQUEI EM CAMPO

O «Torneio de Abertura» da Associação de Hóquei em Campo de Lisboa a concluiu-se ontem, no Jamor, com o Benfica a vencer (2-1) a turma oponente (Futebol Benfica).

As formações estiveram assim:

Benfica: Alexandre; Oliveira, José Manuel e Bernardino; Lima, José Alves e Bagina; Gema, Abílio Alves, J. Henriques e A. Henriques.

Futebol Benfica: Brito; F. Bento, Penajóia e Eduardo Augusto; Saraiva e José Rodrigues; Carlos Gaio, Tibúrcio, Júlio Silva e Jaime Francisco.

Tentos de Abílio Alves (2) e Carlos Gaio.

Efectuou-se ainda outro cotejo, para apurar o 3.º classificado na competição: a turma B do Futebol Benfica levou de vencida a contestação do Belenenses (3-1).

Os melhores da Itália

Foram os seguintes os nomes mais destacados do desporto italiano, no ano que termina agora: 1 — Adriano Panatta, tenista; 2 — Enzo Ferrari, construtor de automóveis de corrida; 3 — Francesco Graziani, futebolista; 4 — Sandro Meneghin, basquetebolista; 5 — Artémio Franchi, dirigente de futebol; 6 — Francesco Moser, ciclista; 7 — Kalus Dibiasi, saltador de trampolim; 8 — Fabio Del Zotto, esgrimista; 9 — Felice Gimondi, ciclista e 10 — Franco Udella, pugilista.

Os feitos desportivos mais importantes praticados por italianos ou registados em Itália foram: 1 — A vitória da Itália sobre a Inglaterra (2-0) no Estádio Olímpico de Roma, para as eliminatórias do campeonato Mundial de futebol de 1978; 2 — A classificação da Itália para a «final» da «Taça Davis» de ténis, a disputar no Chile; 3 — A conquista da «Taça dos Campeões» de basquetebol pela equipa do Mobilgirgi; 4 — O regresso às pistas de Niki Lauda, no «Grande Prémio da Itália», depois do seu acidente em Nurburgring; 5 — As vitórias de ciclistas italianos: Francisco Moser, vencedor do campeonato do mundo de perseguição, em pista, disputado em Lecce e Felice Gimondi, que venceu a Volta à Itália («Giro»); 6 — A reaparição de Helenio Herrera, «Mister HH», como técnico, à frente do Rimini; 7 — As medalhas de oiro ganhas em Montreal por Fabio Del Zotto (em esgrima) e Klaus Dibiasi (trampolim); 8 — A designação de Artémio Franchi como presidente da UEFA; 9 — A classificação do Torino como campeão do futebol italiano; 10 — O renascimento do boxe italiano: em determinado momento, a Itália teve seis campeões da Europa (Franco Udella, Salvatore Fabrizio, Natale Vezzoli, Germano Valsecchi, Vito Antuofermo e Domingo Adinolfi).

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL
CONVOCATÓRIA
A TODOS OS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS

CAMARADAS

Vai este Sindicato levar a efeito várias reuniões nas Empresas para dar conhecimento do que se passa com o CCTV dos Trabalhadores Rodoviários em que o Governo e a RN tentam-nos roubar as nossas regalias já alcançadas e também para dar conhecimento da proposta aprovada na Assembleia Geral realizada no dia 4 no Instituto Superior Técnico, conforme abaixo se transcreve:

PROPOSTA

«Os trabalhadores representados pelo Sindicato de Garagens e Transportes do Centro e Sul, reunidos em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 4-12-76 no Instituto Superior Técnico, decidiram:

1.º Não consentir o protelamento das negociações por mais tempo.
2.º Dar o prazo de 15 dias ao Governo e à R.N. para acabar o nosso C.C.T.V. sem retirar as regalias que os trabalhadores já alcançaram, caso contrário os trabalhadores entrarão em greve de zelo.
3.º Exigem ainda que as PAA e PRT saiam ao mesmo tempo.
4.º Que sejam realizadas reuniões nas empresas até ao dia 19 para ratificação mais maciçamente desta proposta.
5.º No dia 19 de Dezembro far-se-á uma Assembleia Geral definitiva para dar execução a esta decisão.»

ESTA PROPOSTA FOI APROVADA POR UNANIMIDADE

Foi dado conhecimento desta proposta a:
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
GABINETE DO 1.º MINISTRO
MINISTRO DO TRABALHO
MINISTRO DOS TRANSPORTES
RODOVIÁRIA NACIONAL

As reuniões far-se-ão nos locais abaixo indicados e culminarão com uma Assembleia Geral no dia 19 de Dezembro, no Anfiteatro de Minas do Instituto Superior Técnico — Av. Rovisco Pais — Lisboa, para se dar seguimento à proposta aprovada:

— Dia 8-12-76 — CLARAS TRANSPORTES — LISBOA AS «« H))
— Dia 9-12-76 — PALHINHAS — ALVIDE, CASCAIS ÀS 21h00
— Dia 9-12-76 — EDUARDO JORGE — QUELUZ DE BAIXO ÀS 15h30
— Dia 10-12-76 — ARBORICULTORA, L.ª — CANEÇAS ÀS 21h30
— Dia 11-12-76 — EMP. VIAÇÃO ALENQUER — ALENQUER ÀS 21h30
— Dia 12-12-76 — JOÃO C. BELO (SETUBALENSE) — SETÚBAL ÀS 21h00
— Dia 13-12-76 — CLARAS TRANSPORTES — TORRES NOVAS ÀS 21h30
— Dia 14-12-76 — EVA-EMP. VIAÇÃO ALGARVE — FARO ÀS 21h30
— Dia 16-12-76 — TRANSUL — LARANJEIRO ÀS 21h30
— Dia 17-12-76 — BOA VIAGEM TRANSPORTES — SACAVÉM ÀS 21h30

CAMARADA PARTICIPA NESTAS REUNIÕES POIS ESTÁ EM JOGO O TEU CCT
NÃO A EXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS
A LUTA CONTINUA

Lisboa, 6 de Dezembro de 1976
O Presidente da Direcção
José Eduardo M. Borges

Se tem automóvel
ESTE ANUNCIO É IMPORTANTE PARA SI
COTAL

CONJUNTO TÉCNICO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

Nós cuidamos do seu automóvel e oferecemos por 1.000$00 ou 1.500$00 os seguintes serviços:

- *Lavagem completa estrada (para verificação de todos os orgãos à vista).*
- *Lavagem exterior do motor.*
- *Limpeza dos contactos da placa, rotor, bobine e terminais de velas.*
- *Limpeza de platinados e controle de pressão da mola e respectiva afinação.*
- *Afinar folga de válvulas, nos motores com válvula na culasse.*
- *Limpeza e ensaio de velas à máquina e seu calibre.*
- *Reaperto de todos os contactos eléctricos.*
- *Afinar regimen de carga e regulador de voltagem.*
- *Focagem de faróis à altura indicada na Fábrica.*
- *Examinar se há folgas na suspensão e seu reaperto.*
- *Examinar se há folgas na direcção e seu reaperto.*
- *Ajustar o sector de direcção.*
- *Desmontar e montar as rodas e limpar travões.*
- *Examinar estado dos retentores e lavar cubos e meter massa nova, se necessário.*
- *Desmontar e montar o carburador, limpeza, nivelamento e afinação.*
- *Limpar filtro da bomba de gasolina.*
- *Limpar filtro de ar do carburador.*
- *Aperto Geral.*
- *Limpar bornes da bateria e aplicar massa nos mesmos.*
- *Lubrificação geral.*
- *Experiência na estrada.*
- *Apresentação, ao cliente, do relatório das avarias ou correcções que se notem necessárias, incluindo preço e prazo para os trabalhos a efectuar.*

OS CLIENTES PODEM ASSISTIR ÀS REPARAÇÕES
APROVEITE A NOSSA CAMPANHA DE INVERNO

VISITE-NOS

COTAL - A Rua Artilharia Um, 105-A Tel. 68 31 31
LISBOA - 1
COTAL - B. Rua dos Lusíadas, 113-A Tel. 63 10 57
LISBOA - 3

Geral

Lisboa discute "Apartheid" em Junho

O Conselho Português para a Paz e Cooperação (C. P. P. C.) promove em Lisboa, em Junho próximo, uma conferência mundial contra o «apartheid». Por consenso unânime da presidência do C. P. P. C., foram convidados o Congresso Nacional Africano (C. N. A.), a O. S. P. A. A. (Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos) , o Conselho Mundial da Paz (C. M. P.) e outras organizações internacionais.

Segundo apurámos, uma delegação constituída por O. Paliwal, secretário-geral da O. S. P. A. A., J. Nhlanhla, do C. N. A. e Joe Jele, do Secretariado do C. M. P., presente em Portugal, avistou-se já com a presidência do C. P. P. C.

Essa delegação será recebida por vários órgãos de soberania e representantes de várias organizações políticas e religiosas.

No decurso de uma conferência de Imprensa, Joe Jele considerou uma «grande honra para a delegação do Conselho Mundial da Paz encontrar-se em Lisboa para discutir com as forças de paz deste País assuntos de interesse vital para a libertação do povo da África do Sul, dos povos da África Austral e de todos os povos do continente africano».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

ASSEMBLEIA GERAL

Sessão Extraordinária Orçamento para 1977

De acordo com a alínea b) dos artigos 30.º e 32.º, convoco a Assembleia Geral do Sindicato, em sessão extraordinária, para o dia 17 do corrente, pelas 21 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto único — Análise, discussão e aprovação do orçamento do Sindicato para o ano de 1977.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

José Amilcar dos Santos Carvalho

Por força da convocação da Assembleia Geral para o dia 17 de Dezembro e de acordo com o artigo 56.º dos Estatutos, realizar-se-ão Assembleias Regionais com a mesma Ordem de Trabalhos da Assembleia Geral:

Delegação	Local	Data	Hora
Norte	INATEL - P. da Batalha, 32 — Porto	14/12/76	21.45 h.
Centro	Delegação	15/12/76	21.30 h.

NOTA: Só poderão participar nas Assembleias os Trabalhadores que tenham regularizado a sua inscrição como associados do Sindicato. Torna-se necessário a apresentação do cartão de sócio ou de qualquer outro documento identificativo (com fotografia).

NOTARIADO PORTUGUES

CERTIDÃO

Certifico que por escritura pública de nove de Novembro de 1976, lavrada de folhas dezoito a folhas trinta e duas, do livro número B - quatrocentos cinquenta e três, de notas para escrituras diversas do Cartório Notarial de Avis, a cargo do ajudante, em exercício, Simão Rebocho Velez, foi constituída uma sociedade cooperativa sob a forma anónima de responsabilidade limitada denominada «UNIDADE COLECTIVA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA 1.º DE MAIO (AVIS) E.C.A.R.L.», com sede em Avis, para durar por tempo indeterminado.

O objecto da cooperativa é a cultura da terra com finalidades agrícolas, silvícolas ou pecuárias, visando a intensificação da produção, através do aumento das quantidades produzidas e da redução dos custos de produção, o incremento constante da produtividade do trabalho e implantação dos princípios de gestão democrática. O capital social desta sociedade é variável e limitado, no valor mínimo de 1000$00, representado por acções nominativas de 100$00 cada uma, que foi subscrito pelos sócios fundadores, podendo unicamente cada sócio subscrever uma acção.

São condições essenciais para se ser sócio, ser-se admitido como tal pela Assembleia Geral e vir a desempenhar uma actividade produtiva no seio da Cooperativa.

Todo o sócio por sua livre iniciativa poderá exonerar-se da Cooperativa desde que formule por escrito o seu pedido através de carta dirigida à Assembleia Geral e poderá ser excluído mediante deliberação tomada em Assembleia Geral.

Está conforme com o original, e na parte omitida nada há em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

Cartório Notarial de Avis, aos dois de Dezembro de mil novecentos setenta e seis.

O Ajudante, em exercício,
Simão Rebocho Velez

BARES - BOITES
RESTAURANTES TIPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264585/264621/264945

Em LAGOA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Av. Visconde Valmor, 34 - 1.º Lisboa Telefs. 770274 - 763276 - 770066

TÁXIS

CONCURSO

ATRIBUIÇÃO DE ALVARÁS PARA O CONCELHO DA LOURINHÃ

O SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA comunica a todos os seus associados que o concurso para atribuição de ALVARÁS – TÁXI no concelho da LOURINHÃ estará aberto até ao dia 20 de Dezembro de 1976.

NOTA: Para outras informações dirige-te ao Sindicato.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1976

Pela Direcção

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

EmPortugalContinental o céu estava muito nublado e o vento era fraco, chovia em algumas regiões do Norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima ..... 19,4°
VISEU
Mínima ..... 6,4z°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco a moderado predominando de Sudeste; possibilidades de períodos de chuva a partir da noite.

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

PORTO	15°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	12°
FARO	15°
FUNCHAL	13°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.32	4,0 m	10.09	1,0 m
16.52	3,8 m	22.19	1,1 m
Dia 10			
5.03	3,9 m	10.46	1,0 m
17.25	3,7 m	22.56	1,1 m
Dia 11			
5.37	3,9 m		
18.02	3,6 m	11.26	1,1 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.44
OCASO AS 17.15

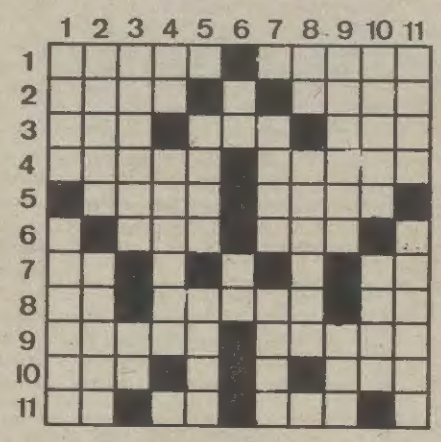
DIA 14 DIA 21 DIA 28 DIA 1

PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11626

HORIZONTAIS:

1 Cidade da Polónia. Tanger.
2 Líquido composto de oxigénio e hidrogénio. Leito.
3 Maior. Pedras de moinho. Chefe etíope.
4 Bagaço de semente oleaginosa que, em Ceilão, se aplicava na lavavem da cabeça. Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova.
5 Formar as abas de. Freguesia do concelho do Cartaxo.
6 Prende. Mulher de baixa estatura.
7 Rádio (s.q). Sadia.
8 Preposição. Porção distinta de matéria. Brisa.
9 Planta têxtil cultivada em Angola e Moçambique. Saíra frequentemente à rua.
10 Tanto. Saudável.
11 O mais. Prefixo de negação. Nome de letra.



VERTICAIS:

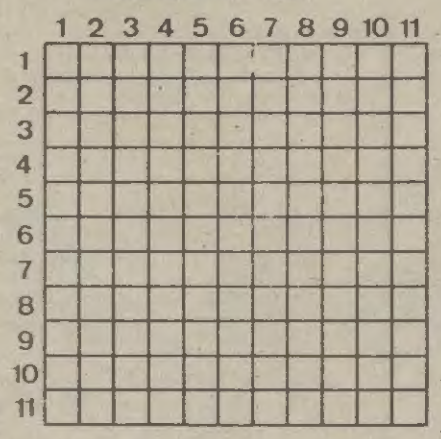
1 Caruma. Tosta.
2 Hoje em dia. Plantio de amieiros.
3 Diz-se da ave do Brasil, que tem as penas arrepiadas. Isolado.
4 Autores. Antiga moeda de prata do Brasil.
5 Vila e concelho do distrito de Évora. Pico do distrito de Goa (Índia).
6 Moderato. Prasiodínio (s.q).
7 Planta do pé. Soberba (fig).
8 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Derramou.
9 Chuva miúda. Membro de ave.
10 Querida. Nome de mulher.
11 Cabo da costa de Portugal. Nome dado na Bíblia, aos antigos reis do Egipto (pl).

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7686

VERTICAIS

1 Lacaio (ant). Fedor. Ruim.
2 Espécie de choupo. Arejar.
3 Vedam. Larva das feridas dos animais.
4 Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Rente. Amónio (s.q).
5 Preposição e artigo definido (pl). Induz.
6 Pequena barra de oiro que serve de moeda entre os japoneses. Moderato.
7 Acrescentei. Esbeltas.
8 Confere. Suspiros. Batráquio.
9 Encaracola (fig). Catedral.
10 Significar. Mulheres dos filhos em relação aos pais dele.
11 Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo. O mesmo que acasala.



HORIZONTAIS:

1 Filha de Neptuno e amada por Júpiter (Mit). Realça.
2 Artigo definido (ant). Vencimento. Átomo.
3 Pesquisas. Romano.
4 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Elo.
5 Abreviatura que se usa em música. Falda. Érbio (s.q).
6 Rio do Estado do Paraná (Bras).
7 Roubar no jogo (fig). Espécie de forragem (Bras).
8 Brisa. Uma das Espórades. Ósmio (s.q).
9 Pronome pessoal. Isolados. Senhora.
10 Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Praia.
11 Em má hora (ant). Sadia. Companheiro de Vasco da Gama.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11625

HORIZONTAIS:

1 QUEM. BASTO.
2 Muar. Merca.
3 Serra. Árias.
4 Lar. Rão.
5 Mo. Romaria.
7 Imã. Cr. Mota.
8 Aí. Soara. UI.
9 Saul. Ânimo.
10 Atulharemos.
11 Maé. Emalara.

VERTICAIS:

1 SEMEIA. Am.
2 Ume. Mista.
3 Eure. Ca. Aue.
4 Mar. Sul.
5 RALO. COLHE.
6 Amara. Am.
7 Amaras. Rara.
8 Ser. Manel.
9 Tri. Imo. Imã.
10 Ocara. Tumor.
11 Asa. Calosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7685

HORIZONTAIS:

1 Loisas. Em.
2 Pr. Terra.
3 Ais. Álito.
4 Laia. Era. Pt.
5 Aramara. Ari.
6 Araçá. Agag.
7 Al. Afoga.
8 Ar. Sentira.
9 Les. Mo. Na.
10 Amiga. Rã. Al.
11 Tiras. Arame.

VERTICAIS:

1 Caala. Dalat.
2 Siara. Remi.
3 Aiara. Sir.
4 Op. Amais. Ga.
5 Ira. Ac. Emas.
6 Lera. Nó.
7 Atira. Ar. Ra.
8 Seta. Afinar.
9 Ro. Agora.
10 Er. Praga. Am.
11 Mastiga. Ale.

PROVÉRBIO: Quem basto semeia, ralo colhe.

farmácias de serviço

LISBOA

Encerram para almoço das 13 as 15 horas

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256)

ALCÂNTARA
Tapada, Calçada Tapada, 83-A (Tel. 634721)

ALFAMA
Arnali, R. Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALVALADE
Sanes Av. da Igreja, 31-C. (Tel. 897505); Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, N.º 57-B (Tel. 765262)

AREEIRO
João XII, Av. João XII, 16-A (Tel. 726462)

ARROIOS
Oriental, de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (Tel. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Avenidas, Av. da República, 27-A (Tel. 533688)

AV. ROMA
Celta, R. Moura Girão, 3-B (te. 890621)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (Tel. 842152)

B.º ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216)

BAIXA
Azevedo, Filhos, P.ª D. Pedro IV, 31 (Rossio) (Tel. 327478)

BENFICA
União, Estr. de Benfica, 592-594 (Tel. 700092)

CAIS DO SODRÉ
Africana, Rua Benardino Costa, 45 (Tel. 369120)

CAMPOLIDE
Oliveira, R. de Campolide, 54-A (Tel. 684424)

CAMPO OURIQUE
Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349)

CARNIDE
J. Ribeiro, Est. da Luz, 199-A (Tel. 780969)

ESTRELA
Gama, Calç. da Estrela, 130 (Tel. 660339)

JANELAS VERDES
Crrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (Tel. 667460)

LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)

OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (Tel. 310581)

PENHA DE FRANÇA
Dimar, R. Conde Monsaraz, 17-B (Tel. 842533)

PICHELEIRA
Mariuz, Calç. da Picheleira, 140-B (Tel. 720703)-728395)

PICOAS
Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (Tel. 548966)

REGO
G. Silva, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (Tel. 771873)

SANTOS
S.A. E. Silva F.os, R. S. Jaão da Mata, 72-74 (Tel. 661010)

S. MAMEDE
Cunha, Rua Escola Politécnica, 16 (Tel. 32 5455)

XABREGAS
Salter, Rua de Xabregas, 83-65 (Tel. 381185)

PERMANENTE

AJUDA
Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (Tel. 638256)

ALFAMA
Arnali, Rua Escolas Gerais, 88-A (Tel. 369120)

BENFICA
União, Estrada de Benfica, 592-594 (Tel. 700092)

CAMPO OURIQUE
A Porfírio, R. Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349)

LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)

PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Picheleira, 140 (Tel. 720703-728395)

PICOAS
Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-A.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Grahjo, 2 (T.2113161)

ALCABIDECHE
Carvalho. Até às 21 horas

PORTO XALVO
Porto Salvo. Até às 21 horas

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147)

OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas

NOVA OEIRAS
Leal. Até às 21 horas

CARCAVELOS
Central. Até às 24 e das 0 às 9 horas

S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas

PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948); Junqueiro. Até às 21 e das 0 às 9 horas

S.JOÃO DO ESTORIL
S.João, Quinta da Carreira, 29-A (T.261186). Até às 21 horas

AMOREIRA
Amoreira (T.262313/267314). Até às 22 horas

CASCAIS
A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Até às 21 horas; Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Clabel, R.António Sardinha, 23-D (T.938551). Toda a noite; Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589). Até às 22 horas; Campos, R.Elias Garcia, 185 (T.930072). Até às 22 horas

DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231). Até às 22 horas

VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161). Até às 22 horas

QUELUZ
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)

MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins 285 (T.2910012)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)

COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)

ALMADA
Central, R.de Olivença, 11-B (T.2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)

BARREIRO
Mascarenhas Neto, R.Almeida Garrett (T.2076454)

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)

MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)

SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)

SETÚBAL
Bocageana, R.do Romeu (T.23425); Bairros, B.Santos Nicolau (T.23330)

SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

ATE AS 22 HORAS
Gondarém, R.de Gondarém 360, Foz Correia de Araújo, R.de Santa Catarina, 259

TODA A NOITE
Terreiro, R.da Reboleira, 21 Pinheiro Manso, R.São João de Brito, 25-29 Santa Teresa, P.Guilherme G.Fernandes, 100 Nova Avenida, Av. Fernão de Magalhães, 692

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (10 anos)
«2.ª Olimpíada de Circo»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.45 (13 anos)
«Tambores na Noite»

VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Isto é que me Dói»

S. LUIS 21.30 (13 anos)
«Tudo no jardim»

Teatro Aberto
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»

ADOQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Grande Cegada»

TRINDADE
21.30 (13 anos)
«História com Grades»

CIRCO MARIANO
21.30 (6 anos)
Alameda D. Afonso Henriques»

LISBOA/Cinemas

CALEIDOSCÓPIO
21.15 (6 anos)
«Branca de Neve e os Sete Anões»

CINEARTE
21.15 (18anos)
«Emilianne»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Loucuras Porno»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Sexo Porno»

EUROPA
21.15 (18 anos)
«O Ultimo dos Duros»

JARDIM
21.145 (18 anos)
«Adeus Bruce Lee»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Os Irmãos de Sangue»

MONUMENTAL
21.15 (3 anos)
Um Homem uma Cidade»

PARIS 21.15 (18 anos)
«A Quadrilha Maldita»

OLÍMPIA
Sessões Permanentes 18 anos)
«Marilyn e o Senador»

ARCO
21.30 (13 anos)
«O Sangue do Condor»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«O Caso do Pervertido Sexual»

RESTELO
21.15 (10 anos)
«Os Gloriosos Malucos das Máquinas Voadoras»

SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«Easy Rider»

VOX
21.15 (18 anos)
«Afeição»

ROCIO
Sessões Perman. (13 anos)
«Laços de Matrimónio»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Perfume de Mulher»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Aaina»

MEM MARTINS
Cine Chaby
2115 (6 anos)
«Onde se Meteu a 7.ª Companhia?»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Brincando com o Fogo»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«A Arena»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (10 anos)
«O Teto de Cristal»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (13 anos)
«A Doce Vida do Delicadinho»

CASCAIS
S.José
21.15 (13 anos)
«Os Canhões de Navarone»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (6 anos)
«O Regresso da Pantera Cor-de-Rosa»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Seita de Vampiros»

PORTO/Cinemas

S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«O Gendarme Casa-se»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Meu Deus, aoque eu chegue

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

SALÃO BEBÉ
21.15 (18 anos)
«Regresso às Cavernas»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Um Detective Acima da Lei»

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«Gigantes em Duelo»

CARLOS ALBERTO
21.15 (6 anos)
«Heidi na Montanha»

JÚLIO DINIS
17.45, 21.15 (18 anos)
«Sexualmente Tua»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Fantasia Azul»

RIVOLI
(18 anos)
«O Soldado Azul»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«A Irmã Rebelde»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Não Há Azar»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«E Tudo o Vento Levou»

ESTÚDIO 400
(13 anos)
«Adão às Seis da Manhã»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Por Quem vamos Morrer»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Os teatros eróticos de Paris»

cinemas

ALVALADE
T. 897490 14.00, 16.30, 19 e 21.15

Os prados floridos, as montanhas, os vastos horizontes, são o pequeno mundo de

3.ª Semana

HEIDI

um filme de Werner Jacob

Para todos

APOLO 70
T.763319 14,16.30,19 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos)
Vittorio Gassman, Alessandro Momo Agostina Belli

PERFUME DE MULHER

5.ª Semana

Hoje às 24,00 horas —

Grupo D (18 anos)

BYE BYE BARBARA

AVIS
T.47163 15.15, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
30.ª semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

BERNA
T.776098 14.00 e 16.30 e 19.00 21.15

Para todos

OS TRÊS MOSQUETEIROS

2.ª semana

Os Diamantes da Rainha
Um espectácular filme de Richard Lester

CALEIDOSCÓPIO
T.795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

O espectáculo de Natal por excelência

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

PARA TODOS

CASINO ESTORIL
T.264996 1/264996 17.00 e 21.15

Não acons. a menores 18 anos

A RAPARIGA DA ORQUÍDEA

CASTIL
Tel 630194 15.00, 17.00, 19.00 21.15

O MONSTRO
(La Bete)
Interdito a menores de 18 anos
3.ª semana
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
Às 24 — Int. a men. 18 anos
A AGRESSÃO

CONDES
T.322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito menores 18 anos

O MISTÉRIO DA CASA ABANDONADA

Real. Daria Argento

ÉDEN
Tel. 320768 14, 16.30, 19 e 21.15

Não Acons. a men. de 18 anos

James Mason, Susan George, Pierry King em

MANDINGO

2.ª Semana

Um filme de Richard Fleischer

ESTÚDIO
Tel. 555134 15, 17, 19 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos
O IMPERIO DOS SENTIDOS
Contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 14.30, 1645, 19 e 21.15

(Interdito a men. de 18 anos
FESTA PRIVADA
c/ isle Camsgard
2.ª semana

IMPERIO
Tel. 55134/5 15.15, 18.30 e 21.10

Jean-Paul Belmondo é

O IMPLACÁVEL

(L'aspagneur)

Num filme de Philippe Labro

3.ª Semana

Não acons. a menores de 18 anos

LONDRES
Tel. 801313 14,16.30,19 e 21.30

Não acons. m. 13 anos

A FLAUTA MÁGICA

Atenção: o filme é exibido logo no início da sessão

MONDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. menores 18 anos
PARA QUE SERVEM OS AMIGOS?
com Anthony Queen, Michael Caine

NIMAS
Tel. 574313/574313

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO

Meio ano de lotações esgotadas

O Chile de Allende e Pinochet

ODEON
Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
— uma maravilha musical indiana
4.ª Semana
MILI

PATHÉ
Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

JUSTINE E JULIETTE

A empresa considera

este filme como pornográfico

POLITEAMA
Tel. 323805 14.15, 16.30, 19, 21.15

Interdito men. 18 anos
Audaciosa revelação sexual
NÃO SAIAS DA MINHA CAMA
Contém cenas event. chocantes
3.ª semana

RESTELO
T.610375 21.15 h

Não acons. men. 13 anos

O HOMEM QUE QUERIA SER REI

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O MERCENÁRIO

ROXY
Tel. 48560 14.15,16.30,18.45 21.15

James Mason, Susan Georg. Perry King em

MANDINGO

Um filme de Richard Fleischer

2.ª semana

Não acons. a men. de 18 anos

S. JORGE
Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15

Charles Bronson
O COMBOIO DO INFERNO
3.ª semana
Não acons. a menores de 13 anos

TIVOLI
Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15

O espectáculo de Natal por excelência!

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

um filme de Walt Disney

Falado em Português

6.ª s mana

UNIVERSAL
Tel. 774402

Às 15, 19 e 21 h.
O INIMIGO PRINCIPAL
um filme de Jorge Sanjinés
(Não acons. m. 13 anos)
Às 17 h.
SANGUE DE CONDOR
um filme de Jorge Sanjinés
(Não acons. m. 18 anos)
Às 23 h.
CORAGEM DO POVO
um filme de Jorge Sanjinés
(Não acons. m. 13 anos)

O JOÃO V
Tel. 971794 às 21.15

Não acons. men. 18 anos

A REVOLUÇÃO SEXUAL

COLISEU
Telef. 361997 Para todos
2.ª OLÍMPIADA DE CIRCO!
Só até ao dia 11
Todas as noites às 21.30 h.
Quintas e sáb. matinée ás 16 h.
Domingos e feriados 2 matinées às 14,30 e 17.15 h.

rádio

1.º rograma
16.00: Música variada; **17.00**: Música do Brasil; **17.30**: Conjuntos; **18.05**: O povo e a terra, programa do E-R-N. — música portuguesa; **19.00**: A criança: Programa do Emissor Regional de Coimbra; **19.30**: Acção sindical; **20.00**: Jronal da noite; **20.30**: Orquestras; **20.50**: Esclarecimento eleitoral; **21.00**: 9.º episódio do folhetim «O Jogral de Deus — S.Francisco de Assis», numa versão original de Álvaro Martins Lopes — contraponto — opinião — uma palavra «cultura»; **23.30**: Polidesporto; **00.00**: Último jornal; **00.15**: Jazz; **00.30**: Música de filmes; **01.00**: Repetição da 1.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S.Luiz — música na noite.

2.º Programa
16.50: Canções Clássicas italianas; **17.00**: Quinzena polaca; **17.30**: Quinzena polaca; **18.00**: As sinfonias de Beethoven; **18.50**: Um solo de piano; **19.00**: O canto e os seus intérpretes; **20.00**: Música sinfónica; **21.05**: Música sacra de Vivaldi; **22.00**: Conjuntos instrumentais; **22.30**: Concerto em sol menor, de Poulenc; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.45**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); **16.10**: Casos ao acaso; **17.10**: Prevenção e saúde; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.03**: Nocturno; **24.00**: Nocturno (continuação); **00.30**: Imprevisto; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

18.00: Entardecer; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **18.45**: Toto desporto; **19.30**: Romance de uma cidade (repetição); **20.15**: Apontamento biográfico; **21.00**: Fecho.

4.º Programa
Emissão Total em Estereofonia

19.00: Em órbita; **20.00**: Programa da noite; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao encontro da grande música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Estante giratória; **00.00**: Meditando; **02.00**: Encerramento da estação.

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Esquema mantém-se

Desmentido do Governo sobre 13º mês

Contrariando (ou desmentindo) o teor das notícias largamente difundidas pelos orgãos de informação anteontem à tarde, o Ministério das Finanças emitiu ainda no dia 7 uma nota oficiosa acerca da questão pendente do 13.º mês.

É do seguinte teor a nota oficiosa:

«Tendo alguns orgãos de comunicação social noticiado que a proposta de lei enviada pelo Governo à Assembleia da República, quanto ao chamado problema do 13.º mês, continha alterações substanciais em relação ao projecto inicial, esclarece-se que:

1.º As modificações introduzidas na proposta de lei não correspondem às notícias divulgadas naqueles orgãos de Comunicação Social.

2.º «No que toca aos valores sobre que deveria incidir a poupança mantém-se integralmente na proposta o esquema previsto.

3.º — As alterações introduzidas são de pormenor, resultando fundamentalmente da necessidade da sua adaptação à proposta de lei».

P C P VOTARÁ CONTRA NA ASSEMBLEIA

Por considerar que «permanecem válidas as reservas e críticas formuladas anteriormente» o PCP, em comunicado da sua secção de Informação e Propaganda, declara que se «oporá firmemente na Assembleia da República à proposta de lei apresentada pelo Governo sobre o 13.º mês, «por considerar ainda que a mesma «continua a consagrar critérios de manifesta injustiça social e a ser profundamente lesiva dos interesses dos trabalhadores».

Depois de salientar que tais medidas, apresentadas pelo Governo, inserem-se «numa falsa política de austeridade que pretende fazer pagar apenas aos trabalhadores o preço das dificuldades económicas e financeiras que o País atravessa», PCP acrescenta que o projecto do 13.º mês em títulos «está a coarctar projectos feitos pelos trabalhadores com base no recebimento do 13.º mês, no preciso momento em que o agravamento do custo de vida se torna dia-a-dia mais preocupante e afecta gravemente o nível de vida da população laboriosa».

O PCP denuncia também a «gravidade do comportamento de algumas empresas que suspenderam o pagamento integral do 13.º mês, sem que qualquer legislação a tanto as autorize» e refere que «simples comunicações oficiosas ou anúncios de intenção do Governo não têm qualquer valor legal antes de ser convertidos em decretos-leis devidamente promulgados».

Sindicatos reagem a Barreto

Continuação da pág. 1

Referiu depois as linhas de acção do seu ministério para os próximos seis meses, que passará pela entrega de mais meia centena de reservas, além de outros casos de desocupações. Sobre as expropriações que ainda há a fazer o ministro disse que tal acontecerá numa segunda e terceira fases, sem especificar quantos milhões de contos o Governo vai gastar em indemnizações aos latifundiários enquanto se queixou dos três milhões atribuídos ou utilizados nestes dois anos pelos trabalhadores.

SINDICATO DE PORTALEGRE «PALMAS DOS AGRÁRIOS»

O Sindicato Agrícola de Portalegre não quis, deixar de emitir uma opinião sobre a intervenção televisiva do ministro da Agricultura e Pescas. «Lamentamos que os trabalhadores não possam castigar, suspender, despedir como faz o Governo porque se isso fosse possível 'despedíamos já' António Barreto» disse-nos, o presidente do Sindicato Agrícola de Portalegre.

Na sequência da sua crítica às afirmações do ministro da Agricultura o dirigente sindical diz «que os agrários cada vez que esse homem fala, batem-lhe palmas». Acrescenta ainda que os trabalhadores do distrito de Portalegre ficaram revoltados. «Esse senhor Barreto é idealista ao pensar que dirigindo calúnias ao Sindicato não está a dirigi-las aos trabalhadores. Ele esquece-se que o sindicato são os trabalhadores... O que lhe podem interessar os trabalhadores se António Barreto está ao serviço dos agrários? O Governo fascista quando não podia governar utilizava as forças da GNR.

O mesmo propôs o sr. António Barreto. A intervenção dele, para além do facto de ser revoltante, foi canalizada para pescar votos à direita» e para cair nas boas graças da CAP. De parte dos trabalhadores já não conquista «graças». Todos sabem que ele é um grande «barrete».

A propósito do dinheiro, dos «desvios» propagados por António Barreto na Televisão o Sindicato de Portalegre pergunta ao sr. ministro e ao Governo o que foi feito das nossas reservas de ouro e do dinheiro que eles tinham pedido emprestado no estrangeiro? «Essa seita mais vale que apresente contas ao povo do que falar nos três milhões de contos que vieram para o Alentejo. Nós sabemos muito bem que esses senhores do Governo esbanjam o nosso dinheiro em ordenados de trinta ou quarenta contos ou mais enquanto nos querem impor o salário mínimo de 3.5000 escudos».

Em Coimbra e na Caparica P.S.P. recua ao clima dos "velhos tempos"

Coimbra viveu ontem à tarde momentos que, para muitos elementos da sua população, se pareceram estranhamente com acontecimentos ocorridos ainda antes do 25 de Abril. Com efeito, a violenta carga da polícia de choque contra estudantes que pacificamente se manifestavam contra o ministro Sottomayor Cardia, presente num comício do seu partido, no Teatro Avenida, fez recuar o ambiente da cidade ao clima do fascismo.

O tom claramente antiestudantil de grande parte das intervenções registadas, levantou o protesto dos estudantes presentes, obrigados, a partir de certa altura, a abandonar o Teatro, por elementos da segurança do PS, que agrediram alguns deles.

Concentrados a partir de então em frente àquela casa de espectáculos, os estudantes gritavam palavras de ordem como: «A luta continua, Cardia para a rua» e «revogação imediata do decreto de gestão».

Registou-se, entretanto, o aparecimento de duas carrinhas da polícia de choque, cujos ocupantes carregaram à bastonada sobre os estudantes. Alguns destes tiveram que receber tratamento hospitalar.

O comício prosseguia entretanto, com muitos lugares vazios na plateia e no balcão, tendo Manuel Alegre dito a dado passo aos cerca de 300 socialistas presentes: «Se necessário for eu, e o camarada Mário Soares que virá também, corremos o distrito de ponta a ponta e mobilizaremos o povo para ocupar a Universidade e mostrar a essa meia dúzia de energúmenos, de que lado estão os trabalhadores».

NA CAPARICA

A Costa da Caparica também foi alvo da violência e ainda está por definir o número de feridos que elementos do C. D. S. e forças da P. S. P. causaram nas fileiras dos progressistas daquela localidade que protestavam contra as provocações verificadas por parte de militantes do Partido de Freitas do Amaral quando da sua entrada naquela localidade.

Com efeito, o comício convocado pelo CDS para o Cine teatro Copacabana daquela localidade foi, desde o início, caracterizado por uma série de provocações contra a população local. Começando por entrar na Costa da Caparica sem respeitar os sinais de trânsito, os «CDS's» viriam a comportar-se ao longo da sua estadia na Costa como uma «força ocupante» ciente de que tudo lhe seria permitido.

Perante tal desenrolar de situações, não era de espantar que algumas dezenas de pessoas indignadas se concentrassem em frente ao Cineteatro Copacabana gritando «Abaixo a reacção». Foi nesse preciso momento que as portas do cineteatro se abriram dando passagem a elementos da segurança do CDS que sem mais nem menos dispararam três tiros. O que se seguiria iria assumir aspectos vergonhosos pois várias carrinhas da PSP surgiam no local repletas de polícias equipados de bastões, capacetes e viseiras os quais, em vez de carregarem contra aqueles que disparavam sobre as pessoas indefesas, se voltaram, com energia, contra todos aqueles que se encontravam no largo principal da Costa da Caparica e nas ruas adjacentes.

O rescaldo como era de prever é grave. Embora não se conheça ainda o número exacto, várias pessoas foram feridas ou pelos bastões da PSP, ou pelas matracas do CDS.

Militares julgados no Porto

PORTO, 9 — É lida, esta tarde, no Tribunal Militar desta cidade, a sentença relativa ao processo movido a dois militares e a um civil, acusados de homicídio frustrado na pessoa do coronel Saraiva, comandante da Escola de Formação de Sargentos de Lamego.

Na audiência de anteontem os advogados negaram as acusações formuladas aos seus constituintes, salientando a sua falta de fundamento, constante nos próprios autos. O dr. Machado Vaz sublinhou que os seus constituintes estavam, no banco dos réus apenas por se identificarem com o M.F.A.

Muro desabado ameaça moradores

Por não haver local para onde possam ir, os habitantes de nove barracas do Bairro da Liberdade que o desabamento de um muro deixou à beira de um precipício, não saíram do local, apesar das recomendações dos elementos dos Sapadores Bombeiros que ali acorreram.

Um dos moradores das barraacas agora em perigo ouviu de madrugada um ruído suspeito que afirmou ser muito semelhante ao de um compressor ou de um perfurador automático e sentiu vibrações que não soube a que atribuir e que cessaram pouco tempo depois.

Só de manhã é que se apercebeu de que o muro ruira durante a noite, colocando a sua barraca e as dos seus vizinhos em perigo. Convocados, elementos dos Sapadores Bombeiros retiraram alguns pilares perigosos e recomendaram a evacuação dos residentes, ao que estes se recusaram.

Continuação da pág. 1

utilizam. E enquanto a negligência e a cumplicidade — às mais comprometedoras cumplicidades — lhes servirem de cortina de protecção, o País estará à mercê de «reaccionários» que se comportam como «terroristas». A legalidade democrática está à mercê de aventureiros e de mercenários, de homens sem escrúpulos e sem ideal, que confundem o «bombismo reaccionário» com o argumento político, com a actividade cívica, com o patriotismo.

Os «patriotas da bomba» nada têm que ver nem com as virtudes dos «defensores da ordem», nem com a Pátria, nem com o «25 de Abril». São reaccionários. São fascistas. São bombistas que andam à solta.

Até quando? Com a protecção de quem?

nota tome

BACALHAU A PATACO

Num comício do CDS efectuado no Pavilhão dos Desportos gritou-se, entre outras coisas: «Liberdade sim, socialismo não». Mas o ponto alto foi quando se gritou uma palavra de ordem muito adequada à quadra que vivemos: «Bacalhau p'ró Natal, só com Freitas do Amaral».

Aí estamos de novo no bacalhau a pataco antes de umas eleições. Ou será que o dr. Freitas do Amaral tem, realmente, um armazém de bacalhau lá em casa?

PALAVRAS DE UM MINISTRO

O ministro Barreto afirmou isto em Beja: «o Sul não é nem será jamais a Sibéria de Portugal (...) o Alentejo tal como está é uma empresa organizada quase militarmente para a tomada do Poder, para a opressão dos trabalhadores alentejanos e de todos os cidadãos alentejanos».

Lê-se isto e percebe-se porque os homens da CAP, Casqueiro e companhia estão contentes com o actual ministro! Será que António Barreto desconhece que, tal como em Braga e na Guarda, houve eleições gerais no Alentejo? E que os trabalhadores votaram em quem quiseram e em quem confiam?

QUEM DISSE?

Poucos dias após as denúncias de que a JC (Juventude Centrista) está implicada no terrorismo nazi que perpassou por alguns liceus do Porto, Álvaro Braga Júnior considerou, num comício realizado pelo CDS, no Palácio de Cristal, a JC como «a mais forte juventude portuguesa, por aquilo que resistiu até hoje». E não ficou por aqui no seu exagero discursivo. Revelou ainda que «os militantes da JC serão os governantes do futuro», pelo que «o amanhã está garantido».

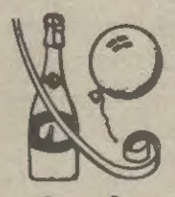
Restam-nos duas consolações: 1.º) já não é nova a linguagem daquele perfumado caudilho da JC, vulgar nos tempos da Mocidade Portugesa que ferozmente resistiu à democracia e ao socialismo; 2.º) com o conhecimento da «resistência» da JC e dos seus propósitos, certamente que aumentará a luta contra o regresso ao passado.

Imagine-se o que seria o aperaltado Júnior a governar.

EXCURSÕES EM AUTOCARROS
PASSEIOS TURÍSTICOS

Com a qualidade internacional CLARAS. Confortáveis autocarros com aquecimento. Óptimos Hoteis com banho privativo. Passeios com Guias oficiais especializados.

NATAL EM ALDEIAS PORTUGUESAS
Partidas a 24 de Dezembro
MINHO E GEREZ - 3 dias - 2240$00
BEIRA - 3 dias - 2170$00
ALTO ALENTEJO - 3 dias - 2100$00



FINS DE ANO SUCESSO
SALAMANCA - 3 dias - part. 31 Dez. 2470$00
VIGO - 3 dias - part. 31 Dez. 2790$00
MADRID - 4 dias - part. 30 Dez. 2900$00
TANGER - 4 dias - part. 30 Dez. 4230$00

AMENDOEIRAS EM FLOR
ALGARVE - 3 dias - part. 19-21-28 Jan. 4-11 de Fevereiro.....1 890$00
BARCA DE ALVA - 3 dias -part.11-18-25 de Fevereiro e 4 de Março.....2 200$00

VIAJE COM CLARAS E DESCUBRA PORQUE OS NOSSOS PROGRAMAS SE ESGOTAM COM RAPIDEZ. PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS.

PLM 03

CLARAS
UM DEPARTAMENTO DA RODOVIÁRIA NACIONAL EP
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 33 - TEL.560015 - LISBOA-2

«NEM 8 NEM 80»
Um prato dos «antigos» ao preço «antigo»
NO
CAFÉ CANAS
RESTAURANTE
SNACK-BAR
Rua Saraiva de Carvalho
CAMPO DE OURIQUE

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM OUTUBRO: 40 930 EXS.